UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

ADRIANA MARA LEOPOLD

**O ENVELHECER NA PERCEPÇÃO DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS E SEM
FILHOS: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

ADRIANA MARA LEOPOLD

**O ENVELHECER NA PERCEPÇÃO DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS E SEM
FILHOS: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Lineu Norio Kohatsu

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catologação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Leopold, Adriana Mara

O envelhecer na percepção de mulheres idosas solteiras e sem filhos: um estudo na perspectiva da Psicologia Analítica / Adriana Mara Leopold; orientador Lineu Norio Kohatsu. -- São Paulo, 2017.

135 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. envelhecimento. 2. psicologia junguiana. 3. mulheres. 4. solteira. 5. não-maternidade. I. Kohatsu, Lineu Norio, orient. II. Título.

Nome: LEOPOLD, Adriana Mara

Título: O envelhecer na percepção de mulheres idosas solteiras e sem filhos: um estudo na perspectiva da Psicologia Analítica

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós.

Anônimo

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Lineu Norio Kohatsu, por acreditar e iluminar os caminhos desta pesquisa com suas orientações, presença e apontamentos sempre tão pertinentes.

À Prof^ª Dr^ª Laura Villares de Freitas e à Prof^ª Dr^ª Ruth Gelehrter da Costa Lopes, pelas ricas contribuições no exame de qualificação que permitiram o crescimento deste trabalho.

À minha mãe, meu exemplo e minha inspiração, que sempre me mostrou que não devemos seguir os padrões, nem baixar a cabeça por ser mulher.

Ao Francisco, meu marido, pois sua presença foi fundamental desde muito antes desta minha jornada iniciar. Obrigada por seu apoio, incentivo e por me fazer acreditar ser possível. Às minhas Miyuki e Jujuba, companheirinhas felinas que estiveram sempre perto com suas gracinhas e carinhos, trazendo-me alegrias.

Às amigas, aos amigos e aos familiares, por estarem ao meu lado, torcendo por mim antes e durante este processo.

À amiga Fabiana Haddad Kurbhi, pelas ricas tardes de Jung regadas a deliciosos cafés, pelas noites com Schopenhauer e pelos apontamentos teóricos e práticos que enriquecem tanto minha formação.

Às amigas e amigos do Espaço Alanna, por me abrirem tantas portas, por me emprestarem os ouvidos e os ombros nos momentos de dúvidas e incertezas e também por me indicarem caminhos.

À Camila, minha analista, por todo o suporte que tem dado em minha trajetória pessoal e profissional.

Às minhas colegas e aos meus colegas desta pós-graduação, pela troca e pelo compartilhamento. Em especial, à Lia e à Denise, pelas trocas ao longo das reuniões e por seus trabalhos tão inspiradores.

Às professoras e aos professores por me proporcionarem tanto conhecimento e ampliar meus horizontes.

À Liane Pilon, por seu excelente trabalho de revisão.

À Sônia Rusche, por ter me apresentado às minhas queridas idosas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

A todas as pessoas idosas que me ensinam tanto sobre a vida todos os dias!

A vida de uma árvore, a vida de uma mulher, não precisava e não precisa ser assim, tolhida e retalhada para abrir caminho para outra coisa de valor duvidoso. Há outros modos de viver sua vida e deixar outras vidas em paz; de se harmonizar, de chegar ao pleno florescimento por toda parte.

Clarissa Pinkola Estés

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nomes (fictícios) das participantes, idades e datas das entrevistas.

RESUMO

O processo de envelhecimento vem ganhando destaque em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento. A cronologização da vida é uma realidade em todas as sociedades, mas não necessariamente representa a ideia subjetiva que o indivíduo tem sobre o próprio envelhecimento. O aumento da expectativa de vida tem resultado em fenômenos como maior número de mulheres que vivem a fase da velhice e que têm dado um novo significado a essa experiência. As mulheres da pesquisa, que hoje são idosas, vivenciaram uma época em que o matrimônio e maternidade eram tidos como sinônimo de felicidade. Contudo, pouco se fala a respeito de mulheres que não seguiram tais padrões. Assim, foram realizadas entrevistas com quatro mulheres idosas solteiras e sem filhos, de idades entre 72 e 91 anos, a fim de verificar suas percepções de envelhecimento. A partir do relato das histórias de vida, verificou-se que, em relação a elas, o imaginário de uma velhice solitária e sem apoio não é válido. A família e a comunidade exercem uma rede de suporte informal que fornece atenção e suporte. O casamento não foi desejado e muitas vezes foi tratado como algo negativo. O trabalho revelou ser um marcador importante e garantia de subsídios na vida adulta e, após a aposentadoria, na velhice. Do ponto de vista simbólico, a Psicologia Analítica contribuiu para o entendimento subjetivo da experiência de envelhecimento. Imagens arquetípicas das deusas gregas auxiliaram na compreensão das diferentes formas de ser mulher em todas as etapas da vida.

Palavras-chave: envelhecimento; psicologia junguiana; mulheres; solteira; não-maternidade.

ABSTRACT

The aging process has been gaining prominence in research from several different fields of knowledge. The chronologization of life is a reality in all societies, but it does not necessarily represent the subjective idea that the individual has regarding his own aging. The increase in life expectancy has resulted in phenomena such as a higher number of elderly women, who have given new meaning to this experience. They lived through a time when marriage and maternity were synonymous to happiness. However, little is said about those women who did not follow these patterns. Therefore, interviews were conducted with four women, aged 72 to 91, in order to verify which is the perception of aging for these never-married, childless elders. From their life story accounts, one can perceive the notion of a solitary and forsaken old age does not apply to them. Marriage was not desired and was many times seen as something negative. Instead, work was an important livelihood marker both in adult life and in old age, after retirement. From a symbolic standpoint, analytical psychology contributed to the subjective understanding of the aging experience. Archetypical images of Greek goddesses helped comprehend the different ways of being a woman in all stages of life.

Keywords: aging; old age; junguian psychology; elderly; never-married; childless.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	15
1 ENVELHECER E SER VELHA	20
1.1 AQUISIÇÕES E PERDAS NA VELHICE	23
1.2 ENVELHECER SENDO MULHER	26
2. O ENTARDECER DA VIDA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA	34
2.1 DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E INDIVIDUAÇÃO	35
2.2 SENEX E PUER	41
2.3 A VELHICE	42
2.4 DA BRUXA À VELHA SÁBIA	45
3. MÉTODO	49
OBJETIVO GERAL	49
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	49
AS PARTICIPANTES	51
PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	53
PROCEDIMENTOS ÉTICOS	53
4. RESULTADOS	54
4.1 JUSTINA: UMA VIDA SOSSEGADA...	54
4.2 NINA: O TREM DA VIDA, À ESPERA DA ESTAÇÃO	62
4.3 CARMEM: DA AVIAÇÃO AO CUIDADO	67
4.4 DALVA: A MINHA VIDA É UM FILME DE RIR E CHORAR	82
5. DISCUSSÃO	97
5.1 CASAMENTO E FILHOS: HERA E DEMÉTER	98
5.2 REDES E LAÇOS	101
5.3 VELHICE	104
5.4 TORNAR-SE ÚNICA	110

CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICES	127
APÊNDICE A	127
ANEXOS	130
ANEXO A	130
ANEXO B	134

APRESENTAÇÃO

O contato com pessoas mais velhas sempre me remeteu a outros tempos, tempos estes em que a cidade ainda se construía como futura selva de pedra. Por meio das narrativas que eu ouvia, transportava-me para outras épocas na história. Tenho em mim mesma o maior exemplo disso.

Minha mãe nasceu em 1939, ano marcado – entre outras coisas – pelo início da Segunda Guerra Mundial e pelo falecimento de Freud. Parar e pensar nesses acontecimentos com os olhos de hoje, pensar em quanta coisa mudou desde então é quase uma viagem no tempo. Costumava ela me contar suas memórias de uma São Paulo antiga, por onde bondes desfilavam nas avenidas, e isso sempre me marcou muito. Até hoje, ao ouvir as histórias das pessoas velhas, penso no quanto foram testemunhas da história que remetem às transformações do mundo.

Esses pensamentos me levaram ao encantamento à primeira vista com o trabalho da Prof^a Ecléa Bosi de dar voz aos velhos como testemunhas de uma história que não se lê nos livros oficiais. Essas histórias me interessavam. Vi nos relatos de vida presentes em seu livro parte da minha própria história pessoal. Era como me conectar a esse outro tempo.

Busquei me debruçar mais sobre esse encanto e optei por buscar histórias de vida, pois ali estão os tesouros que nos conectam ao coletivo e à dimensão arquetípica de estar no mundo.

Percebi que trabalhar com idosos seria uma possibilidade quando na minha graduação em Psicologia pude ter contato com esse público nos estágios da clínica. Até então, isso não me passara na cabeça e eu ainda não sabia bem qual rumo tomar depois de formada. Na época, quase nada se falava sobre o envelhecimento, a população idosa e suas especificidades.

Sou fruto de uma maternidade tardia, nasci quando minha mãe completou 43 anos de idade. Ao longo do meu próprio desenvolvimento, fui acompanhando suas transformações sociais e físicas. A menopausa, a aposentadoria, os cabelos brancos, a cirurgia de catarata, entre outras.

O interesse que me foi despertado em relação aos idosos me ajudou a escolher a pós-graduação em Arteterapia. Na pós, tive oportunidade de estagiar no Centro Dia do Idoso com pacientes com Alzheimer do IPq da USP. Depois, junto com uma colega, desenvolvemos oficinas de Arteterapia em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI). Essas experiências me surpreenderam e me mostraram que cada pessoa é um universo, com infinitos potenciais e que, muitas vezes, não conseguem ser percebidos por quem está em volta no dia a dia.

Tanto a prática quanto as leituras da teoria junguiana estiveram lado a lado nesse processo, no qual eu me percebia mais mergulhada.

Tempos depois, em 2012, ingressei como técnica em um Núcleo de Convivência para Idosos (NCI) – parceria das organizações sociais com a prefeitura de São Paulo. Atuei por três anos como psicóloga, experiência que me proporcionou e proporciona até hoje muitas reflexões.

Percebi que, ali, grande parte dos frequentadores são mulheres, com seus 70 e poucos anos. O perfil era bastante parecido: casadas ou viúvas, com filhos adultos, muitas avós e bisavós. Trabalharam na adolescência e depois saíram do emprego quando casaram. Para muitas, principalmente para as viúvas, aquele espaço proporciona um bem enorme e a possibilidade de serem quem realmente são e de descobrirem novos gostos e talentos.

Contudo, um pequeno grupo de pessoas parecia destoar, pois nunca tinham se casado e não tinham filhos, nem netos para cuidar. Isso atizou minha curiosidade e levantou as questões: quais são os marcadores de entrada na velhice para aquelas mulheres que “fugiam à regra”? Como é ser solteira e sem filhos na velhice? Essas perguntas ficaram guardadas e outras vieram posteriormente à tona, durante as reuniões de orientação do mestrado.

A presente pesquisa é fruto dessas indagações que vieram de uma experiência prática e também de anos de estudo, sempre buscando correlações teóricas com a Psicologia Analítica. As perguntas que originaram os objetivos deste trabalho também têm influência de mitos e lendas. Por meio de meu marido me aproximei da cultura japonesa, que é seu objeto de estudo e, nesse caminho, interessei-me também pelas histórias e folclore desse país. Não me aprofundei nestes estudos, mas tive contato com esse material e fui atraída diretamente pela lenda de Urashima Tarô.

Era uma vez um jovem rapaz chamado Urashima Tarô. Um dia, ele resgatou uma tartaruga que estava sendo atacada por crianças. Passados alguns dias, a tartaruga levou Urashima para o palácio do dragão no fundo do mar como uma recompensa por sua gentileza. Urashima foi levado ao lindo palácio. A princesa Otohime o recepcionou com belas serviçais. Urashima ficou muito feliz por permanecer no palácio por três dias. Quando ele desejou voltar, a princesa o deu uma pequena caixa e disse que ele não deveria abri-la em nenhuma circunstância. Quando retornou à casa, ficou chocado ao ver que tinham se passado 300 anos desde que ele havia partido. Completamente desesperado, ele abriu a caixa, apesar da proibição da princesa, de onde saiu uma fumaça branca e Urashima se tornou um homem velho. (KAWAI, 1995, p. 99, tradução livre)

Trata-se de uma lenda muito famosa e me chamou atenção os anos contidos dentro de uma pequena caixa. Naquela caixinha, estava contido todo o tempo de uma vida e, ao abri-la, Urashima se viu surpreendido pela velhice.

Diante de tudo isso, perguntei-me em que momentos abrimos essa caixinha. É de uma única vez? É em um momento de tristeza? É quando sentimos saudades de algo que já não temos? Eram muitas perguntas que intrigavam, e esta pesquisa é uma tentativa de respondê-las dentro de uma perspectiva junguiana.

INTRODUÇÃO

A mudança no quadro populacional revelou um aumento significativo da população idosa no mundo todo. Os processos de urbanização, industrialização e avanços tecnológicos e científicos na área da saúde são fatores associados a este aumento da expectativa de vida, uma vez que diminuíram a mortalidade com melhores condições nutricionais, sanitárias e ambientais (SOCORRO; DIAS, 2010). Este quadro revela que o número da população idosa no mundo só tende a aumentar; entre 2015 e 2050, a proporção de pessoas com mais de 60 anos de idade deverá passar de 12% para 22% (WORLD..., 2015).

Isso concorda com a afirmação de Jung (2006a), de 1934, que defende que o aumento significativo da longevidade é fruto dos próprios processos da civilização. Assim, envelhecer não é nenhum acidente, escreveu Hillman (1999). Pelo contrário, é necessária uma condição humana para que o ato de envelhecer se concretize. Para nosso espanto, a vida humana se prolonga para além da fertilidade e supera a utilidade muscular e a precisão sensorial. Desse modo, são necessárias ideias imaginativas que podem enriquecer o envelhecimento e falar-lhe diretamente com a inteligência que merece.

A Organização Mundial de Saúde (WORLD..., 2015) elenca quatro principais desafios que se colocam perante o envelhecimento populacional. O primeiro destes se relaciona com a necessidade de atentar para a diversidade no modo de envelhecer, ao invés de se pensar a velhice como categoria homogênea. As capacidades físicas e mentais de cada indivíduo são consideravelmente distintas, independentemente da idade. Ligado a este ponto, temos também as desigualdades no âmbito da saúde, advindas de fatores como família, gênero, situação sócio-econômica ou etnia. O terceiro aspecto é a superação de estereótipos ultrapassados sobre o que é ser velho, predominantemente negativos. Por fim, em um mundo em constantes transformações culturais, sociais e tecnológicas, cada vez mais globalizado e com todas as implicações que isso acarreta, essas tendências precisam ser acompanhadas a todo momento, para que se possa dar a elas a melhor resposta possível. As políticas públicas precisam abarcar toda essa gama de experiências e necessidades.

No Brasil, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), instituído em 2003, é fruto da organização e mobilização popular. Nele, é considerada idosa a pessoa com mais de 60 anos de idade. Além de formatar essa questão, o estatuto foi criado a fim de assegurar os direitos das pessoas idosas e também de garantir que se criem políticas e aparelhos públicos que atendam à

demanda dessa população, impedindo o abandono, isolamento e o desrespeito de direitos básicos idosos.

Parâmetros que determinam a entrada na velhice existem em diversas sociedades. Esse marco, que é também dado pela idade cronológica, rege e ordena a vida das pessoas. Há uma determinada idade para tirar a carteira de motorista, para ingressar na escola, para votar, aposentar-se, etc. Mas será que todos sentem-se da mesma forma?

A questão da percepção subjetiva do envelhecimento foi apontada por Tanaba (1996) em seu estudo, que levou em consideração fatores psicológicos e sociais nas diferentes compreensões do envelhecimento. Para a autora, o envelhecimento é internalizado antes de nos tornarmos velhos, muito provavelmente na fase adulta. Sua pesquisa realizada com profissionais de um hospital de saúde mental, onde residiam muitos idosos, revelou que esses profissionais, de alguma forma, já experienciaram o sentimento de envelhecer, independentemente da idade e do sexo do pesquisado. As relações com a comunidade, com a família e com o trabalho realizado influenciaram nessa percepção sobre o envelhecimento. É interessante verificar que, nesse estudo, os sujeitos atentaram para o próprio envelhecer ao darem-se conta às alterações físicas suas e das pessoas mais novas que viram crescer.

A forma como se percebe a velhice é diferente entre homens e mulheres, conforme constatou Goldenberg (2015). Sua pesquisa revelou diferenças de gênero quando se pensa uma velhice bem ou malsucedida. Os pesquisados quase não associaram mau envelhecimento aos homens; contudo, as mulheres são mais julgadas pela aparência e comportamento.

As mulheres brasileiras estão associadas a um modelo de feminino ligado ao casamento e à maternidade. O casamento era visto como um objetivo maior, sinônimo de realização, e a não concretização disso implicava em fracasso social. O século XX marca a mudança efetiva no papel da mulher para uma presença maior na participação social e do trabalho (CARDOSO apud SOCORRO; DIAS, 2010).

O meu contato direto com mulheres idosas por meio do trabalho como psicóloga permitiu-me, enquanto pesquisadora, observar no cotidiano os impactos da viuvez e da saída dos filhos de casa na vida dessas pessoas, sendo possível perceber no dia a dia o que Bowlby (1998 apud SUZUKI; FALCÃO, 2010) apontou sobre a viuvez. Para o autor, a viuvez pode ser um momento de reinvenção de si mesma e uma oportunidade para refletir sobre novos padrões de vida e adotar diferentes papéis. Nesse contexto, também não era raro escutar dessas mulheres um “viúva, graças a Deus!”, o que indicava inclusive uma vida de sofrimento e submissão ao casamento e ao marido, da qual somente sentiram-se libertas após o falecimento do marido.

Essa percepção da minha prática corrobora com a pesquisa de Goldenberg (2015), que revelou falas muito parecidas com as escutadas no dia a dia de mulheres idosas que se redescobriram em atividades prazerosas que haviam abandonado por causa do compromisso com marido e filhos.

As ideias de reinventar-se, redescobrir-se, apareceram nos discursos das mulheres mais velhas, sempre associadas ao fato de elas fazerem, hoje, as coisas de que mais gostam: estudar, ler, sair, conversar com as amigas, ter tempo para si, viajar. Elas dizem que a felicidade e o prazer podem estar em coisas simples, como dar risadas com as amigas, brincar com os netos, caminhar na praia, ler um bom livro, ir ao cinema ou ao teatro. Muitas disseram que redescobriram prazeres deixados de lado em função do casamento e da maternidade. (GOLDENBERG, 2015, p. 46)

No entanto, esse contato diário com pessoas idosas chamou atenção para aquelas idosas cujo padrão de casamento, viuvez e maternidade não se encaixavam. Este fato levantou o questionamento a respeito desta temática: como as mulheres que não se casaram e não tiveram filhos encaram a velhice e as mudanças ocorridas ao longo da vida? Do ponto de vista da Psicologia Analítica, como pensar a segunda metade da vida e o processo de individuação para estas pessoas?

Pensando nessas questões, esta pesquisa se propôs a questionar os significados do envelhecimento para mulheres que fogem ao padrão imposto do matrimônio e maternidade como sinônimos de felicidade. Para tanto, buscou lançar luz sobre autores que tratam da subjetividade e do envelhecimento enquanto curso do desenvolvimento humano, no qual a velhice está inserida enquanto etapa deste processo.

São poucas as pesquisas encontradas que tratam do tema de mulheres idosas, solteiras e sem filhos especificamente enquanto categoria única, pois grande parte dos estudos costumam priorizar uma das duas variáveis (“solteiros”¹ ou “sem filhos”²). Também foram encontradas autoras³ buscaram compreender o impacto do envelhecimento nas mulheres, trazendo à tona a questão da viuvez, avosidade e saída dos filhos de casa.

Os estudos que tratam do tema de mulheres idosas solteiras e sem filhos ainda se encontram em número reduzido, apesar destas características as incluírem no grupo de maior vulnerabilidade pela suposta ausência da rede de suporte, constituída geralmente pela família (UNITED NATIONS, 2002).

¹ Como nas obras de O’Brien (1991); Pudrovska, Schieman e Carr (2006); e Band-Winterstein e Machik-Rimon (2014).

² Conforme Allen e Wiles (2013).

³ Como Baldin e Fortes (2008); e Oliveira, Viana e Cárdenas (2010).

Pretende-se, portanto, que esta pesquisa possa deixar registradas trajetórias de vida para compreender como essas gerações foram organizando suas próprias vidas a partir de um modelo diferente do imposto, procurando deixar impresso um legado para futuras gerações que, tendo em vista as transformações da sociedade, vivenciarão a velhice de outras maneiras.

Neste trabalho, o primeiro capítulo – “Envelhecer e ser velha” – trata do tema do envelhecimento e da questão da velhice para a mulher. A exposição do tema ocorre a partir de autores e autoras de diferentes áreas do conhecimento, como a Antropologia e a Sociologia, e também de outras abordagens da Psicologia que contribuem com pesquisas a respeito do envelhecimento humano e da velhice, bem como seus impactos subjetivos e objetivos.

O segundo capítulo apresenta diferentes autores da Psicologia Analítica e suas contribuições para o entendimento subjetivo do processo de envelhecer. Neste capítulo, são discutidos os processos de desenvolvimento da personalidade e de individuação e a colaboração dessa perspectiva teórica para pensar o feminino e os aspectos da mulher no contexto arquetípico.

Em seguida, no capítulo três, está descrito o método utilizado na presente pesquisa. Neste capítulo, são esclarecidos os objetivos (geral e específicos), a escolha pelo método qualitativo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, características das participantes e procedimento para análise de dados.

O capítulo quatro expõe os resultados, com a apresentação das entrevistadas individualmente e sistematizadas em quatro grupos: “casamento e filhos”, “relação com a família”, “relações afetivas” e “velhice e futuro”. Junto com os resultados, também estão alguns apontamentos encontrados na literatura voltados às questões da Gerontologia.

Em seguida, no capítulo cinco, trata-se a discussão aprofundada dos conteúdos que surgiram das entrevistas. Aqui, procurou-se estabelecer a análise das experiências das idosas participantes da pesquisa de acordo com a abordagem teórica da Psicologia Analítica. A discussão está também subdividida por temas: “casamento e filhos: Hera e Deméter”, “redes e laços”, “velhice” e “tornar-se única”.

Por fim, tem-se as considerações finais, reflexões que a discussão do presente trabalho suscitou e sugestões para ramificações que podem surgir a partir dos resultados encontrados nesta pesquisa e que não puderam ser contemplados por esta.

1 ENVELHECER E SER VELHA

A respeito da velhice, Beauvoir (1990) escreveu:

Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista. (BEAUVOIR, 1990, p. 15)

Como coloca Beauvoir, a velhice é um fenômeno biológico, com suas consequências psicológicas. Em sua vertente existencial, altera os vínculos do indivíduo com o mundo e com sua própria trajetória de vida. No entanto, a forma como a velhice ou qualquer outra fase da vida se constitui ocorre de acordo com a sociedade em que os sujeitos estão inseridos. A dimensão dada pela sociedade sobre o que é envelhecer é o que torna a questão tão ampla e complexa para quem estuda o envelhecimento e, claro, para a pessoa que já chegou a essa fase da vida.

Desse modo, os parâmetros sociais também definem os momentos dos diferentes períodos da vida. Conforme com Neri (2001), a organização do tempo torna-se também critério social. Apesar de por si só não ser o fator causal do envelhecimento, a idade cronológica é uma variável importante para organizar a conquista de etapas na sociedade, como a maioridade.

Nesse sentido, entende-se que um dos mais importantes critérios utilizados como crivo para decidir se uma pessoa é idosa ou não são os critérios sociais. Destes, decorrem leis e políticas públicas específicas para esse público, como a isenção das tarifas de ônibus, garantia de benefícios como aposentadoria e até a participação nos grupos de convivência. No caso do Brasil, é considerada idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos; já em países desenvolvidos e mais longevos, a idade considerada sobe para 65 anos (BRASIL, 2013; WORLD..., [2016?]).

Esses parâmetros vão organizando as idades, sendo critérios para aposentadoria e inserção nos programas da chamada “Terceira Idade”. O mercado de previdência, criado a partir da década de 1970, é citado por Debert (1999) como exemplo das mudanças que ocorreram na visão que se tinha dos aposentados. Nessa época, na França, esse mercado procurava assegurar o pagamento das aposentadorias mensalmente e também oferecia novos serviços como clubes,

férias e alojamentos. Surge então um novo público, capaz de se engajar socialmente e de consumir serviços exclusivos.

Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar-lhes cuidados culturais, psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. (DEBERT, 1999, p. 61)

Porém, a ideia de que a pessoa equivale ao que produz ainda está fortemente presente nas sociedades ocidentais. Ao idoso, que está fora do mercado de trabalho, recebendo sua aposentadoria ou em situação de dependência, é atribuído o estigma de inútil. Ele mesmo, do lado de fora da lógica da produção, abraça a ideia de inutilidade e de que o espaço pertence somente aos jovens (BOSI, 1994).

Segundo Glascock e Feinman (1981), nas palavras de Danely (2012), o geronticídio e as diversas formas de abandono de pessoas dependentes têm sido documentadas pela área da Antropologia. A segregação e o descarte daqueles considerados mais fracos, que não têm condições de trabalhar e se tornam um grande peso para a família, ainda são presente em algumas sociedades.

Bosi (1994) aponta, em sentido inverso, que em outras sociedades a pessoa velha é um bem social, tem privilégios e é respeitada. A autora conta uma lenda balinesa que fala exatamente sobre o contraste da pessoa velha que é sacrificada e da necessidade de se preservar a memória da comunidade por meio dos idosos:

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado. (BOSI, 1994, p. 76-77)

Não podemos, no entanto, iludir-nos pela ideia de que os velhos sempre foram bem tratados, pois os registros históricos revelam alguns fatos que mostram o contrário. O abuso contra idosos é uma questão antiga e que permeia todos os tipos de sociedade. Os mais jovens, apresentam uma tendência de discriminar e desvalorizar os mais velhos, encarando-os como

um fardo sem função social. Em muitos dos conflitos intergeracionais, vê-se expresso esse desejo de aniquilamento em atos de maus-tratos e negligência (BRASIL, 2014).

O cinema retratou alguns desses dilemas da pessoa idosa em filmes como “A balada de Narayama” (A BALADA..., 1983), “Era uma vez em Tóquio” (ERA UMA..., 1953) e “A arte de viver” (A ARTE..., 1992).

Baseado na lenda tradicional japonesa Ubasuteyama, “A Balada de Narayama” aborda o tema do geronticídio a partir da história de uma comunidade pobre do Japão feudal, pois, segundo a tradição local, as pessoas que completassem 70 anos de idade deveriam ser levadas ao alto de uma montanha e lá deixadas para morrer.

Em “Era uma vez em Tóquio”, Ozu retrata um casal de idosos que sai do interior do Japão e vai visitar os filhos em Tóquio. A história discute o conflito de gerações e da vida na cidade grande. O casal de idosos se vê como um fardo, diante da dificuldade de encontrar espaço na vida dos filhos, sempre ocupados, sem tempo para lhes dar atenção, o que causa a impressão de eles quererem sempre livrar-se deles.

Ang Lee, em “A arte de viver”, também aborda os conflitos de gerações e culturais em que o idoso é exposto. No filme, o protagonista sai de Taiwan, seu país natal, para morar com a família do filho em Nova Iorque. Além do estranhamento e das diferenças culturais, o filme versa sobre o quanto ele se sente afastado desse mundo de jovens e de sua família, tornando-se um incômodo para todos.

Os dois últimos filmes mencionados tratam da ideia expressa por Bosi (1994) a respeito da expectativa sobre os mais velhos: “infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar” (BOSI, 1994. p. 76).

Ou seja, essas histórias ajudam a pensar que as expectativas da comunidade de que a família vai cuidar de seu membro mais velho ainda permanecem na ideia da maior parte das pessoas. Em alguns casos, a tensão é grande quando os idosos vivem com seus filhos adultos. Os atritos aumentam à medida que as pessoas vivem mais tempo, porque seus cuidados geralmente consomem uma grande parcela do tempo e da renda familiar (UNITED NATIONS, 2002).

A velhice, ainda dentro do âmbito familiar, aos poucos vai se destacando dessa esfera privada, a partir da “invenção” da Terceira Idade. Nos anos 1970, novas pesquisas dão outro tom ao tema do envelhecimento. As produções mais recentes da Gerontologia inspiram os

programas da Terceira Idade e procuram ver a velhice não mais como uma situação de decadência física e perdas dos papéis sociais, mas sim como um momento no qual os ganhos que o envelhecimento potencialmente possibilita são realçados. Nas palavras da autora:

Uma nova linguagem pública empenhada em alocar o tempo dos mais velhos faz-se presente na desconstrução das idades cronológicas como marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos e outras formas de lazer são propostas, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. (DEBERT, 2013, p. 29)

Na Europa, os estudos realizados revelaram que existe uma tendência de os idosos viverem sozinhos por consequência de um novo rearranjo familiar, o que não caracteriza necessariamente abandono por parte dos familiares. Da mesma maneira, o fato de os idosos morarem com os filhos não se torna uma garantia da presença de respeito, nem ausência de violência ou maus-tratos. Estudos têm sido realizados no sentido de desmistificar a ideia de que o bem-estar na velhice estaria ligado à intensidade das relações familiares e intergeracionais. Essas pesquisas procuraram demonstrar que a família não é um lugar para os idosos, e que a socialização na velhice deve ocorrer em outras esferas (DEBERT, 1999).

Por outro lado, familiares acusam falta de apoio do Estado às situações que vão se modificando com os novos rearranjos, ainda mais quando o idoso é dependente. A Medicina vê o idoso como fardo, devido ao fato de que seu custo de vida é mais elevado do que o da população em geral no que se refere a tratamentos de saúde, pelo maior número de doenças crônicas apresentados pelos idosos. Isso persiste, pois ainda se tem pelo menos três grandes mitos a respeito da velhice: a redução do envelhecimento a um processo orgânico, a visão de que o processo de envelhecer é uma decadência e a velhice vista como um problema. Isso tudo acaba favorecendo a discriminação e delimitação do lugar do idoso no Brasil (MINAYO, 2006).

1.1 Aquisições e perdas na velhice

Neri (2001) pondera que a plasticidade comportamental do idoso tende a diminuir com o envelhecimento, diminuindo também a sua resiliência. O constante jogo entre ganhos e perdas ao longo da vida toma diferentes proporções na infância, período no qual a ênfase encontra-se no ganho. Na velhice, existe a crença de que há predominância da perda.

A relação entre perdas e aquisições na vida adulta e na velhice muitas vezes está relacionada com a dificuldade de substituir um objeto que se tornou ausente, e a maneira como isso acontece vai depender diretamente de cada indivíduo. Pelo olhar da Psicanálise, o ego é

constituído pelos investimentos em objetos e entes queridos ao longo da vida; ou seja, a imagem que um indivíduo tem de si é baseada no outro pelo qual desenvolvemos afetos. A noção de aquisição ao longo da vida ocorre nessa relação narcísica entre ego e objeto. Por outro lado, a perda decorre da retirada do objeto e isso acontece ao longo do ciclo da vida. Constantemente, aquisição e perda estão presentes na vida das pessoas, mas não necessariamente há uma nova aquisição a cada perda (MESSY, 1993).

Importante esclarecer a diferença existente entre envelhecer e ser velho. O primeiro trata do processo iniciado no nascimento e que permanece ao longo da vida, independentemente de idade. Velhice é o caráter de quem é velho, e não há como determinar uma idade em que esta realmente comece.

Diferentemente do que foi apresentado no início do capítulo, que afirmava que as concepções sociais procuram determinar um marco etário para as fases da vida, a percepção subjetiva da velhice também encontra seu referencial social. Porém, essa percepção ocorre somente quando o indivíduo é atingido por algo de fora que o faz tomar essa consciência. Isso pode ocorrer de diversas formas: por meio da observação do crescimento dos filhos, da comparação entre fotos antigas e novas, da fala “nossa, como ele envelheceu!” vinda de um antigo colega de escola, entre outras. Sendo assim, para responder à questão “quando ficamos velhos?”, é preciso voltar-se a esse repertório social, uma vez que a pessoa é capaz de reconhecer-se “velha” a partir da percepção que tem do outro (MESSY, 1993).

Sobre a percepção do outro em relação ao envelhecimento do indivíduo, Beauvoir (1990) diz:

Nenhuma impressão cenestésica nos revela as involuções da senescência. Aí está um dos traços que distinguem a velhice da doença. Esta adverte sobre sua presença, e o organismo se defende contra ela de um modo às vezes mais nocivo do que o próprio estímulo; a doença existe com mais evidência para o sujeito que dela é vítima, do que para as pessoas mais próximas que, frequentemente, desconhecem a importância do mal; a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para o próprio sujeito; ela é um novo estado de equilíbrio biológico: se adaptação se opera sem choques, o indivíduo que envelhece não a percebe. (BEAUVOIR, 1990, p. 348)

Emerge aqui a ideia de que velhice é somente perda, pela dificuldade de aquisição de novos investimentos. Vemos também o conflito gerado em não perceber-se velho e como esse choque para o indivíduo também contribui para a visão negativa da velhice.

A velhice apresenta-se como uma vivência estigmatizada que revela o velho como um ser desvalorizado e diminuído. Esse estigma apenas contribui para um sistema voltado a evitar a

indesejável velhice, associando-se à imagem da eterna juventude (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Beauvoir (1990) caracteriza a **conspiração do silêncio** em relação aos velhos e questiona o quanto a sociedade é criminosa em relação a eles. O corpo que já não atende a padrões da juventude pode gerar grandes chances de conflitos na velhice, inclusive levando a estados mais depressivos para aquelas pessoas que permanecem focadas nele. Seria necessário, então, investir em planos e novos projetos que não tenham essa relação direta com a aparência.

Nesse sentido, outras imagens a respeito da velhice oferecem um quadro mais positivo, permitindo a abertura de novos espaços para a experiência desta. Como exemplo, tem-se a perspectiva defendida Goldenberg (2015), que, baseando-se na obra de Beauvoir, faz uma contraposição à visão desta a respeito da velhice. A autora coloca que a velhice é uma fase em que é possível encontrar muita beleza, na medida em que é uma oportunidade de se redescobrir e se reinventar, tendo sempre planos e projetos para a vida. A “bela velhice”, como denomina Goldenberg (2015), não tem relação com beleza, estética ou com manter-se bonita e jovem para os padrões da sociedade, mas sim com a capacidade de manter-se ativa em seus projetos.

No entanto, isso não significa necessariamente uma postura mais tolerante em relação a essa fase da vida, uma vez que o que se vê é a valorização da juventude, e não de um grupo etário propriamente dito (DEBERT, 1999).

Outro aspecto que importa abordar é a miséria afetiva que decorre no isolamento dos idosos e fragiliza sua saúde, segundo Lopes (2006). Para ultrapassar essas representações negativas da velhice, é importante o resgate da sensação de pertencimento. O desafio evocado pelo aumento da expectativa de vida permite que as pessoas revejam e reinventem suas trajetórias pessoais. A velhice passa a ser um tempo para novas oportunidades e experiências. Novas abordagens vão sempre se apresentando ao tema do envelhecimento. O envelhecimento ativo, criado nos novos discursos da Gerontologia, atualizaria o conceito de “conspiração do silêncio” de Beauvoir, tirando de vista os dramas da velhice avançada. O envelhecimento ativo estaria, desse modo, mais voltado para os idosos jovens, esquecendo-se daqueles que se encontram na velhice avançada.

Esse compromisso com o envelhecimento positivo encobre os problemas próprios da idade mais avançada. A perda de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais – habilidades essas que, nas sociedades democráticas, são fundamentais para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo capaz de um exercício pleno dos direitos da cidadania – é percebida como resultado de transgressões cometidas pelos indivíduos contra seus corpos e sua saúde. (DEBERT, 2013, p. 29)

De acordo com Silva, Cachioni e Lopes (2012), o idoso mantém sua imagem associada à juventude como maneira de sobrevivência na sociedade. O engajamento em diversas atividades pessoais é usado por muitos como forma de negação da velhice, como se essas atividades não fossem comuns a essa fase da vida por serem constantemente associadas a características da juventude. Para estas autoras, a representação da velhice encontrada atualmente na internet pode causar imagens distorcidas na autopercepção dos idosos expostos a essas representações, corroborando com um falso ideal, uma ideia de velhice longe de ser alcançada.

1.2 Envelhecer sendo mulher

Existe uma miríade de aspectos adicionais específicos à mulher idosa. O debate sobre o envelhecimento destas é muito permeado pela questão da aparência. Beauvoir (1990) explicita como para a mulher, em especial, a cobrança de uma aparência perfeita cega uma sociedade que renega a velhice. Segundo a autora, muito dificilmente alguém se refere a uma mulher mais velha como “bela velha”; “no máximo se dirá ‘uma encantadora anciã’” (BEAUVOIR, 1990, p. 364).

Em **O segundo sexo**, Beauvoir (1967) dedica um capítulo somente para sobre o envelhecimento da mulher. Suas palavras buscam denunciar a crueldade inserida nesse processo. Para muitas mulheres, este tema gera angústia e uma tendência de negar a velhice em nome da aparência da juventude. Trata-se de uma preocupação crescente ao longo da vida, sendo a menopausa vista como um divisor de águas para a mulher adulta, como se um atestado de incapacidade se apresentasse diante da irreversibilidade da velhice.

Todavia, isso não significa que pessoas idosas estejam em situações extremas, na preocupação excessiva ou na ausência desta, quando o assunto é aparência. Mesmo as mulheres mais longevas, com idade superior a 80 anos, preocupam-se com aparência e cuidados estéticos. O autocuidado também significa a possibilidade de refletir uma imagem mais positiva de si mesma, capaz de promover o bem-estar na velhice (MARINHO; REIS, 2016).

Este é um assunto em que a questão de gênero está muito ligada, uma vez que, envelhecer ocorre de maneira diferente para homens e mulheres por diversos motivos. No âmbito acadêmico, segundo Debert (1999), a discussão de gênero encontra-se mais incorporada. Contudo, o mesmo não ocorre em relação à etariedade, apesar desta ser uma dimensão na organização social. Por isso, é importante a discussão destes aspectos. Ao unir esses dois fatores – gênero e etariedade – encontram-se trabalhos que citam a feminização da velhice, mas pouco ainda direcionado ao debate do envelhecimento dentro do próprio movimento feminista.

Debert (2013) relata a falta de representatividade das mulheres idosas nos movimentos feministas, mesmo sendo elas as precursoras do movimento, denunciando opressões. Hoje, vivenciam grandes barreiras no mercado de trabalho e sofrimentos por não se encaixarem nos padrões de beleza, passando, portanto, por inúmeras outras discriminações.

Por que as enormes barreiras criadas para as mulheres mais velhas no mundo do trabalho, nos padrões de beleza, na vida sexual, entre tantas outras formas de discriminação, não são objeto de reflexão pública e das militâncias dessas mulheres que foram tão ativas na crítica feminista? (DEBERT, 2013, p. 18)

O problema do feminismo em relação à velhice, segundo Debert (2013), seria o do reforço de discursos a respeito de um envelhecimento positivo em que se retira a crítica sobre o envelhecer enquanto mulher, corroborando com inúmeras receitas para que as pessoas tenham uma vida feliz na “Terceira Idade”.

Já a velhice mais avançada vê escondida suas questões dentro do âmbito familiar. A pessoa mais idosa se torna um grande peso para as gerações mais novas. Nesse processo, a mulher de meia-idade vê-se duplamente sobrecarregada, como uma “geração sanduíche” que deve lidar com o peso de criar os filhos e de cuidar dos pais idosos ao mesmo tempo (DEBERT, 2013). Por consequência, é preciso também criar condições de cuidados para essas mulheres sobrecarregadas e para os idosos longevos e/ou que apresentam mais condições de dependência.

Tais pontos, aqui levantados, abrem caminho para a importante discussão quanto a rede de suporte social ao idoso. De acordo com Neri (2005, p. 172), as redes de suporte social são “conjuntos hierarquizados de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações de dar e receber. Elas existem ao longo de todo o ciclo vital, atendendo à motivação básica do ser humano à vida gregária.”. Para os idosos, estas relações são fundamentais para cultivar o apoio emocional, tanto recebendo quanto oferecendo esse apoio aos mais próximos. Isso também contribui com o sentimento de que estão sendo cuidadas e valorizadas pelas pessoas mais queridas. As redes de suporte, em países como o Brasil, ainda são bastante informais, pois constituem-se basicamente por familiares, vizinhos e amigos. Ainda é escassa a oferta de uma rede de suporte formal, composta por profissionais especializados aos idosos mais dependentes.

De igual modo, de acordo com Neri (2005, p. 173), as responsáveis pelo cuidado em grande parte são as mulheres, respondendo “a demandas socioculturais e psicológicas, ou seja, a normas de idade e a tarefas evolutivas de reciprocidade e piedade filial”. As relações sociais entre as mulheres também costumam ser qualitativamente superior a dos homens, tendo um maior número de pessoas na sua rede de relações sociais.

O envelhecimento para as mulheres, de acordo com alguns estudiosos na área, teria menos impactos negativos do que para os homens – por não terem uma ruptura tão marcante com o trabalho na fase da aposentadoria – e os vínculos com familiares seriam mais estreitos, o que faria com o que os filhos se preocupassem mais em cuidar da mãe do que do pai. As mulheres estariam mais adaptadas às mudanças corporais, uma vez que passam por elas ao longo de toda a vida (DEBERT, 2013).

A respeito da longevidade, as mulheres são as que vivem mais em grande parte dos países, constituindo 55% da população mundial com mais de 60 anos. Na América Latina, as mulheres vivem cerca de 6,5 anos a mais do que os homens. Algumas culturas valorizam mais o cuidado com o idoso; em países com essa tradição, o número de mulheres vivendo sozinhas é menor do que em países desenvolvidos, porém, é maior do que o de homens vivendo sós. Pode-se dizer que isso se deve ao fato de as mulheres viverem mais, casarem-se com homens mais velhos e não apresentarem uma tendência a um segundo casamento na velhice (UNITED NATIONS, 2002).

As pessoas idosas estão vivendo sozinhas cada vez mais. Em alguns países do Caribe, por exemplo, aproximadamente um terço da população idosa não vive com familiares. A viuvez é fator marcante e quanto mais avançada a idade, maior a proporção de viúvas. Acima de 75 anos de idade, os números são de cinco viúvas para uma mulher casada. Nos países em desenvolvimento, o número de homens viúvos é bem menor do que o de mulheres. Nas camadas mais pobres, as viúvas sofrem não somente com a questão da perda do companheiro, mas também com a perda do *status* social, tornando-se vulneráveis ao isolamento social e à depressão, juntamente com a discriminação e até mesmo com a violência física (UNITED NATIONS, 2002).

Em diversos países da África, por exemplo, os filhos assumem o lugar do pai falecido e cuidam das mulheres idosas, pois ficam responsáveis pela posse da terra ou tem direito ao uso desta. Na ausência de filhos homens, são as filhas mulheres que cuidam de suas mães idosas (mas não costuma ser comum, uma vez que a mulher é responsável pela família do marido). Os irmãos são considerados uma terceira opção, seguida pela comunidade, que muitas vezes abraça o cuidado à pessoa idosa (UNITED NATIONS, 2002).

De acordo com as Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2002), o maior risco de desamparo na velhice está entre mulheres viúvas, divorciadas e solteiras que não tiveram filhos. Citando outro país africano, no Quênia, as mulheres que não tiveram filhos precisam sair de casa para não serem acusadas de bruxaria.

Salgado (2002) chama atenção para a necessidade da criação de programas governamentais voltados para a questão da dependência e do cuidado. A família sempre foi a responsável por esses cuidados aos idosos, entretanto, a autora destaca que é praticamente inexistente uma rede de suporte familiar quando a idosa não se casou e/ou não teve filhos.

A propósito da vulnerabilidade sofrida pelas mulheres, Salgado (2002) coloca:

Em nível psicológico e social, à mulher é atribuído, no transcurso de sua vida, uma série de responsabilidades na família e na sociedade em geral, que chegam com a velhice e nesses momentos, se acrescentam a ela. A mulher enfrenta, então, uma aposentadoria com rendimento mínimo ou nulo, escassos recursos econômicos, viuvez ou separação do casal, afastamento de seus filhos e filhas, cuidado de familiares dependentes (jovens ou idosos). Enfrenta, ainda sentimentos de inutilidade, provocados por todos os mitos e estereótipos existentes socialmente. (SALGADO, 2002, p. 10)

Para a mulher, a velhice acaba sendo uma fase de grandes dificuldades, uma vez que o preconceito é vivido duplamente: pela sua idade e gênero. Em relação a mulheres pobres, a dependência e a vulnerabilidade aumentam, pois muitas não trabalharam ou não tiveram rendimentos dignos durante a vida; assim, a aposentadoria não é suficiente para supri-la e a entrada na velhice diminui as chances de trabalho remunerado (SALGADO, 2002).

Nessa mesma linha de pensamento, Debert (2013) complementa:

Sendo a mulher, em quase todas as sociedades, valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado com as crianças, desprezo e desdém marcaria sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas deve-se somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade. (DEBERT, 2013, p. 19)

Contudo, Debert (1994) aponta a chegada da velhice como uma oportunidade de experimentar maior liberdade e independência. Ao mesmo tempo em que carregam consigo a experiência de envelhecimento de suas mães e avós, as mulheres podem construir outras formas de envelhecer por meio desta vivência de maior liberdade conquistada em relação às outras fases da vida, nas quais sofriam pressão dos pais, maridos e da sociedade em geral.

Por outro lado, outros estudos mostraram que, para as mulheres, permanecer solteira pode ocasionar mais custos psicológicos e experiências estressantes, uma vez que o casamento é visto, em grande parte, como o alvo mais alto que a mulher pode alcançar durante sua vida. Elas indicam problemas maiores em aceitar a vida de solteira, possivelmente por serem mais

cobradas por isso do que os homens. O casamento é, portanto, considerado um estado normativo altamente desejável para mulheres. As idosas solteiras podem ser mais propensas do que seus pares do sexo masculino a enfrentar atitudes culturais negativas para lidar com discriminação pessoal e interpessoal, passando a ser vistas como vítimas, a quem só restou a “solteirice” (PUDROVSKA; SCHIEMAN; CARR, 2006).

As mulheres solteiras e sem filhos estariam no topo de uma velhice sem suporte, segundo a pesquisa de Allen e Wiles (2013). As mulheres entrevistadas na pesquisa, apesar de não terem filhos e muitas vezes serem apontadas como inadequadas por isso, citaram o “instinto” como central para a maternidade e esta como uma atribuição natural da mulher.

Os homens, no entanto, demonstram maior preocupação a respeito de sua capacidade na tarefa de serem pais, já que, para os homens, essa função não é colocada como natural, o que demonstra uma grande diferença na visão da parentalidade para homens e mulheres (ALLEN; WILES, 2013).

Há, no imaginário da sociedade, a crença de que os idosos recebem assistência dos filhos sempre que necessitam. Essa garantia não necessariamente se estende aos idosos que não se casaram e não tiveram filhos. Embora haja um número crescente de pesquisas confirmando que uma vida sem filhos não é necessariamente um resultado negativo do curso de vida, a velhice sem filhos é rotineiramente posicionada como um fator de risco, focando o potencial para isolamento e angústia (UMBERSON et al, 2010 apud ALLEN; WILES, 2013).

O fato de serem solteiras e sem filhos pode colocar as pessoas idosas em uma situação maior de vulnerabilidade social, pois estariam menos integradas socialmente do que as pessoas divorciadas e viúvas, registrando baixos níveis de suporte social se comparados aos divorciados e viúvos. Os solteiros estariam menos integrados socialmente do que os divorciados e os viúvos, uma vez que pessoas solteiras têm menor número de filhos e apresentam maior tendência a viver totalmente sozinhos. Em contrapartida, solteiros podem manter o mesmo nível de atividade social na velhice do que em fases anteriores da vida, e a essa continuidade podem ser atribuídos muitos benefícios emocionais (PUDROVSKA; SCHIEMAN; CARR, 2006).

Contudo, Allen e Wiles (2013) discutem outro ponto de vista. As participantes de sua pesquisa indicaram maior índice de bem-estar pelo fato de não terem se casado, nem tido filhos. As entrevistadas relataram que deram às suas vidas outros significados, podendo doar-se e ajudar outras pessoas, por meio do trabalho na Igreja, por exemplo. Uma das participantes contou ter permanecido solteira e, assim, investiu em seu trabalho na Igreja, sendo que, quando foi perguntada sobre filhos, remeteu-se ao fato de ter dez afilhados. Outro dado relevante

levantado pelos autores foi a escolha em não ter filhos por prevenção de danos, ou seja, a fim de quebrar círculos de violência que elas mesmas vivenciaram.

O'Brien (1991) pontuou que o grupo de pessoas solteiras tem sido foco de pesquisas como um grupo independente e, por constituírem um grupo emergente, as categorias de gênero e idade não são eram consideradas. Ainda há pouca informação sobre as experiências de vida das mulheres idosas que nunca se casaram e muitas perguntas ainda podem ser feitas: elas estão sujeitas a estereótipos comuns da velhice em soma com aqueles relativos ao fato de nunca terem se casado? Como lidaram com a vida de solteiro ao longo da vida? Como têm lidado com as mudanças de vida e o processo de envelhecimento?

A pesquisa de O'Brien (1991) com mulheres solteiras e com mais de 80 anos de idade na ilha de Prince Edward (Canadá) revelou que a imagem geral que elas tinham da infância é de muita segurança e com uma vida familiar harmoniosa, separação clara dos papéis dos pais, aceitação de regras e normas sociais e um forte senso de pertencimento à comunidade. Para as participantes do estudo, as mulheres terminarem os estudos, entrarem em uma faculdade e seguir carreira era bem difícil; muitas eram da região rural da ilha. As escolas não aceitavam mulheres ou o dinheiro não era suficiente. Assim, elas deveriam buscar seus objetivos de outras formas, seja arrumando um tempo fora do trabalho ou participando de cursos de verão. As opções de carreira eram poucas no começo do século. Uma das participantes, que cresceu na área rural, comentou que as únicas opções a serem consideradas eram a função de professora ou trabalho doméstico, sendo estes os únicos trabalhos para garotas naquela época (O'BRIEN, 1991).

Um outro estudo com homens e mulheres idosas solteiras e sem filhos, realizado em Israel (BAND-WINTERSTEIN; MANCHIK-RIMON, 2014), revelou que parte dos idosos entrevistados sentia-se mais livre por não ter a obrigação com o cônjuge e/ou filhos. Por outro lado, exprimiram que não tiveram essa liberdade plena por terem passado grande parte da vida cuidando de familiares.

Goldenberg (2015) afirma que no Brasil ainda persiste a ideia de que a família é a origem de toda a segurança e felicidade, principalmente na velhice. A escolha em ter filhos muitas vezes passa pela ideia de ter um amparo na velhice; assim, as mulheres que optaram por não ter filhos ainda são vistas como divergentes do padrão e muitas vezes são questionadas por isso. Porém, casamento e filhos não são necessariamente garantia de uma boa velhice. Para a autora, os casos de violência e maus-tratos em idosos muitas vezes vêm de quem deveria protegê-los.

O trabalho surge também como bastante importante para a vida das mulheres, como revela a pesquisa de O'Brien (1991), tanto como uma fonte de renda quanto como um meio de alcançar uma imagem de si mais positiva. A aposentadoria foi difícil para a maior parte dessas mulheres, pois durante esse tempo elas experienciaram um grande sentimento de perda.

Outro dado atribuído ao imaginário das pessoas que envelhecem sem cônjuges e filhos é a solidão. A respeito dos idosos que vivem sozinhos, alguns riscos são atribuídos a esta condição, o que levou Organizações Não-governamentais (ONG's) britânicas a realizar campanhas de alerta sobre os custos de se viver sozinhos, cujo risco seria maior que a obesidade, ou o tabagismo (LIMA, 2013).

A literatura sobre solidão entre solteiros sem filhos na velhice enfatiza que esse grupo da população tende a experimentar menos níveis de solidão do que viúvos, que tiveram a experiência do matrimônio, mesmo que nunca tenham tido filhos (BAND-WINTERSTEIN, MANCHIK-RIMON, 2014).

Band-Winterstein e Manchik-Rimon (2014) chamam a atenção para como as pessoas que vivem sozinhas são percebidas. Ao constituir sua própria identidade, os não casados sem filhos pedem para serem percebidos como todo mundo, como todo ser humano ativo, e não como seres inferiores ou como “estranhos” por causa de seus estilos de vida alternativos. A essência dos processos de envelhecimento dessas pessoas como solteiras repousa na aceitação própria, na da sociedade, na sua maneira particular de vida e na sua aceitação em viver como seus contemporâneos independentemente de seu estado civil.

Aponta Goldenberg (2015, p. 63) que “A imagem do velho sozinho é associada ao abandono, desamparo, fracasso, insegurança”. Contudo, isso não tem se demonstrado como completa verdade, dado que muitas mulheres se apoiam nas amizades conquistadas ao longo dos anos como principal fonte de suporte social (GOLDENBERG, 2015).

Nota-se que há uma divergência entre os diversos autores que se debruçaram sobre o tema do envelhecimento de mulheres solteiras e sem filhos, principalmente no que se refere à questão das redes de suporte social. Como colocaram Rubinstein et al. (1991), Pudrovská, Schieman e Carr (2006) e Band-Winterstein e Manchik-Rimon (2014), para algumas dessas mulheres, existe, ainda assim, um sentimento de inadequação por estarem fora dos padrões sociais.

Rubinstein et al (1991), nos Estados Unidos, procuraram identificar quais eram os relacionamentos centrais das mulheres idosas solteiras e sem filhos. De acordo com os resultados, os pesquisadores conseguiram identificar seis tipos de relações. Baseadas em laços sanguíneos, descreveram o papel de filha, ou seja, mulheres que moram e cuidam dos pais a

vida toda. Outra função é a de tia, que, muito próxima da família dos irmãos, é considerada quase pertencente àquele núcleo, são muito apegadas aos sobrinhos e muitas vezes cumprem obrigações que seriam dos pais. As demais formas de relacionamento não têm correlação sanguínea. Essas são as relações de afiliação, em que as idosas sentem-se “adotadas” por pessoas ou famílias de amigos ou vizinhos. Existe também a relação *quasi-parental* com pessoas mais jovens, cujos pais biológicos eram emocionalmente distantes ou fisicamente ausentes; surgiu também, nos relatos, o relacionamento com melhores amigas, pessoas da mesma idade e mesmo gênero que têm uma proximidade subjetiva maior e de mais cuidado. Viajam juntas, sendo que podem até existir períodos de coresidência quando uma precisa da outra. Parece existir um compromisso quase marital, mas não necessariamente trata-se de um relacionamento homoafetivo. Por fim, existem também amizades mais superficiais, que não envolvem tanto esse senso de responsabilidade com o cuidado, como ocorre em relações de companheirismo (RUBINSTEIN et al, 1991).

As pesquisas, portanto, mostram que não é necessariamente uma regra a velhice solitária, mas que apenas são construídas diferentes formas de relacionamento em que se encontram até mesmo mais cuidados do que os dados por familiares. Como coloca Neri (2005, p. 174): “as relações obrigatórias, principalmente com familiares, são mais descritas como fontes de desgosto pelos idosos do que as relações com os amigos”.

2. O entardecer da vida e a Psicologia Analítica

O crepúsculo é o dia chegando ao fim. O tempo se acelera: como se transformam rapidamente as cores das nuvens, no seu mergulho na noite! E, paradoxalmente, o tempo fica imóvel, paralisado num momento eterno. Por isso, que o crepúsculo é um momento sagrado, de oração, quando o eterno se oferece a nós numa taça efêmera.

Rubem Alves

A Psicologia Analítica tem muito a contribuir para a compreensão das mudanças da psique ao longo da vida. Edinger (1989, p. 21) afirma:

A descoberta de caráter mais fundamental e de maior alcance, de Jung, é a do inconsciente coletivo ou psique arquetípica. Graças às pesquisas que ele realizou, sabemos atualmente que a psique individual não é apenas um produto da experiência pessoal. Ela envolve ainda uma dimensão pré-pessoal ou transpessoal, que se manifesta em padrões e imagens universais, tais como os que se podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo. (EDINGER, 1989, p. 21)

Jung escreveu sobre o desenvolvimento da psique, embora não tenha construído sistematicamente uma teoria a respeito do tema. Autores chamados pós-junguianos, como Fordham (1994) e Neumann (1995), se dispuseram a estruturar uma teoria do desenvolvimento psicológico sob esta ótica, preenchendo algumas lacunas.

Segundo Stein (2006, p. 155), Jung via a psique como um processo contínuo de desenvolvimento, comparando-o à trajetória do Sol:

No começo, a consciência surge como a aurora quando o ego infantil emerge das águas da inconsciência, e o seu crescimento e desenvolvimento do corpo físico que o aloja. Quando o corpo cresce, o cérebro amadurece e as capacidades de aprendizagem se desenvolvem e expandem, o ego também desenvolve seu vigor e capacidades. Um primeiro passo é distinguir o corpo individual dos objetos do mundo circundante. Esse processo ocorre paralelamente à separação da matriz inconsciente interna. O mundo torna-se mais real e concreto, deixando de ser simplesmente o recipiente de projeções rudimentares. Distinções começam a ser feitas e observadas. As pessoas aproximam-se rapidamente de sua plena capacidade de funcionamento como entidades separadas. Começam atuando como indivíduos, com a competência para exercer o seu autodomínio, para controlar, num razoável grau, os seus meios ambientes, e para conter as emoções e o fluxo do pensamento conforme requerido pelos padrões sociais de comportamento. (STEIN, 2006, p. 155)

A imagem de um Sol em direção ao seu poente coloca em pauta a visão de uma segunda metade da vida orientada para o declínio físico do ser, o que não pode ser negado. Porém, do ponto de vista da psique, muito potencial pode ser revelado. É isso que nos leva a pensar Jung no momento em que acredita no potencial de encontro consigo mesmo na segunda metade da vida.

O declínio relacionado ao envelhecimento físico remete à ideia de finitude e, assim, muitos psicólogos ainda associam necessariamente a última fase da vida com a morte. Contudo, como visto no capítulo anterior, a velhice também pode ser experienciada psiquicamente como uma fase de possibilidades, descobertas, lutas e transformações. Diante deste potencial, a segunda metade da vida e a preparação para a velhice é possibilitada por meio do processo de individuação, que será discutido mais adiante.

2.1 Desenvolvimento psíquico e individuação

A psique se desenvolve em diferentes níveis ao longo da vida e a psicologia pós-junguiana, nas figuras de Edinger, Neumann, Fordham e Byington, afirma que as mudanças acontecem nos múltiplos âmbitos. É necessário trazer a discussão de alguns conceitos muito importantes para a Psicologia Analítica que permearão o entendimento do desenvolvimento psicológico: ego, Self e individuação.

Vilhena (2009) coloca que, para Jung, não se pode pensar em desenvolvimento da personalidade antes da formação do ego. No entanto, seus contemporâneos discordam dessa afirmação, pois, para eles, ambos os processos (formação do ego e desenvolvimento da personalidade) ocorrem simultaneamente.

Para a Psicologia Analítica, todos nascem com potencial de desenvolvimento que acontece a partir de uma estrutura primordial arquetípica: o Self. Jung, segundo DeBus (1991), desenvolveu o conceito de Self ao longo de toda sua obra. O Self é um arquétipo, mas também tem função reguladora dos demais arquétipos presentes na psique. Como todo arquétipo, possui dupla natureza: uma dimensão suprema e uma dimensão que, ao mesmo tempo, está presente no dia a dia, ou seja, apresenta a polaridade pessoal e transpessoal.

O ego vai desenvolver-se a partir dessa totalidade, dessa instância maior, sendo formado por conteúdos internos e da relação com o ambiente. O ego passa ser o centro da consciência, ou seja, apenas um aspecto da totalidade, sendo uma estrutura receptora da experiência consciente (DEBUS, 1991).

Contudo, é praticamente impossível descrever o ego por completo, pois ele é o principal complexo da psique, aquele que confere identidade do sujeito, sendo, portanto, individual e único. Em decorrência do próprio desenvolvimento, o ego sofre mudanças que não são patológicas, mas inerentes ao próprio processo de diferenciação do inconsciente.

Entendemos por “eu”⁴ aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o que é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa. Esta relação de qualquer conteúdo psíquico com o eu funciona como critério para saber se este último é consciente, pois não há conteúdo consciente que antes não se tenha apresentado ao sujeito. (JUNG, 1991, p. 1)

Neumann (1995) teorizou o desenvolvimento do ego na infância, descrevendo-o como uma fase urobórica, o período embrionário do ego e que ultrapassa a vida intrauterina, indo, aproximadamente, até o primeiro ano da criança. Para ele, nessa fase, ainda não há ego, mas sim um embrião, um potencial ainda indiferenciado sem conflito de opostos. O Self tem uma tendência a formar centros da personalidade e regular a ação entre eles. É na primeira metade da vida que essa função vai coordenar o desenvolvimento do centro da consciência, ou seja, o complexo do ego.

Já para Fordham (1994), que dedicou seu trabalho à análise de crianças e constituiu sua teoria do desenvolvimento baseando-se na experiência clínica, a individuação é um processo que se inicia desde a tenra infância, período no qual já existe manifestação do Self de forma evidente desde a vida intrauterina. Por isso, este analista aponta que a individuação é um processo que ocorre desde o início da vida, fazendo sempre parte do processo de amadurecimento.

Um dos principais conceitos apontados por Fordham é o de Self primário, que, conforme Vilhena:

[...] é um integrado, um potencial psicossomático, também referido com expectativa arquetípica, à espera de desdobramento por meio da interação com o meio ambiente. Ele se expressa pelas ações que o colocam em contato com o meio ambiente, para o desenvolvimento do crescimento corporal e do ego, por meio de processos dinâmicos que o autor chamou de **deintegração** e **reintegração**. (VILHENA, 2009, p. 41, grifo da autora)

A deintegração é a divisão do Self a partir do contato com o ambiente onde os elementos arquetípicos se mesclam. Na deintegração, ocorre um direcionamento ao objeto, no qual o elemento mais significativo desse processo é o ego. Já na reintegração, ocorre a introjeção da

⁴ Aqui usado como sinônimo de ego.

experiência de uma energia que retorna ao Self transformada pela experiência (FORDHAM, 1994).

Edinger (1989) afirma ainda que a separação e união entre ego e Self ocorre de forma espiralada ao longo da vida.

O processo de alternância entre a união ego – Si-mesmo⁵ e a separação ego – Si-mesmo parece ocorrer de forma contínua ao longo da vida do indivíduo, tanto na infância quanto na maturidade. Na verdade, esta forma cíclica (ou melhor, em forma de espiral) parece exprimir o processo básico de desenvolvimento psicológico do nascimento à morte. (EDINGER, 1989, p. 24)

Isso dá uma outra dimensão à construção de uma teoria do desenvolvimento, uma vez que não se pensa em etapas lineares a serem vencidas, cujo objetivo final seria a individuação. Trata-se de um movimento cíclico, em que a união e separação do ego-Self se alternam.

Edinger (1989) diz que o Self ou Si-mesmo é um arquétipo central regulador da psique. O Self é também um ordenador da totalidade psíquica, um arquétipo que engloba o ego e todos os aspectos subjetivos e coletivos do sujeito.

Temas como a unidade, a totalidade, a união dos opostos, o ponto gerador central, o centro do mundo, o eixo do universo, o ponto criativo onde Deus e o homem se encontram, o ponto em que as energias transpessoais fluem para a vida pessoal, a eternidade – por oposição ao fluxo temporal, a incorruptibilidade, a união paradoxal entre o orgânico e o inorgânico, as estruturas protetoras capazes de gerar a ordem a partir do caos, a transformação da energia, o elixir da vida, origem do nosso ser, descrito da forma mais simples, como Deus. (EDINGER, 1989, p. 22)

Em algum momento da vida, aponta Von Franz (2008), é possível que as pessoas tenham esse contato mais profundo com o Self por meio de uma experiência interior profunda. Em geral, o indivíduo que tende à unilateralidade, seja por uma ordem emocional ou instintiva, perde o contato com o Self. Este só será capaz de emergir diante da disponibilidade do ser humano tornar-se único, seguindo sua própria natureza, na qual o ego poderá encontrar forças para a renovação.

A autora aponta que, como todo arquétipo, o Self possui seu lado sombrio e é preciso lembrar que não se trata de um processo de repetição de padrões. As pessoas tentam seguir exatamente o comportamento de seus mestres (religiosos e/ou espirituais) sem refletir que estes tiveram seus próprios caminhos. Para a compreensão simbólica do inconsciente, é necessário que o ego continue funcionando normalmente, de maneira não patológica pois, “Só mantendo-me um ser humano normal, consciente do quanto sou imperfeito, é que posso me tornar

⁵ Self e Si-mesmo podem ser entendidos como sinônimos.

receptivo aos conteúdos e processos significativos do inconsciente.” (VON FRANZ, 2008, p. 290).

A individuação está no sentido de um impulso para o crescimento psíquico do indivíduo, no seu desenvolvimento do consciente e na relação dinâmica com o inconsciente. O processo de individuação visa o desenvolvimento do ser humano em todas as suas características e corresponde à transformação contínua da personalidade, cujo movimento não é linear, mas sim de idas e vindas nas polaridades que devem ser integradas ao longo da vida (VILHENA, 2009).

A segunda metade da vida pode ser vista como um caminho de descoberta de si mesmo. Essa fase trata da inversão de valores, uma vez que, na chamada **metanoia**, o indivíduo se prepara para mudanças cuja sementes encontram-se no inconsciente. Isso posto, vão surgindo mudanças no nível do caráter e novos interesses ou até mesmo a retomada de traços da infância encontrarão vasão para surgir (JUNG, 2006a).

A individuação é um processo que jamais poderá ser traduzido plenamente devido à sua dimensão. O processo de individuação é decorrente da aceitação das orientações do Si-mesmo para realização plena da personalidade por parte do ego, tendo como meta a união dos opostos, de aspectos conscientes e inconscientes. O reconhecimento e a integração de aspectos da sombra é importante para este processo, pois o reconhecimento dos aspectos desconhecidos presentes na sombra permite o desenvolvimento da personalidade (VERGUEIRO, 2008).

Para Jung (2006a), a longevidade alcançada cada vez mais pelo ser humano só é possível porque existe um sentido maior para a espécie, sendo, portanto, um produto da civilização. Como escreveu Jung (2006a, p. 349, § 787): “[...] a tarde da vida humana deve ter também um significado e uma finalidade próprios, e não pode ser apenas um lastimoso apêndice da manhã da vida.”

Se, por um lado, a pessoa vive durante toda sua vida identificada com certos padrões, comportamentos e atitudes, a individuação desafia um processo psicológico com apelo espiritual, na medida em que se pensa para além “daquilo que é simplesmente incognoscível, mas que é sentido” (SAMUELS, 1989, p. 137).

O ideal de ego, tão buscado ao longo da vida até então, passa a ser deixado de lado ou é retomado. Nas palavras de Samuels (1989):

Na primeira metade da vida, na concepção de Jung, o ego heroico luta para se libertar da mãe e para estabelecer sua independência; isso leva a uma inevitável unilateralidade que a psique procurará corrigir. Pode assumir, na meia-idade, a forma de uma reavaliação solitária e introspectiva de sua vida, inicialmente divorciada do mundo de relacionamentos. Depois disso, o resultado da reavaliação irá realimentar as relações pessoais, acarretando maior clareza e satisfação. Na segunda metade da vida, a tarefa é ir além da

diferenciação do ego e da identidade pessoal para uma concentração sobre o sentido e sobre valores suprapessoais; a estabilidade do ego preparou o terreno para isso ocorrer. (SAMUELS, 1989, p. 127)

Os pós-junguianos que se dedicaram a pensar em uma abordagem do desenvolvimento humano colocam que a individuação se inicia já desde o nascimento, desde os primeiros anos de vida de uma criança (SAMUELS, 1989).

O autor também comenta que é por meio da integração de partes inconscientes e conscientes que a individuação é possibilitada. Isso não acontece sem que ocorram conflitos, seja internamente e/ou externamente, porque demanda reconhecimento e aceitação de conteúdos pessoais, grande parte das vezes, negativos e repulsivos do ponto de vista do ego.

Samuels (1989) ainda expressa que, nessa visão, encaixa-se o tema dos opostos, tão importantes para a psicologia de Jung. Da mesma forma que é o confronto com o desconhecido, é também possibilidade de abertura ao sexo oposto “que pode atuar como um portal ou guia para o inconsciente” (SAMUELS, 1989, p. 128).

Da união dos conteúdos conscientes e inconscientes resulta o que Jung (2006a) chamou de “função transcendente”. A consciência é um processo de adaptação, enquanto o inconsciente contém não apenas o material individual, mas também a herança daquilo que constitui a alma humana.

Von Franz (2008) comenta que os aspectos criativos do núcleo psíquico somente entram em ação quando o ego livra-se de amarras e propõe-se a vivenciar a existência de maneira mais profunda. É preciso estar disposto a ouvir as demandas internas.

De acordo com Stein (2006), à medida que o sujeito se desenvolve, ocorre uma quebra nessa totalidade, que se divide em múltiplas partes. Surge assim a consciência do ego, passando a totalidade para o domínio do inconsciente.

Nesse processo de desenvolvimento, emergem a *persona* e a sombra, estruturas complementares que existem em toda a psique humana. Jung utiliza o termo *persona* para representar um arquétipo que agrega o potencial para adaptação à realidade exterior, na interação com o mundo e os outros. Por esse motivo, a constituição da *persona* se dá na primeira metade da vida. A vida em sociedade só se torna possível pelo desenvolvimento adequado desse arquétipo. Somente na interação com ele que o indivíduo é capaz de desempenhar os inúmeros papéis que necessita e que se vão constituindo apoiados na sua identidade (STEIN, 2006).

A relação entre ego e *persona* é complexa, devido aos objetivos contraditórios pelos quais operam. O ego é movido essencialmente pelo sentido da separação e da individuação. Ele

pretende consolidar uma posição primeiramente fora do inconsciente e, em seguida, externa também ao meio familiar. Tem-se, dessa forma, um conflito entre a individuação e a conformidade social, que gera ansiedade significativa no ego (STEIN, 2006).

Na psique, como polaridades do ego, encontra-se o par de opostos *persona* e sombra, conforme mencionado anteriormente. A integração entre os dois é dependente da autoaceitação do indivíduo e da receptividade total deste para com as partes de si mesmo que não pertencem à imagem da *persona* (STEIN, 2006).

O papel dos sonhos na vida psíquica do indivíduo foi amplamente discutido por Jung durante a construção de seu trabalho, pois ele investigou sonhos por muitos anos e concluiu que estes não fazem parte somente da vida de quem sonha, mas também são parte da configuração de fatores psicológicos. Os sonhos na Psicologia Analítica têm papel fundamental na psique por serem manifestações de arquétipos pela sua configuração puramente inconsciente. Então, o regulador dos conteúdos oníricos é o Self, e não a consciência ou seu centro, o ego. No estudo dos sonhos, percebe-se que estes apresentam determinado formato e vão compondo um desenho dos conteúdos que emergem, desaparecem e retornam em algum momento da vida. Assim, investigar os sonhos é investigar o próprio Self que atua diretamente no desenvolvimento da personalidade (VON FRANZ, 2008).

Nos sonhos, o Self pode tomar a forma de jovens ou velhos e essa possibilidade é uma das inúmeras formas que o Self pode adquirir, já que está presente em todos os momentos da vida e também “subsiste além do fluxo da vida de que teremos consciência, de onde nasce a nossa experiência de tempo.” (VON FRANZ, 2008, p. 266). Desse modo, o Self está além da dimensão espaço-tempo e em todos os lugares e contém todos os tempos, aparecendo nos sonhos de várias formas. O Self também é muitas vezes representado por animais, cujo significado estaria ligado à vida instintiva e à realidade em torno.

Para Von Franz (2008), a realidade psíquica, que não é a realidade do mundo exterior, está indo sempre em direção ao Self:

Essa relação do *self* com a natureza à sua volta e mesmo com o cosmos vem, provavelmente, do fato de o “átomo nuclear” da nossa psique estar, de certo modo, conectado ao mundo inteiro, tanto interior como exteriormente. Todas as manifestações superiores da vida estão, de uma certa maneira, sintonizadas com o contínuo espaço-tempo. (VON FRANZ, 2008, p. 275)

2.2 Senex e puer

Segundo Hillman (1998, p. 20), “nossas polaridades – *senex* e *puer* – fornecem o arquétipo para a base psicológica do problema da história. Primeiramente, no sentido convencional, *puer* e *senex* são a história e como sequência e transição, como um processo através do tempo do começo até o fim”.

Para Monteiro (2008), a vivência do eixo *puer-senex* é a chave para o envelhecimento ativo e criativo. Segundo a autora, essas dinâmicas podem ser vividas de forma positiva ou negativa. A postura positiva está relacionada à presença ativa tanto do *puer* quanto do *senex* na vida do indivíduo; já a posição negativa é quando se vive a unilateralidade, ou seja, uma fixação na maneira de ser de uma das polaridades.

De acordo com Bernardi (2008), o *puer* e o *senex* têm correlação com as figuras do jovem e do velho. O autor explica que Jung pouco explorou o arquétipo do *puer* e do *senex*. Descreveu o primeiro em seus trabalhos sobre a criança divina e o arquétipo do *trickster* e abordou o segundo mais amplamente nos escritos a respeito da alquimia, relacionando ao arquétipo do velho sábio.

Conforme Bernardi (2008), Von Franz escreveu sobre o *puer aeternus* baseando-se na história de Saint-Exupéry: “O pequeno príncipe”. Discursou sobre o *puer* e sua ligação com complexo materno. Já Hillman dedicou-se diretamente à polaridade *puer et senex* e sua constante relação. São arquétipos relacionados ao tempo, porém, são diferentes as formas de encará-los. *Puer* está conectado à noção do tempo inesperado, enquanto *senex* é representado pelo deus Crono, ou seja, é representado pelo tempo que devora.

Segundo as definições de Hillman (1967 apud BERNARDI, 2008) *puer* representa o começo; seu mundo não está inserido na lógica espaço-tempo da realidade, ele não vê processo – é fascinado pelo novo. Já o *senex*, polaridade oposta, tem como aspectos positivos a sabedoria; carrega consigo a ancestralidade e virtudes morais; e é honesto e silencioso; por outro lado, é castrador, devorador queixoso, avarento. Conforme Bernardi (2008, p. 39): “A característica do *senex* que mais assusta o *puer* em seu voo ascensional em direção a eternidade, é sua ligação com a morte. Podemos entendê-la como fim, tanto em seu sentido de meta quanto no de término”.

O *puer* e sua postura de irresponsabilidade diante da inexperiência pode pôr tudo a perder; entretanto, pode ser igualmente fundamental para forçar algo até então estagnado. O *puer* é também entusiasmo, a força movedora em direção ao novo, ao futuro e que muitas vezes faz com o que o indivíduo não perceba as consequências e possíveis riscos (BERNARDI, 2008).

O *senex* está envolto em rigidez, apego à tradição e à rotina. Não tem facilidade com o novo; é resistente. Porém, enquanto aspecto positivo, não se deixa levar pela liquidez das coisas, por uma vida sem sentido. *Senex* contém o aspecto da sabedoria, do ancião que já passou ou conhece muitas experiências e pode falar com propriedade. Carrega consigo a sabedoria dos mais antigos. A sabedoria também pode ter seu lado negativo, apresentando uma confiança exacerbada, faltando humildade para lidar com o outro (BERNARDI, 2008).

É comum, com o passar do tempo, que o indivíduo se distancie da sua criança interior. Nesse contexto, é de suma importância para a psique que se mantenha ativo o eixo *puer-senex*, independentemente da idade. A criança representa o “começo e o fim com sua imensa curiosidade e crescimento, com sua expansiva urgência, com seu decidido ascender da impotência ao poder, da surpresa à sabedoria.” (MONTEIRO, 2002, p. 22).

2.3 A velhice

Cabe aos sujeitos fazer com que a velhice seja uma etapa com oportunidades favoráveis ao desenvolvimento. Nesse processo, deve-se incluir a aceitação das perdas associadas ao corpo e à mente, mas que, ao mesmo tempo, fazem brotar novos modos de ser (MONTEIRO, 2002).

Quando o assunto é o envelhecer humano, ganham destaque os aspectos biológicos e fisiológicos: o que acontece em nosso cérebro depois de uma certa idade? Por que desenvolvemos rugas? Quais os componentes responsáveis pelo declínio do corpo? A ciência tem tentado não somente responder a essas questões, mas também retardar os efeitos da velhice.

Ao mesmo tempo, uma outra dimensão acaba sendo deixada de lado: a dimensão subjetiva. A psique envelhece? Os efeitos dessas mudanças sobre a pessoa que envelhece são negligenciados por algumas áreas do conhecimento. Segundo Hillman (1999), muito buscou-se compreender a velhice a partir das mudanças fisiológicas, mas pouco sobre o significado destas, sendo que não olhar para esses significados é não falar com aquele que envelhece.

Pretat (1997) discorre acerca da pouca tolerância na cultura ocidental com o velho. Ao mesmo tempo em que se anseia pela maturidade, uma cultura *fast food* não deixa espaço para a lentidão da velhice e ensina como esconder e negar a própria idade.

Hillman (1999) faz uma distinção entre “velho” (*old*) e envelhecimento. O velho é uma categoria por si e não tem correlação com a morte, nem com o processo de envelhecimento necessariamente. É uma condição visível que independe dos anos. É necessário que se supere a constante comparação do velho contra o novo e que se olhe para o fenômeno em si. É um

desafio enorme incorporar o “velho” em vez de exaltar de maneira hipócrita a juventude o tempo todo, que manipula e aprisiona até os próprios jovens.

Em **Memórias, sonhos e reflexões**, Jung (2006b) faz um balanço de como foi sua vida, seus acertos, seus erros e suas pretensões:

[...] o arquétipo do homem idoso que contemplou suficientemente a vida é eternamente verdadeiro; em todos os níveis da inteligência, esse tipo aparece e é idêntico, quer se trate de um velho camponês ou de um grande filósofo como Lao-Tse. Assim, a idade avançada é... uma limitação, um estreitamento. E no entanto acrescentou em mim tantas coisas: as plantas, os animais, as nuvens, o dia e a noite, o eterno no homem. Quanto mais se acentuou a incerteza em relação às coisas. Sim, é como se essa estranheza que há tanto tempo me separava do mundo tivesse agora se interiorizado, revelando-me uma dimensão desconhecida e inesperada de mim mesmo. (JUNG, 2006b, p. 413)

Diante do envelhecimento, o sujeito está suscetível à tristeza e ao medo de enfrentar essa nova etapa, mesmo diante das diversas possibilidades de saída que podem se apresentar. Monteiro (2002, p. 19) afirma que “Simbolicamente, todos os mitos e contos falam do antigo soberano que é deposto, e que um novo soberano deverá reinar, isto é, novas dinâmicas devem surgir na consciência”. O sentimento de despedaçamento e de violência pode irromper, trazendo conteúdos deixados de lado pela consciência, o que pode desencadear desânimo ou algo criativo (MONTEIRO, 2002).

Para Pretat (1997, p. 57), é possível alcançar um espaço na velhice no qual o indivíduo possa deparar-se com suas vitórias e derrotas. Aceitar-se de forma plena é um desafio para a vida “tanto essa lição quanto o desenvolvimento de um ego que suporte a verdade e não se imiscua no destino parecem ser metas que todos procuramos alcançar enquanto transportamos a passagem de transição do envelhecimento.”

A mesma autora expõe que a maturidade pode contribuir para a não aceitação de projeções externas que só valorizam a juventude. Contudo, quando as vozes que menosprezam aspectos da velhice vêm de dentro, podem ocasionar uma imagem distorcida de si próprio. O resultado disso é o horror frente ao envelhecer, no qual a morte é preterida.

As mudanças geradas no corpo podem sinalizar um novo começo. Para uma atitude criativa diante dessa nova realidade, é preciso aceitar os desafios embutidos nessas alterações todas. Esses indícios são reconhecidos interna e externamente e nisso muitas pessoas temem estar doentes, ou sofrendo de doenças senis precocemente porque se percebem mais esquecidas, desorientadas, deprimidas e fisicamente doentes (PRETAT, 1997).

Quando nos encontramos num espaço/tempo liminar entre uma e outra maneira de ser, nossa energia consciente tem a tendência de desaparecer no inconsciente e tornar-se inacessível para nós em nosso dia-a-dia. É como se tivéssemos adormecido a caminho da velhice. Quando isso acontece, podemos nos sentir como se repentinamente tivéssemos perdido pedaços de nós mesmos. [...] É uma tarefa bastante difícil suportar a perda da nossa antiga identidade enquanto esperamos o surgimento de outra. (PRETAT, 1997, p. 65)

O desvincular-se de fatores da antiga *persona* dá uma sensação de invisibilidade às mais velhas, e muitas vezes sentem que passam despercebidas. O mesmo não parece ocorrer com os mais jovens. Esse sentimento advém da percepção baseada nos sentimento dos outros e no desconhecimento do que está por vir (PRETAT, 1997).

A morte é muito associada à velhice, apesar de estarmos sujeitos a ela sempre. Trata-se de um tema delicado sobre o qual a filosofia, as artes, a ciência e as religiões se debruçam sobre seus mistérios desde sempre.

Para Jung (2006a), a vida, como todo processo energético, é orientado para um objetivo final, que nada mais é que o estado de repouso. Por excelência, a vida é teleológica, ou seja, orientada para um fim.

Da mesma forma que a trajetória de um projétil termina quando ele atinge o alvo, assim também a vida termina na morte, que é, portanto, o alvo para o qual tende a vida inteira. Mesmo sua ascensão e seu zênite são apenas etapas e meios através dos quais se alcança o alvo que é a morte. Esta fórmula paradoxal nada mais é do que a conclusão lógica do fato de que nossa vida é teleológica e determinada por um objetivo. (JUNG, 2006a, p. 358, § 803)

Freitas (1992 apud MAGALHÃES et al, 2012) ressalta que os velórios e os enterros têm perdido as suas características de rituais de passagem, decorrendo no esvaziamento de seu significado psicológico básico, associado à elaboração do luto e à mudança interna daqueles que ficaram. Exemplo disso também é o período de luto, que foi reduzido drasticamente.

A respeito do preparo para a morte, Jung (2006a) acrescenta:

Se o nascimento do homem é prenhe de significação, por que é que a sua morte também não o é? O jovem é preparado durante vinte anos ou mais para a plena expansão de sua existência individual. Por que não deve ser preparado também, durante vinte anos ou mais, para o seu fim? Por certo, com o zênite a pessoa alcança obviamente este fim, é este fim e possui-o. O que se alcança com a morte? (JUNG, 2006a, p. 358-359, § 803)

2.4 Da bruxa à velha sábia

Segundo Bolen (1990), a Psicologia Analítica permitiu pensar a mulher como diferente do homem, e não como um ser que deve ser visto pelos atributos que não possui quando comparada a este. O crescimento do movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970 colocou esse assunto em evidência e fez com que outros autores manifestassem formas diferentes de abordar a psique feminina. Ao traçar uma tipologia da psicologia da mulher, a partir das deusas da mitologia grega, Bolen (1990) abriu espaços para quebrar alguns estereótipos. Tratou os diferentes potenciais da mulher para além dos padrões culturais, abordando o arquétipo da “mãe” como um a mais, a ser ativado ou não, procurando assim não reforçar a ideia de que o “instinto materno” é natural e obrigatório.

Estés (1994, p. 15) diz que “a mulher moderna é um borrão de atividade.”. A autora destaca a importância de ir em direção ao seu próprio ser, pois em todas as mulheres habita o que ela nomeia de “Mulher Selvagem”. Grande parte das mulheres tem sido tratada de forma infantilizada e não teve espaço para desenvolver-se enquanto artistas, escritoras, cientistas, etc., como também pronunciou Virginia Woolf, em **Um teto todo seu**, de 1928, obra na qual a escritora traça um panorama sobre a ausência de recursos, que silenciou e impediu as mulheres de expandirem-se na literatura: “[...] a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1994, p. 8), condições que muitas não possuíam.

Por meio dos contos de fadas, mitos e outras histórias populares, pode-se ter acesso a esses aspectos da mulher selvagem. Eles apresentam pistas de como podemos nos deparar novamente com nossa própria essência.

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando as mulheres estão com a Mulher Selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior. (ESTÉS, 1994, p. 21)

O conto “Pele de foca, pele da alma” que Estés (1994) resgata, fala exatamente desse encontro consigo mesma, dessa necessidade de, apesar da vida e dos compromissos eternos, a mulher precisa vestir-se novamente com sua própria pele e ir em direção a si mesma. Em algum momento da vida, veem sua alma roubada, seja pelos relacionamentos, pelo trabalho ou por qualquer outro elemento ou acontecimento que a afaste de sua essência.

De acordo com Estés (1994), a necessidade de ir em busca de si mesma pode acontecer aos 20, 30 anos. Porém o processo é mais comum aos 40 ou 50, sendo que nada impede que ocorra também aos 60, 70 ou até mesmo aos 80 anos de idade.

Parisi (2002) trabalhou em sua pesquisa com mulheres na fase da menopausa. As histórias com as quais se deparou demonstravam muitas marcas deixadas por anos e anos de patriarcado. No entanto, ela observou que, ao mesmo tempo, algumas dessas mulheres também buscavam novos caminhos, a fim de desenvolverem seus potenciais.

Quando estendemos as reflexões para diferentes sociedades, notamos algumas diferenças em relação à entrada na velhice. Para as mulheres da pequena comunidade de Itapuá, no Pará, a menopausa é aguardada, pois representa a libertação da mulher de restrições e papéis sociais impostos a elas desde a menarca. Segundo Motta-Maués (1994), para as habitantes de Itapuá, o período que se inicia com o cessar da menstruação é também um retorno à situação inicial, de pré-menarca, na qual, para essa comunidade, não há diferença entre os sexos masculino e feminino.

A mudança no aspecto da pessoa que envelhece é usada pelo imaginário coletivo e encontra-se presente em contos e mitos de várias partes do mundo. O exemplo mais claro disto é a figura da bruxa, tão presente nos contos de fadas.

As bruxas quase sempre são representadas nos contos como seres incompreensíveis, feios e grotescos, o que afasta as pessoas. A imagem da mulher velha quase sempre associa-se a esta imagem dos contos de fadas. São figuras más, retratadas muitas vezes como demoníacas. Mas também são conhecedoras de segredos da natureza e de seus poderes (ABRAMOVICH, 1997 apud TRINDADE, 2008).

As bruxas formam um aspecto também da mulher sábia. Estés (2007) afirma que, em muitos contos, quando a jovem vê-se em perigo, esta não é salva por um príncipe ou por uma figura semelhante, mas por uma outra mulher, mais velha, que pode ser a fada com sua sabedoria e braços acolhedores ou a bruxa que impõe desafios para que a jovem os supere.

Ela aparece à janela da prisão como uma sábia instrução de como escapar dali. Em segredo, ela dá à heroína um anel mágico, um espelho ou frasco com lágrimas, para usar como proteção. Ela murmura palavras enigmáticas que a heroína precisará estudar e interpretar para acabar encontrando seu caminho. Os príncipes são bons. Os príncipes podem ser excelentes. Mas, com frequência, nos mitos, é a velha que tem algo de realmente bom a dar. (ESTÉS, 2007, p. 16)

A velha também é representada como a Grande Avó, que aparece das mais diversas formas nas histórias.

Há as grandes avós selvagens que têm o cabelo verde e os cílios turquesa, com sapatos de todas as cores, e que viajam por toda parte para fazer as menininhas

entenderem que são bonitas. Há as “grandes avós de avental” que sabem de tudo sobre fartura e carístia, e são as portadoras de alimento para o corpo e para a alma. Há as grandes avós de alta costura e as grandes avós artistas que lançam purpurina a cada passo e inspiram outras a criar à vontade. Há uma quantidade incontável de tipos de avós: cada uma é única e representa um desafio a tentativas de classificação. Há muitas grandes avós que reúnem os atributos anteriores e ainda mais; ou mesmo diferentes, tudo ao mesmo tempo. Qualquer qualidade de inteligência, ternura, franqueza, sensualidade, profundidade que uma mulher tenha possuído aos vinte anos de idade, com o esmerado desenvolvimento ao longo do tempo, estará provavelmente duplicada e triplicada quando ela, de fato, na psique e na alma, for uma *grand mère*... (ESTÉS, 2007, p. 48)

Na mitologia Iorubá, Nanã é uma imagem arquetípica da Grande Avó. Mello (2016) diz que, em sua polaridade positiva, Nanã representa a calma, a gentileza e a paciência daqueles que possuem a sabedoria das pessoas mais experientes que ensinam e ajudam a guiar os mais novos. Pelo lado negativo, sua figura pode ser associada à inflexibilidade, controle e autoritarismo.

Para que se constele a polaridade positiva da velha sábia é necessário encarar a difícil travessia da metanoia, olhando para si e, via o amor, poder se transformar, integrar os opostos e poder seguir na caminhada. (MELLO, 2016, p. 80)

Na mitologia grega, a imagem arquetípica da Grande Avó, que remete à ancestralidade, está ligada a Gaia, uma das primeiras deusas a habitar o Olimpo, mãe de todas as outras divindades. Temos também Átropos, a mais velhas das moiras – divindades responsáveis pelo fio da vida –, tida como inevitável e inflexível e que possuía a tarefa de encerrar o ciclo da vida.

Héstia, divindade da primeira geração de deuses olímpicos, é a mais velha destes. Também é uma idosa e, assim como Nanã, representa a sabedoria das mulheres mais velhas. A ela estão atribuídos aspectos de calma e paciência que só o tempo vivido é capaz de ensinar (BOLEN, 1990).

A mulher jovem e a mulher velha das histórias formam uma dupla na qual ambas as almas são nutridas: a jovem com a sabedoria da mais velha, e a mais velha com a jovialidade. Em termos psicológicos, a junção da velhice e da juventude é capaz de manter uma psique equilibrada. Na ausência de uma delas, é necessário que a alma busque aquela parte ausente dentro de si, ouvindo o chamado para a vida da própria alma, vivendo de acordo com sua própria natureza, negando-se ao vazio. “Independente da idade, condição ou situação, o espírito da avó significa ensinar que lutar para crescer em sabedoria e reformular e criar vida nova são atos de inteligência” (ESTÉS, 2007, p. 58).

O arquétipo da Grande Avó está em todos nós como potencial. A avosidade é também um tema presente na realidade de pessoas idosas e, assim como os papéis sociais e familiares mudaram, com as avós não foi diferente. As avós do século XXI não correspondem mais à imagem daquela senhora caseira contadora de causos e dona das receitas secretas e saborosas. Estas ainda existem; porém, o que se vê hoje está concatenado a uma vivência mais participativa destas, atuando em diferentes situações e contextos (DIÁLOGOS IMPERTINENTES, 2008)

A avosidade está presente também como potencial arquetípico e pode ser vivida sem a presença de um neto biológico. Ela pode ser vivenciada, por exemplo, por meio da convivência com os sobrinhos-netos, com as crianças da rua ou em um trabalho intergeracional. Atualmente, com as mulheres mais velhas indo em busca de seus potenciais e encontrando contextos em que possam desenvolvê-los, a avosidade é uma experiência que também deve ser pluralizada, a fim de ampliar as dimensões e chamar os mais diversos aspectos da mulher idosa em favor de si mesma e de outras gerações (DIÁLOGOS IMPERTINENTES, 2008).

3. MÉTODO

Trabalhar com idosos não é uma escolha aleatória, mas sim um reconhecimento de que a função da memória é a de conhecer e organizar o passado. Lembrar, para o idoso, é também uma função social, que preserva a história da família, da comunidade, das instituições, etc. Entre aquele que narra e o ouvinte nasce uma relação cujo interesse é preservar o conteúdo narrado que poderá ser reproduzido (BOSI, 1994).

Entende-se que dar voz a essas mulheres que estão vivenciando diferentes faces da velhice é fundamental para a compreensão desse fenômeno em nossa atualidade.

A seleção dos recursos metodológicos para apreensão do fenômeno a ser pesquisado é condicionada pela articulação de diversos aspectos: tema da pesquisa, seus objetivos, a delimitação do contexto e o objeto de estudo, ou seja, o tipo de manifestação simbólica a ser captada e observada. (PENNA, 2009, p. 93)

Sendo assim, os objetivos desta pesquisa são:

Objetivo Geral

Investigar como mulheres idosas solteiras e sem filhos entendem o próprio processo de envelhecimento.

Objetivos Específicos

- A partir do relato de vida, compreender as trajetórias de mulheres e o que as levaram a ter uma vida de solteira e sem filhos, considerando-se o fato de terem escolhido ou não essas condições.
- Levantar reflexões sob a perspectiva da Psicologia Analítica a respeito do processo de individuação e envelhecimento para estas idosas.

Pensando nisso, o método escolhido para esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois compreende-se que este é capaz de contemplar a complexidade do tema da pesquisa, pois, como coloca Penna (2009, p. 62), “Os métodos qualitativos de pesquisa propõem uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades”.

O processo de envelhecimento pode ser entendido do ponto de vista objetivo por meio das transformações do corpo, no nível cognitivo e biológico, mas só é possível compreender a velhice na perspectiva subjetiva tendo contato com a pessoa que encontra-se nesta fase da vida.

De acordo com Perrone (2003), a subjetividade está presente na narração da história de vida, o que permite também abrir uma nova visão sobre as relações significativas e a relevância do sujeito em sua própria narrativa.

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas individuais. A entrevista é definida por Cruz Neto (1994, p. 57) como “uma conversa a dois com propósitos bem definidos” e, em outro nível, “serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico”. Por meio da entrevista, é possível obter dados subjetivos que trazem à tona opiniões, atitudes e valores das pessoas entrevistadas (CRUZ NETO, 1994).

As entrevistas foram livres, buscando o relato puro e com o mínimo de interferência da pesquisadora, não procurando, assim, uma linearidade no discurso. No primeiro encontro com cada idosa, buscou-se obter informações a respeito de suas histórias de vida, sendo que isso foi realizado de acordo com o que cada uma foi lembrando de sua própria história. Como acrescenta Cruz Neto (1994):

[...] a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (CRUZ NETO, 1994, p. 59)

A segunda entrevista foi elaborada após a transcrição, análise da primeira entrevista e também diante dos apontamentos feitos pela banca examinadora no momento do exame de qualificação. Optou-se, nesse momento, pelo formato de entrevista semiestruturada, com algumas perguntas abertas, como “O que significa uma pessoa idosa? Se sente assim de alguma forma?” e “Com quem pode contar quando precisou ou precisa de algo?”.

Para a segunda entrevista, também foi utilizada um retrato atual da entrevistada, tirada ou não por ela, como um efeito disparador para abordar a autopercepção do processo de envelhecimento, tema central deste estudo. Optou-se por utilizar a imagem fotográfica, uma vez que esta, segundo Weiser (2008), funciona como um “espelho da memória” que reflete de volta momentos, pessoas e lugares tão significantes a ponto de serem armazenado para sempre. A autora aponta que o significado de qualquer imagem fotográfica tem mais relação com o impacto que esta provoca na mente e no coração de quem a vê do que com a imagem em si. Enquanto olham para uma fotografia, as pessoas podem criar o significado que o fotógrafo quis originalmente registrar. Assim, o significado dado depende de quem está olhando, pois a percepção das pessoas e suas experiências de vida vão automaticamente moldar ou definir o

que elas veem como real. Portanto, a reação das pessoas às fotografias que elas sentem como especiais pode revelar muito a respeito delas mesmas, se as perguntas certas forem feitas.

Somadas às entrevistas, também foram realizadas algumas observações de campo durante as visitas às entrevistadas. As impressões foram anotadas e descritas em alguns pontos para análise.

As participantes

A pesquisadora chegou às participantes por meio de sua rede de contatos. Foram entrevistadas quatro idosas que nunca se casaram, nem tiveram filhos. Não tiveram experiências de conjugalidade, nem filhos adotivos. Três delas são imigrantes espanholas, sendo que duas são irmãs, e quarta é brasileira, nascida no Estado de São Paulo.

As idosas espanholas foram apresentadas à pesquisadora pela psicóloga do grupo que frequentam semanalmente. A pesquisadora fez o contato com a profissional, explicando-lhe os objetivos do trabalho, e ela fez a primeira conversa com as três idosas do grupo que estavam dentro do perfil.

Foram entrevistadas mulheres com idades entre 72 e 91 anos que participaram voluntariamente da pesquisa. Contudo, apenas duas idosas concederam as duas entrevistas previstas à pesquisadora.

Os critérios para participar da pesquisa foram:

- Ser mulher idosa solteira, ou seja, que nunca tenha se casado ou tenha tido experiência marital. Excluem-se viúvas, divorciadas ou pessoas que tiveram união estável em algum momento da vida.
- Não ter filhos, consanguíneos ou adotados.
- Ser independente e ter autonomia em relação às atividades diárias e que pudessem, assim, falar por si mesmas.
- Disponibilidade para dar as entrevistas.

As entrevistas ocorreram entre outubro de 2016 e setembro de 2017. As idosas frequentadoras do grupo de imigrantes espanhóis foram entrevistadas individualmente no mesmo dia em um espaço mais reservado, no próprio local onde ocorrem os encontros do grupo. As demais entrevistas ocorreram na casa das idosas.

O tempo entre a primeira e última entrevista foi de quase um ano. Após a primeira entrevista, foi necessária a transcrição e análise desta. O contato para a segunda entrevista pôde

ser feito a partir de março de 2017, quando o grupo voltou a se reunir, sendo que este era o canal de comunicação da pesquisadora com as idosas.

Foi realizado um encontro com as participantes no início de abril de 2017, apenas para retomar o contato e os objetivos da pesquisa e agendar pessoalmente a segunda entrevista. Nesse encontro, uma das idosas disse que não gostaria de dar a segunda entrevista, pois estava passando por problemas de saúde. Apesar de não ter concedido a segunda entrevista, foi autorizada pela participante a utilização do primeiro relato.

A segunda entrevista estava marcada com a sua irmã em um outro dia, mas elas faltaram ao encontro e não foi possível entrevistá-la. Por telefone, informou que havia problemas de saúde da irmã mais velha que estavam impedindo-as de sair de casa. Foi sugerida uma visita domiciliar, mas a idosa preferiu não receber a pesquisadora em sua casa. Optou-se então por não insistir e manter também somente a primeira entrevista. A terceira participante autorizou que a entrevista ocorresse em sua residência e a segunda entrevista foi agendada e realizada em julho de 2017.

Diante dos fatos ocorridos, com a saída de duas participantes, buscaram-se novas idosas disponíveis que estivessem no perfil e que aceitassem dar a entrevista. A pesquisadora acionou sua rede de contatos e conseguiu a quarta entrevistada. A idosa era uma antiga conhecida, da época em que a pesquisadora trabalhava em um programa de atenção básica em um bairro da cidade de São Paulo. Os dois encontros com esta ocorreram entre agosto e setembro de 2017. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para posterior transcrição.

Tabela I – Nomes (fictícios) das participantes, idades e datas das entrevistas

Participante	Idade	Datas da primeira e segunda entrevistas
Nina	91 anos	13 de outubro de 2016
Justina	89 anos	13 de outubro de 2016
Carmem	72 anos	13 de outubro de 2016 e 4 de julho de 2017
Dalva	75 anos	15 de agosto de 2017 e 19 de setembro de 2017

Procedimento de análise

As análises e discussão das entrevistas não conseguem abarcar toda a experiência do indivíduo, mas corroboram, ao ilustrar com suas imagens, as reflexões sobre as diferentes formas de envelhecimento. Como as demais pesquisas de orientação junguiana, a análise dos conteúdos apreendidos é feita pela elaboração de símbolos. Como coloca Penna (2009, p. 95), “A compreensão do fenômeno/símbolo, segundo Jung (vol. 8), abrange as etapas de tradução, interpretação, elaboração e integração do desconhecido à consciência conhecedora”.

As entrevistas foram transcritas para serem posteriormente analisadas. Cada experiência é apresentada individualmente, dando destaque inicialmente à história de vida de cada uma das participantes. Dentro de cada relato, abriram-se itens em comum: “casamento e filhos”, “relação com a família”, “relações afetivas” e “velhice e futuro”.

Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP), sob o parecer número 1.747.761. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁶ foi lido e assinado pelas entrevistadas e as participantes tiveram seus nomes alterados por nomes fictícios.

⁶ Ver Apêndices.

4. RESULTADOS

4.1 Justina⁷: uma vida sossegada...

Justina é da Galícia, região noroeste da Espanha. Até os seus 20 anos, não pensava em sair de seu país. Mas, em 1948, uma tia que morava no Brasil há muito tempo esteve na Espanha por um tempo e convidou Justina e sua irmã para cá em meados de 1950. A história de Justina se mistura com a de sua irmã, Nina, de 90 anos, e, por diversas vezes em seu discurso, usa o pronome “nós”.

Conta que já chegaram ao Brasil com documento de permanência, pois, segundo ela, aqui só entrava gente que era “útil para o país”. Neste início da entrevista, Justina dá a entender que o objetivo de virem ao Brasil era primeiramente fazer companhia para a tia, mas, depois, viram que também estavam incumbidas de grande responsabilidade e que não poderiam fazer nada para prejudicar o país.

A tia chegara ao Brasil antes de 1900 e era casada. Na época da gripe espanhola, esteve na Espanha e acabou por retornar ao Brasil com uma de suas sobrinhas. Esta tinha 9 anos de idade na época e ficara órfã recentemente. Durante a entrevista, não se esclarece o motivo de sua vinda, ou melhor, o que levou a sua tia a trazê-las para o Brasil.

[...] ela [a tia] achou que estávamos em idade boa, 20 anos, 20 poucos anos e com bastante saúde, fortes e tal, dizia “vamos?”. Mas pensando mais com ela, porque ela era viúva e, mas que nada! Não! Ainda temos todos os papéis, a responsabilidade dela que trouxe a gente pro Brasil, nem encargos e chamadas nem nada...

Tampouco parecia haver dificuldades financeiras.

Porque aqui tinha trabalho. E nós não precisávamos de vir aqui, porque nós tínhamos lá trabalho. Foi a história de minha tia... não me arrependo, claro! Mas passei minha vida tranquila...

Seus pais e irmãos ficaram na Espanha. Sua mãe teve 7 filhos, inclusive gêmeos, mas já estão falecidos e hoje estão vivas somente a irmã e ela. No Brasil, as primas e os filhos delas são os familiares mais próximos. Tem muito contato e participa ativamente da vida deles.

⁷ A apresentação deste relato é o resultado do conteúdo trazido pela idosa em apenas uma entrevista realizada com ela e das observações de campo. Por questões de agenda, ou seja, dificuldade de nos encontrarmos devido às faltas dela e da irmã nos encontros do grupo de espanhóis, a segunda entrevista não foi realizada.

A comparação entre Espanha e Brasil surge em diferentes contextos de sua fala. Conta que o período de infância e juventude sempre foi muito tranquilo na Espanha. Por vários momentos, relembra dos momentos em sua cidade natal.

Até me lembro bem, teve uma festa na nossa rua, era Nossa Senhora do Carmo, foi o dia que começaram a guerra em 1936. Até estávamos toda a rapaziada, porque nós procurávamos ter as nossas coisas em ordem, o vestidinho, o sapato, a meia... claro! Porque é uma coisa que você desfruta. Nós tínhamos nove anos, mesmo lá, minha tia teve gêmeos, então, naquela ocasião, o que fizemos? Como nós tudo lá morava perto, minha tia morava melhor – daqui aí onde tem o metrô, a outra morava lá. Então era aquela vida boa, né?

Parece haver um saudosismo, algo relacionado ao fato de que lá atrás as coisas tinham outras cores, outros cheiros, outros sabores. Apesar de todas as adversidades, valia tudo muito a pena:

Lá nos invernos não é brincadeira, lá tem neve, tem geada, tem tudo, mas a gente era feliz. Por quê? Porque tinha saúde, era uma idade boa, e mais a criação... eu sempre penso “Claro! Que diferença”, porque hoje são outros tempos, ou mesmo lá na Espanha, mas eu digo “que tranquilidade dá o modo de ser da gente”, mas claro nem todo mundo pode pensar assim...

O trabalho entrou em sua vida quando ainda era criança. Morava com sua família no campo e o trabalho com a terra sempre exigiu esforço de todos. Ela conta que em sua cidade muitas mulheres trabalhavam; inclusive, afirma que lá “não tem uma mulher que não seja trabalhadeira”. Era uma vida que exigia bastante, mas eram felizes, segundo Justina.

Na Espanha, aprendeu a ler e a escrever e estudou até o equivalente ao Ensino Fundamental. Seguir com os estudos não era algo esperado dentro das condições de vida que tinha. Ainda criança, realizava diversas tarefas domésticas e do campo junto com outras meninas de sua idade.

Olha, nós éramos, naquela ocasião que nós éramos meninas, acho que era umas nove pessoas, só que deixava fazer de tudo. Lavar roupa, tudo, ir na porta buscar as coisas, as verduras, os cereais, mas era feliz, era feliz...

A felicidade existia nesse contexto de muita simplicidade e de nenhum luxo. Esta percepção vai ao encontro dos relatos de idosas na pesquisa de O’Brien (1991), cujas lembranças por parte das pesquisadas eram de uma infância segura e feliz. A vinda para São Paulo representou uma grande mudança, mas a cidade nos anos 1950 era outra, bem diferente da atualidade.

Você podia ir às dez da noite, você podia o que você não faz às quatro da tarde. E nós conhecíamos São Paulo, mas uma coisa é boa. Eu não me arrependo, mas tem uma coisa boa, que tenho até que lembrar de bom...

Assim que chegaram em São Paulo, começaram a trabalhar para um laboratório farmacêutico. Permaneceram neste emprego mais de 30 anos, até se aposentarem. Justina se descreve uma pessoa muito comprometida com o trabalho; em vários momentos retoma o quanto é importante a fidelidade para com este:

Desde o primeiro dia que nós fomos trabalhar, nunca ninguém teve que nos chamar a atenção, ao contrário, eu cuidava das coisas deles como se fossem as da minha casa. A mesma coisa. E trabalhamos muito.

Nas férias, costumava ir à Espanha visitar os familiares. Ao retornar para a empresa, seu lugar estava garantido. Nunca tivera problemas ou fora advertida. Morava perto do local de trabalho e costumava ir a pé com a irmã, que trabalhava no mesmo local.

Casamento e filhos

Na entrevista, ela trouxe pouco sobre a questão da maternidade, mas disse que esteve com as crianças da família, ajudou a criar os primos aqui no Brasil e desfrutou bastante da companhia deles.

Desfrutando! Eu acho que isso já nos satisfazeu. Já nos deu satisfação. Eu acho que sim. Porque todos que falam “primos”, eles são mais que primos! A prima carnal é prima duas vezes, porque a mãe dela era nossa prima por parte de pai e de mãe. Dois irmãos marido e mulher casados com duas irmãs. Então, primas mais do que primas carnis e eu acho que vem de tudo isso, né?

Justina se refere ao casamento como algo muito sério. E que a vida quando era jovem, era muito boa, pois não havia malícias, “os homens até consideravam as mulheres” e, com isso, sentia-se protegida.

A caminho do local onde seria feita a entrevista, Justina comentou que vê muita exigência sobre as mulheres em relação ao casamento.

Parece reforçar que não se casar foi realmente uma opção, mas que pretendentes não faltaram. Esta ideia parece ser reforçada por outra fala.

Até tem gente que às vezes, uma senhora, nós tínhamos ido, minha irmã tinha sido operada porque ela tinha um sebáceo e nós fomos até no hospital e tinha uma senhora que também estava esperando o médico e a gente conversando assim do casamento e tal e ela falou “está solteira porque não tem quem a queira!”. Bom, eu respondo logo, até assim conversando, ah pronto [risos] e quando perguntou a nós se éramos casadas, eu disse “não, nós somos solteiras, mas somos felizes” [risos].

Relata que teve vários pretendentes, inclusive no navio a caminho para o Brasil. Uma vez, conheceu um rapaz do Rio de Janeiro em uma festa, deu o número de telefone a ele, mas não esperava que ele entrasse em contato. Depois desse dia, passou um tempo com a tia em

Santos e avisou ao rapaz que não estaria em São Paulo. Afinal, não queria compromisso algum com ele. Contudo, o tal rapaz conseguiu localizá-la e encontraram-se. O curso que ele fazia em São Paulo acabou e, com isso, teve que retornar ao Rio de Janeiro. Ainda se viram quando, a caminho da Espanha, o navio parou no Rio, mas, depois disso, nunca mais se encontraram. Justina disse que ficou aliviada e que, pela distância das cidades entre eles, não teria como o relacionamento dar certo. Pensou que ele poderia vir de vez para São Paulo, mas se perguntou “e se não desse certo?”. No fim, ele teve uma promoção no Rio de Janeiro e ela pareceu aliviada por tudo ter acabado.

Não foi uma coisa tão... mulheres tem bastante, né? Quer dizer, pra ele não faltou... não faltaria, e ele pelo menos estava satisfeito, passou em São Paulo de avião e telefonou pra casa, e minha prima atendeu e se vê que ele estava bem. Tudo bem, pode até ser que [ele] gostasse de nos ver, mas era uma coisa que era a passar-se e depois já não, foi assim. Eu falei, cada vez eu fico mais feliz de estar solteira, e antes de vir para o Brasil eu tive pretendentes lá, mas acho que fiz uma opção.

Ela não aborda uma cobrança por parte da família em relação a isso. Mas curioso que, quando perguntada sobre o que os familiares falavam a respeito, Justina relata:

[...] agora digo uma coisa, minha tia falava “sempre a pessoa tem que procurar” porque dizem que amor não tem fronteiras, tem! Tem porque se aquele é de lá e casa com a moça de lá, daquela outra região, já que não sei o que... tudo bem. Não! Eu acho que não foi intenção de ninguém, que gozado. Não foi, porque ninguém falou “você tinha que se casar!”, não. Foi uma coisa, como se diz? Uma coisa simples, que não... que não...

Um outro posicionamento dela mostra que casamento lhe parece uma decisão muito séria, e um risco para a própria vida e independência. Ao falar de uma amiga que não casou, mesmo tendo se preparado para tal, compara o ocorrido a um salvamento.

Agora, estas meninas, uma trabalhou comigo na mesma seção, a outra trabalhava na outra seção. Esta até vestido de noiva tinha feito, mas acho que é como aquela pessoa que está num precipício e não cai, se salva.

Justina aponta que o fato de não ter responsabilidade com o casamento permitiu que ela ficasse próxima da família e ajudasse mais e, ao mesmo tempo, reforça a sua opção por ser solteira. É como se tudo que ela pode fazer por ser solteira fosse uma consequência de sua opção.

[...] o dia que ela [a prima] ia dar à luz, nós já tínhamos nossas férias marcadas, já ficamos na casa dela. Eu fiquei na casa dela. Já enquanto ela estava na maternidade. Quer dizer que foi também bom, foi bom. Se fosse casada jamais teria ido. Quer dizer que não é que eu não deixei por causa da família, é porque eu optei pra ficar solteira.

Ela conta de várias colegas que se casaram e sofreram muito e agradece por não ter acontecido o mesmo com ela.

Nós temos muita colega e têm essas meninas que eu falo, três, quatro, mas é difícil. Agora as que casaram... teve uma que sofreu pra burro. Sofreu. Uma moça boa. Até competente e pegou um cara que era bom, mas depois não deu certo. Sofreu as coisas piores que têm. Então, nessa hora a gente fala “Graças a Deus que sou solteira”. Não é que houve coisas que nos obrigassem a não casar, ou a casar, não. Ninguém.

Justina comenta, ainda, que muitas pessoas tiveram filhos e marido e isso não significou felicidade. Diante de sua criação, do ambiente em que viveram, a melhor opção foi pela vida de solteira.

Ficar solteira! Porque é uma das melhores coisas que existe na vida, eu acho. Éramos livres pra desfrutar.

Fala não ser contra casamento, até porque muitas crianças nasceram e isso lhe dá muita satisfação. Considera sua vida normal, como a das pessoas casadas e a noção disso também traz sossego.

Relação com a família

Justina mora com a irmã, Nina, de 91 anos. Trabalharam juntas na mesma empresa durante o mesmo tempo desde que estão no Brasil. São inseparáveis e vão a todos os eventos do grupo dos espanhóis juntas. Se uma não pode ir por algum motivo, a outra fica pra lhe fazer companhia.

Sempre mantiveram contato com a família na Espanha. Estiveram lá diversas vezes para visitá-los e ainda se falam com frequência por telefone.

Aqui, ela tem uma prima muito próxima, são quase irmãs. Esta casou-se e desde sempre Justina participou da vida dela. A prima teve filhos que tiveram seus filhos, e, assim, a família foi crescendo.

Imagina... minha prima que é a mãe dessa menina que hoje é dentista. Ela ia ter o primeiro e nós aguardávamos nossas férias, porque nos davam férias [no trabalho para ajudar].

Esta família no Brasil parece ter sido um dos motivos de elas não terem voltado para a Espanha definitivamente.

Porque eu sempre digo, hoje não é mais isso. É difícil por causa também da época que é corrida, têm famílias que nem se veem por causa de São Paulo. Então, eu acho que nós desfrutamos da família. Digo “poxa, mas vocês têm uma família, têm a sogra, têm o sogro”, mas quê? Eles ainda têm tempo pra saber se nós precisamos de alguma coisa.

Em sua fala, Justina mostra a preocupação que tem com a prima que recentemente caiu e precisou de cuidados devido a complicações decorrentes de um coágulo no cérebro.

Hoje minha prima nos deu tanta preocupação, agora está começando a melhorar, com fisioterapia, com fonoaudióloga, tudo! Agora, nós, pra nós é como se fosse nossa irmã. Por quê? Porque nós temos convivência. Porque nós, entre nós, todos é família.

Justina veio já adulta da Espanha, tinha muitos vínculos com a família de seu país. As primas que também vieram, sempre foram próximas e participativas. O contato com a família fortaleceu laços, pois possibilitou troca e a fez sentir-se útil, ativa e participativa.

Relações afetivas

Justina trabalhou muitos anos na mesma empresa; foram 30 anos de sua vida dedicados à firma até sua aposentadoria. Ao longo desses anos, cultivou muitas amizades. Até hoje, mantém contato com algumas delas.

[...] eu trabalhei 30 anos na mesma firma, teve muitas boas pessoas, colegas, amigas até hoje, 60 anos!

Na entrevista, Justina não mencionou relações com vizinhos ou outras amizades. Mas contou que é bastante participativa nos grupos dos imigrantes espanhóis, com quem também passeia e frequenta várias atividades. Nos momentos em que estivemos juntas, fora do contexto da entrevista, ela mostrou-se sociável, conversando com diferentes pessoas durante os encontros do grupo.

Velhice e futuro

A aposentadoria chegou para Justina há trinta anos, praticamente o mesmo período em que passou trabalhando. Ao ser perguntada sobre essa fase, ela conta que se ocupa muito com outras coisas. Tem suas plantas, cuida delas diariamente e comenta “Hoje eu não tenho tempo!”. Ela faz uso de um discurso bastante comum, o de que a vida de aposentado no Brasil não é fácil.

Só que aqui no Brasil, vou te contar! Pra aposentado aqui no Brasil, se não tiver juízo, ainda tendo juízo não é fácil.

Por diversas vezes em seu discurso, usa a palavra “sossegada”, referindo-se desde a sua criação até a forma de encarar a velhice.

Lá tá se vivendo. Porque minhas primas estão aposentadas. Olha, elas viajam, elas têm, ainda têm, por ser aposentadas, pagam menos telefone, têm muita coisa, até têm aquele programa dona de casa. É diferente, é outra coisa! É outra coisa. Não estou falando que aqui não é bom, não! É bom! Eu tenho muitas saudades daquele do tempo dos 50. Porque nós chegamos em 50. Vai

fazer 67 anos que estamos aqui, mas fomos muitas vezes à Espanha rever meus pais, minhas irmãs.

Ela se utiliza de comparações e afirma que na Espanha o idoso é tratado de uma maneira melhor e que “menina, vou dizer uma coisa, pra nós seria folgadíssimo estar na Espanha”. Afirma que, mesmo recebendo pouco, lá se consegue viver bem, ao contrário do Brasil, em que ela precisa ter plano de saúde, sendo que isso consome grande parte dos seus rendimentos. Ao mesmo tempo, reconhece que na Europa as coisas não estão fáceis.

Após a aposentadoria, não precisou de atividades extras; afinal, as coisas da casa e as plantinhas preenchem seu tempo.

Quer dizer que nossa atividade, pra nós não precisava sentir a aposentadoria não, porque tem gente que só trabalha, tá em casa, trabalha. Mas não, basta ver que não tinha tempo de nada. Hoje têm plantinhas pra tratar, ontem foi feriado e nós tínhamos que ir na missa de Pilar, que era o dia de Hispanidad. Ontem foi o dia de Hispanidad, foi quando Colombo descobriu as Américas e tal. Mas nem teve festa direito, aqui não. Na Espanha teve, bonita, bonita! Quer dizer, ontem foi assim, amanhã, hoje viemos aqui, amanhã vamos a São Roque, numa excursão do outro lugar. Então, eu não tenho tempo... porque pessoa que diz “aaahhh me aposentei”, eu não, ao contrário! Eu hoje levantei às cinco e pouco da manhã pra vir. Tudo bem. E amanhã também, vamos levantar cedo pra ir a São Roque. Tudo bem, quer dizer que nós não temos tempo. Agora tinha pessoas que, quando nos aposentamos, “ah Justina, você não vai...”. Quê?! Eu não sou chegada em casa, ficar no sofá sentada, não tinha nada pra fazer.

Aqui, ela descreve como costuma ser a rotina da semana, que é bastante ativa, sendo que parar para assistir TV, ou qualquer coisa parecida, não é visto como positivo. Ainda que tenha muitos afazeres em casa, costuma sair e participar das atividades de sua comunidade espanhola. Nesse trecho, novamente, surge a comparação entre Brasil e Espanha, exemplificado pela dedicação à festa de Hispanidad.

O deslocamento pela cidade é feito de ônibus; saem cedo e cruzam a cidade para chegar até o local de encontro do grupo.

Pegamos ônibus e viemos direto. Descemos aí embaixo. Não vale de metrô, pra nós não serve. Entrar no metrô? Onde se segura? Na perna dos outros? Nós não pegamos metrô. Mas tudo bem, o ônibus vem em meia hora. Nós chegamos às oito, às oito já estamos aqui. Chegamos cedo. A outra menina que vem conosco. Ela pega no Jabaquara. Um sacrifício pra pegar metrô no Jabaquara que é onde começa. São Paulo está difícil. Pra nós tá difícil. Pra vocês que trabalham, vocês jovens. Vocês estão com energia. E nós já temos 90 anos.

A respeito das transformações da cidade e do impacto disso sobre os idosos, Alves (2007) coloca:

A restrição da locomoção que chega com o avançar da idade, assim como a maior rapidez da vida citadina hoje, afeta essas memórias e lhes confere um novo tom. Em muitos momentos a sensação dos idosos é de que eles são expulsos da vida urbana mais ampla e constrangidos a uma vida social mais circunscrita. (ALVES, 2007, p. 132)

O trabalho doméstico é dividido com a irmã. Enquanto uma fica responsável por algumas tarefas, a outra fica por outras. E assim parecem conviver bem.

Minha irmã, ela faz comida, eu faço às vezes comida, eu lavo roupa, eu faço qualquer coisa.

A respeito de sua vida atual, de aposentadoria e em relação à idade, Justina comenta que não sabe se a vida tem sido boa, mas que tem sido tranquila.

Hoje, acredita que, se passasse sua velhice na Espanha, teria melhores condições de vida, mas se coloca como muito presente na família aqui do Brasil e afirma que não conseguiria deixá-los. Afinal, já são 67 anos de Justina morando neste país.

Estou com 89, minha irmã com 90. Eu nunca pensei que eu chegasse aos 80. Sabe por quê? Porque antes se morria mais cedo. Agora, não é bom ficar muito velha...

E ainda diz:

Ficar muito velha, ter muitos problemas. Muitos! Não, não! Que é a melhor idade? Não! Mas porque São Paulo está complicado. Para vocês está bom, os jovens, mas pra nós não...

Justina admira-se com a quantidade de remédios que os brasileiros consomem e agradece ao fato de só tomar dois comprimidos por dia por causa da pressão arterial. É na alimentação que está a fonte de toda sua saúde, assim como em uma vida tranquila.

Na Espanha, o médico, até pessoa que tem diabetes, pelo menos uma batata por dia. Agora aqui, o médico manda comer as coisas? Não manda.

Essa vida tranquila a qual ela se remete várias vezes durante a entrevista é, para Justina, a fonte de tudo e para isso teve uma base muito importante.

Bom, já passou o dia. Mas isso, isso, era uma coisa muito boa, óleo de fígado de bacalhau, é pros ossos, é pra tudo. Quer dizer que por isso, eu acho que também e depois as coisas lá, tudo coisa natural e a vida também tranquila, vá! E a vida tranquila, eu acho.

Justina descreve uma vida de muito trabalho, até os dias de hoje. Tanto ela como a irmã com 90 anos ainda são bastante ativas desde muito cedo.

E temos trabalhado, não é que nós temos moleza não, não. Porque mesmo minha irmã, ela na cozinha, perfeita, olha com 90 anos! Vai fazer 91. Quer dizer que, eu acho que eu digo que foi a nossa vida já de pequenas que veio assim, né? Sossegada.

4.2 Nina⁸: o trem da vida, à espera da estação

Nina, uma senhora pequena e tímida. No dia da entrevista, havia esquecido seu aparelho do ouvido e por vezes não conseguia escutar o que lhe era falado. É uma senhora de poucas palavras, menos expansiva que sua irmã, Justina. Por outros momentos, acusando já a sua idade avançada, ela se esquecia do que estava a dizer. Incentivada pela entrevistadora, começou pela sua origem, sempre usando o pronome “nós” ao dizer que veio da Espanha e com ênfase pronunciou seu ano de nascimento: “sou de 1926!”.

Já se conhece um pouco da história pelas palavras de Justina, sua irmã dois anos mais nova. Conta que, quando criança, tinha de tudo em casa. Mas o “trem da vida” muda de curso e as coisas ficaram diferentes. Nina também não diz os motivos que levaram sua tia a trazê-las da Espanha. Contudo, estava com 23 anos quando veio a convite de uma de suas tias ao Brasil, que acolheu a ela e a sua irmã.

Seus pais e mais cinco irmãos permaneceram na cidade de origem, e apenas uma fotografia com todos reunidos preserva a imagem da família reunida. Hoje, dos sete filhos, só estão vivas ela e a irmã, Justina.

É. Os pais ficaram lá, os irmãos. Agora, agora, é... nós temos uma fotografia até assim, éramos sete, porque minha mãe, no final, teve gêmeos. Mas os gêmeos, como naquela época não tinham assim muita facilidade de coisa, de medicamentos, eles faleceram de pneumonia, pequeninhos. Então, esses não ficaram, depois foram os outros. Os pais não têm, não têm mais nada. Quer dizer, minha irmã, porque somos... tinha uma, depois eu e depois a Justina e depois tinha mais dois meninos. De todos só estamos nós duas. E nós duas que viemos pra cá.

Nina chegou ao Brasil em 1950 e, no ano seguinte, conseguiu o emprego no qual ficaria por mais de 30 anos.

Fomos a trabalhar e quando era nas férias, nos deixavam ir a Espanha porque nós tínhamos, nós tínhamos o direito de ir de férias, mas eles nos davam um pouquinho mais. Quando chegávamos, dizíamos “donde que nós vamos ficar?”, “no vosso lugar.” Sempre assim, porque nós trabalhamos em um lugar, as duas, só um e já nos aposentamos. Não fomos pra nenhum lugar e foi bem até certo ponto, porque depois há coisas que não dá certo, né?

⁸ Nina pediu para não continuar na pesquisa, preferiu não dar a segunda entrevista, mas aceitou que a primeira entrevista fosse utilizada na pesquisa. O relato foi realizado a partir de suas falas na primeira entrevista e das observações feitas durante o encontro com ela.

Durante este período, Nina trabalhou na mesma função e toda rotina de vida era em função do comprometimento com este emprego. Porém, conseguia nas férias ir com a irmã à Espanha rever os familiares. A última visita ao país foi em 2011.

Ela não conta muito sobre as amizades, mas diz que costumava ir às festas e voltar à noite; afinal, São Paulo era diferente. As colegas de trabalho gostavam de sair e ir aos cinemas de rua que haviam no bairro. Nina particularmente não gostava e conta com risos que muitas das moças saíram para passear, faltavam ao trabalho e diziam que estavam doentes, quando na verdade não estavam.

Não costumavam sair ela e a irmã à noite sem companhia nas atividades de sua comunidade espanhola.

Ah, sim, frequentamos aqui há tempo. Antes era o lugar, era bom porque, mas tinha umas festas muito tarde e nós, como éramos solteiras, não tínhamos ninguém do lado, nós não íamos. Quando era assim tarde, não íamos. Era quando era mais cedo. Quando nós íamos almoçar lá, ou algo assim...

Ao ser perguntada sobre o que gostava de fazer nas horas vagas, Nina diz que “sempre tinha coisa pra fazer” e exemplificou descrevendo atividades domésticas. Fora do trabalho no laboratório, ocupava-se com o trabalho de casa.

Casamento e filhos

Nina falou muito pouco sobre a questão do casamento. Comenta não saber o porquê de não ter se casado. Sempre tratou do assunto como uma necessidade que não teve. Aliás, nesse momento, novamente ela usa o plural; não fala apenas dela, mas da irmã também. Sempre morando com a irmã, pareciam ser autossuficientes.

Agora, nós não nos casamos, eu não sei porquê. Porque... não sei. Não tinha necessidade e estávamos muito bem. Não digo... eu não quero ser uma... uma que diga, que fala dos que se casaram, não! Cada um, né? Então é assim...

A prima perguntava “Por que não se casam?” e a própria comentava que elas estavam muito bem sem marido. Não teve vontade de continuar seus relacionamentos e casar-se, mas confessa que teve alguns namoros.

Que! Tivemos namorados, assim, assim de conversar, de coisa, nada de beijar e... mas só!

Nina também não falou muito sobre filhos, abordou superficialmente quando perguntada sobre o futuro, como se verá mais à frente. Os primos de terceiro grau, apesar da

distância no parentesco sanguíneo, são considerados verdadeiros sobrinhos, pois fazem muito por elas.

Relação com a família

Nina mora com a irmã, Justina, dois anos mais nova. Sempre trabalharam juntas e frequentam os mesmos lugares. Dividem as responsabilidades e tarefas domésticas. Os primos e primas de terceiro grau são os parentes mais próximos no Brasil. Sente-se acarinhada e cuidada por eles, mesmo achando que isso não seria uma obrigação deles. Comenta que os “verdadeiros” sobrinhos que estão na Espanha provavelmente não fariam o mesmo, ou seja, não dariam todo o apoio necessário, ainda mais nesse momento da vida. Mesmo sendo mais distantes em relação ao parentesco, os familiares residentes no Brasil são muito mais próximos afetivamente.

Relações afetivas

Nina contou que ainda tem amigas da época de quando trabalhavam juntas. Conversam até hoje e se encontram para comer uma pizza de vez em quando.

Ela frequenta dois grupos para imigrantes espanhóis e conhece muitas pessoas. Durante as visitas, pude perceber que sempre sentam-se à mesa com as amigas, conversam e brincam muito umas com as outras.

Velhice e futuro

Ao mesmo tempo, dos seus 90 anos, são 66 anos no Brasil, mas parece há ainda uma esperança em retornar. Seu discurso dá a entender que não teria vindo pra cá se não fosse pela tia. Tinha planos de voltar para Espanha depois de aposentar-se, porém, encontrou vários impedimentos.

Então, a gente ficou, ficou assim. Nós não, claro... nós voltamos mais vezes à Espanha, mas nós fomos em 2011 a última vez e agora também não dá porque com quem vamos deixar a nossa casa? Não tem assim... pra deixar pra uma pessoa, né? Então, a gente tem que ir levando, assim e estamos as duas. Agora vamos ver, vamos ver como nós vamos curtir daqui por diante. Porque aqui, cada vez mais, a gente tem que... mas é assim, estamos assim.

Chega a dizer mais de uma vez que queria voltar para Espanha, mas parece haver também que uma dependência em relação à família.

A gente veio pra cá, não é que a gente... mas disseram “porque nós não iríamos...”, porque nós queríamos quando nos aposentamos, nós queríamos ir embora, mas temos uma prima que é já de segundo [grau], porque ela tem

netos, filhos e netos, imagina! Que tão, que tudo que nós queremos, nós procuramos, ele sempre ajuda. E... e aí?

E aí que, possivelmente, o forte vínculo mantido há tanto tempo com a prima aqui no Brasil também tenha contribuído para que mudassem os planos.

Sim, mas minha prima disse “ah mas eu vou sentir tanto [a falta de] vocês”, aí voltou tudo [risos].

Mas acreditam que na Espanha estariam bem, teriam remédios de graça e poderiam viver e ter uma a velhice melhor, segundo Nina. Contudo, a casa também significa vínculo no Brasil. Nina e Justina moram juntas no mesmo lugar há muito tempo.

A pesquisa de Barroso (2002) com idosos imigrantes espanhóis revelou, assim como a fala de Nina, que muitos deles gostariam de passar essa fase da vida em seu país de origem. Assim, teriam mais condições e receberiam mais benefícios; no entanto, são os vínculos afetivos que muitas vezes os impede.

Diferentemente de sua irmã, Nina demonstrou mais preocupação com a velhice avançada. Essa inquietação é demonstrada mais na fala sobre ter que buscar casa de repouso para elas, uma vez que se prevê maior dependência daqui para frente. Ambas têm idades muito próximas, e uma não poderá assumir todos os cuidados pela outra. Entende como positivo o fato de ter apenas dois anos de diferença em relação a sua irmã, porque juntas vão pensar em um lugar para ficar. Ficar em casa de parentes não é uma opção, não deseja ser um fardo, uma vez que eles têm seus filhos e netos para cuidar. Isso deve ser uma decisão dela e de Justina, afirma.

A incerteza do futuro parece preocupar, pois não sabe como ficarão as coisas. Quando comentei sobre o fato de não ter tido filhos, ela afirmou:

É, não tem quem venha, que fique na nossa falta. Então...

A aposentadoria veio há 30 anos, com uma rotina também bastante ativa, pois, em casa, sempre há algo para fazer. Participa hoje de dois grupos da comunidade espanhola, gosta das atividades e excursões e, assim, ocupa-se.

Nos aposentamos e continuamos em casa a mesma coisa.

Fala também que reza, como alguém que não tem muito o que esperar da vida daqui para frente.

Aí nós nos aposentamos, tamos com a aposentadoria e agora estamos rezando [risos].

Esse enunciado de um futuro incerto aparece algumas vezes. Pede saúde a Deus para continuar sua vida, para ir um “pouquinho mais”. Acaba preocupando-se com “até quando vou durar”. Existia um plano inicial após o período de trabalho formal, que era voltar à Espanha. Em momento algum Nina comenta sobre outros planos de vida; não é algo que surge em seu discurso.

Ela acompanha os acontecimentos na Espanha por meio da televisão, no canal oficial do país. Vê as comemorações e festejos. No dia anterior à entrevista, foi comemorado o dia de Nossa Senhora do Pilar, padroeira da Hispanidad, uma data muito importante na Espanha, sendo que aqui também teve espaço para celebração. Enquanto tenta se lembrar do nome de ícones importantes da festa, Nina se esquece e, de forma tímida, comenta que já não está bem da memória.

E tivemos vendo a... acho que tem não sei quantos de militares diferentes e tem! E tem um bichinho, uma... não sei dizer... de vez em quando eu já noto que a coisa não tá muito boa [risos] e também tenho tido... eu tenho tido... é... tenho que ter cuidado porque às vezes, eu estou que parece que eu bebi e que ando por aí... então, também tem que ter esse cuidado.

E, em seguida, diz que teve uma vida boa. Lembra-se do passado com graça.

Quer dizer que nossa vida foi boa, foi boa sim. Nós tínhamos um tio que ele falou assim. Bom, vamos escrever aqui o nome, o nome, se nós não escrevemos direito, ele dizia assim “isto não está direito!” [risos]. Aí, ele nos fazia fazer tudo direitinho, se tínhamos que fazer tudo direito, os números e tudo. Até isso! [risos].

Apesar da idade avançada, faz apenas controle da pressão arterial com dois medicamentos e não costuma ir ao médico. Qualquer problema de saúde, se não for grave, cura-se sozinho; para situações mais adversas, recorre ao plano de saúde. A ginástica semanal que faz no grupo também contribui para manter-se saudável física e mentalmente.

Trazendo o tema da morte, diz que tem algumas preocupações e que já deveria “estar noutro lugar”. Novamente, fala sobre como será daqui para frente, mas, ao mesmo tempo, sabe que não é ela quem manda nesse destino.

Porque não se sabe o que vai ser. Até aqui sabemos, mas daqui pra frente. Sim, e é isso. É essa nossa vidinha.

4.3 Carmem: da aviação ao cuidado

As duas entrevistas com Carmem ocorreram em momentos bem diferentes para ela. Nos encontramos pela primeira vez em outubro de 2016, no salão da igreja onde acontecem as reuniões do grupo dos espanhóis, do qual é coordenadora. A segunda entrevista aconteceu em sua casa, em julho de 2017, aproximadamente um mês após o falecimento de sua mãe. Carmem está com 72 anos de idade e nasceu na região de Astúrias, Espanha. Seus pais tiveram três filhos e ela é a mais velha. Quando tinha quatro anos de idade, sua família decidiu sair da Espanha por conta de uma crise desencadeada pela Guerra Civil, mudando-se para Guiné Espanhola (atual Guiné Equatorial). Estavam em busca de melhores condições de trabalho, pois a Espanha encontrava-se em grande crise econômica. Foi lá que nasceu seu irmão mais novo.

O movimento pela independência da Espanha fez com que seu pai buscasse novas oportunidades fora da Guiné Espanhola, mas voltar ao seu país de origem não era uma boa ideia naquele momento. Como um irmão de seu pai já estava no Brasil, a família decidiu imigrar para este país, em 1960, quando Carmem estava com 14 anos de idade. Ela relata que, se seu tio não estivesse no Brasil, possivelmente teriam voltado para Espanha. Mas, no Brasil, havia muito trabalho e não passaram dificuldades: somente seu pai trabalhava fora e conseguia sustentar a família de cinco pessoas.

Eu vim pra cá adolescente e digamos que eu consegui tirar o melhor dos dois mundos. Eu vim de Espanha muito feliz, porque a gente não saiu por problemas financeiros, graças a Deus. Tinha a crise, mas meu pai tinha seu próprio negócio, porque lá não tinha. Viemos pra cá com a previsão do meu pai que acho que foi bem acertada e toda vida trabalhamos, não caiu nada do céu, mas trabalhamos. Temos nossa casa, nosso teto próprio.

Carmem tinha estudado até o quarto ano ginasial quando chegou ao Brasil e depois fez supletivo. Tinha vontade de continuar estudando e ir para a área de exatas, estudar os números; porém, logo começou a trabalhar. Os números sempre lhe atraíram, chegou a fazer cursinho para a área de exatas e, no seu primeiro emprego, atuava com cálculos e estatística. Fez alguns cursos livres, mas não pôde assumir muitos compromissos acadêmicos por causa de seu trabalho. Seu sonho era cursar medicina, porém, afirma que o quer não para “consultas de doentes”, mas sim para trabalhar com pesquisas.

Uma outra paixão que gostaria de desenvolver é investir no desenho. Sempre desenhou muito e cogitou a possibilidade de cursar Belas Artes.

[...] eu sempre gostei de desenhar. Sempre desenhei muito bem assim. Aí quando vim pra cá, fiz português, aprendi outras coisas, mas pensei sinceramente em fazer a Belas Artes. No que ia trabalhar, não sei.

Morava no Pari, bairro da cidade de São Paulo, onde também estava seu segundo trabalho, o que lhe era bastante cômodo. Após dois anos trabalhando lá, conheceu o administrador de uma empresa de linhas aéreas nos encontros da comunidade espanhola que ela ia de vez em quando.

Na época, ela ajudou a fazer traduções do espanhol e, por dominar o idioma, foi convidada a ser secretária de vendas, pois precisavam com certa urgência de alguém para ocupar o cargo. Acabou aceitando o trabalho por o ver como uma grande vantagem: “Falou em viajar, eu aceitei”.

Digo me convidaram porque fazendo uma outra atividade, eu nunca frequentei os clubes espanhóis, assim como lazer, mas de vez em quando eu ia ajudar em algumas coisas e numa dessas coisas conheci um diretor que falou “estamos precisando de gente falando e escrevendo espanhol, você não quer vir trabalhar conosco?”. Perguntei “o que eu ganho?”. Aí ele me falou o salário e eu perguntei o que além do salário. “Você ganha viagens por ano de férias pra onde você quiser fora as de trabalho que podem aparecer”. Falei então tá bom! “Me esperem até fevereiro”, porque eu trabalhava ainda e no mês de dezembro e janeiro, a gente fazia todo o recálculo do custo dos preços dos brinquedos. Porque aí toda a mercadoria tinha sido vendida e entrava tudo novo. Eu disse que só podia largar em fevereiro e ele falou que tudo bem. Foi assim! Me despedi feliz e contente numa firma, não deixei eles na mão na época difícil, de recálculo e tudo isso, e me mandei. Aí os meus planos de desenho e de artista ficaram de fora. Eu gostava de viajar. É algo que sempre me chamou a atenção. E assim foi ficando por 33 anos...

Para Carmem, o trabalho não era uma necessidade de ordem financeira. Para ela, era uma necessidade pessoal, uma busca por independência.

Pra ter a vivência, sabe? Eu nunca me vi sentada em casa olhando pra televisão, não porque tinha mais dois irmãos homens que me vi assim, nunca me vi. Porque nunca fomos criados assim, assim “você é mulher, vocês são homens” não... era: “busque teu caminho, busca teu futuro, sua independência”. Foi por aí sempre.

Na empresa de linhas aéreas, ela trabalhou por 33, 34 anos, sendo que nos últimos 20 anos de trabalho foi chefe de departamento, passando depois a gerenciar vendas para outros estados do país. Por meio deste trabalho, viajou bastante para outras cidades do país e também ia à Espanha com certa frequência. Fazia parte de suas atribuições dar treinamentos, o que para ela era uma ironia, porque nunca pensou em ser professora.

Sempre foi muito dedicada ao trabalho. A empresa mudava muito, a diretoria era alterada a cada quatro anos e ela precisava se adaptar. No geral, sentia que as pessoas

colaboravam com seu trabalho e isso era positivo. Mas, algumas vezes, foi criticada porque frequentemente se mostrava inflexível. Não suportava fofocas, nunca permitiu isso no trabalho. Acredita ter sido rigorosa ao ter que demitir alguns de seus funcionários, agindo até de forma um tanto violenta. Na época, não via outra saída diante do ocorrido. Se isso fosse hoje em dia, teria agido diferente: só a idade para fazer refletir e mudar algumas posturas mais inflexíveis.

Mas esse tipo de situação eu não gostava, eu me sentia pouco tolerante com essas coisas. Mas os outros, você tem mais 15 funcionários ou 17 e o que fazes? Então esse tipo de coisa que me sentia violenta de fazer. Hoje não sei como eu faria. Provavelmente toleraria um pouquinho mais.

Ela sempre morou com os pais. Mas brinca que “praticamente morava sozinha”, porque, quando seu pai parou de trabalhar, ficavam ele e a esposa muitos dias na casa da praia. Seu pai faleceu há aproximadamente 20 anos, quando Carmem estava com 51 anos de idade.

Houve uma boa integração no Brasil, segundo Carmem, sem deixar o contato com a comunidade espanhola. É bastante crítica no que se refere à postura de grande parte dos imigrantes. Assim, na medida em que vieram para cá, permaneceram porque quiseram e porque foi positivo de alguma forma. Carmem vê o Brasil como sua casa, o país onde estabeleceu raízes e fortes vínculos.

O erro da imigração é que se fecham muito em si mesmos, nas carências. A comunidade é boa pra te ajudar, mas se você fica na comunidade, fica difícil. Aí você sofre, ao passo que se você se integra, uma beleza.

Até começar a trabalhar, aos 18 anos, Carmem participava de algumas das atividades da comunidade espanhola. No rádio, sua família ficou sabendo da missa que acontecia aos domingos na cripta da Catedral da Sé e, assim, começaram a conhecer pessoas e a se reunir com o grupo folclórico da Missão Católica Espanhola. Tratava-se de um grande grupo que fazia encontros aos finais de semana para ensaios e atividades de convivência. O objetivo desse grupo era manter tradições de diversas partes da Espanha. Era uma maneira não só de manter a cultura, mas também de participar e conhecer diversos lugares.

Atualmente, Carmem é coordenadora do grupo de idosos espanhóis que se reúne às quintas-feiras no salão de uma igreja em São Paulo. Seu papel é organizar as atividades e também providenciar ajuda, via Espanha, em caso de algum tipo de necessidade dos participantes. Ela chegou a essa função pelo convite do médico que criou o grupo pensando nos moldes dos centros-dia, já existentes na Espanha, por meio de uma entidade chamada Espanhas no Brasil.

Na época, Carmem tinha acabado de se aposentar e aberto uma *rotisserie* com sua cunhada e, então, alternava suas funções entre seu próprio negócio e o grupo. Contudo, sua mãe começou a passar muito tempo sozinha e, por consequência, entrou em depressão. Decidiu, então, passar para frente a *rotisserie*, mas manteve suas atividades no grupo.

Carmem está aposentada desde 2002 e, para ela, isso não representa uma grande mudança, como imaginava inicialmente. Não tinha muitos planos para esse momento. Estava cansada de mudanças e de ter que viajar a trabalho tão frequentemente, pois chegava a ficar uma semana longe de casa.

[...] mas chega uma hora, que como eu digo entrei feliz na e na hora que eu parar realmente de trabalhar, também gostei sabe?

Casamento e filhos

Carmem tem uma rede de suporte que tem sido construída ao longo dos anos. O fato de não ter marido nem filhos não a deixou desamparada nesse momento. Outras pessoas lhe dão apoio, constituindo-se em suas relações pessoais.

O núcleo familiar tem que ser além disso. Porque ter filhos não é garantia de nada. Não digo que são bons nem ruins, a vida pode levá-los pra longe. A minha mãe e o meu pai vieram pra cá e não são mais ou menos bons os que ficou lá, por exemplo. Mas levou eles pra longe dos pais, e aí? Dá na mesma.

Para a idosa, não se casar foi uma opção; acredita que todos temos escolhas. Isso vem também de sua criação. Conta que seus pais não faziam distinção entre ela e seus irmãos e acha que eles eram até bem modernos para sua época. Afirma não ter escutado deles que ela deveria casar-se ou arrumar um “bom partido”. Brinca:

E falam “porque não se casou?”. Eu falo “porque não achei nenhum trouxa que soubesse cozinhar!” [risos]

Diz ainda que não tinha nada contra casamento, mas também nada que favorecesse a vontade de casar-se. Casamento é algo a “se arriscar”, diz ela, se a pessoa acha que vale a pena. O casamento foi algo que “nunca deslumbrou”, e possivelmente acabou não se preocupando com isso. A mesma coisa com filhos. É uma aposta que se faz na vida sem saber bem como se sairá.

A respeito da maternidade, Carmem conta que foi questionada algumas vezes sobre sentir falta de ter filhos. Sua resposta, no entanto, é atribuída ao fato de ter sobrinhos e estar com eles.

Eu fico com o lado bom. Na hora que encher muito, tchau!

Por outro lado, relata que quem a conhece sabe que é bastante “cabeça fresca” em relação a isso. Chegou a ouvir de algumas pessoas que ficará sozinha se não tiver filhos, mas respondeu sempre que nunca considerou filhos como garantia de companhia. Visto que, caso sentisse falta de um filho, não hesitaria em adotar. Mas também foi questionada sobre isso. Carmem rebatia dizendo que mesmo com filhos biológicos, não haveria como prever o futuro. Assim, “nada é garantia de nada”.

A vontade de adotar também não foi despertada. Quando perguntada sobre isso, conta:

Não, acho que sempre fui um pouco livre. Vamos ajudar, mas sempre fui de ajudar. Em algumas coisas de ajuda, era eu. Te ajudo aí. Te ajudo na escola, empurra pra frente.

O fato de não ter tido filhos não foi impedimento para contato com crianças. Muito pelo contrário: ela teve contato com seus sobrinhos e conta que crianças não faltaram na família.

Sobrinhos assim, diretos, tenho três. Porque o que acontece... um de meus irmãos se casou com uma divorciada. Ela tem uma filha, eles tem dois netos também. E do outro lado, do outro irmão, a irmã de minha cunhada, o casal tinha um filhinho, se mataram num acidente de carro os dois e sobrou o menino e eles ficaram com a tutela do menino. Por vias indiretas mais dois, todos têm filhos hoje. Já tenho sobrinhos-netos. Você vê que a família cresce.

Ela relata que a família sempre a deixou livre para escolher e tomar suas próprias decisões, sem proibições, mas sempre alertaram para pensar sobre as consequências.

Educação correta, respeitar os outros, mas engraçado, nunca escutei, não me lembro de escutar meu pai e minha mãe a nenhum de nós três “Te proíbo de fazer isso”, “Você vai fazer isso? Pensa bem.”. Quando eles falavam “Pensa bem”, eu recapitulava a ver o que... engraçado...

Carmem afirma que sempre foi livre para decidir sobre sua vida. Seus pais eram “modernos” para época, como ela mesma coloca. Assim, ela mesma não percebe ao longo de sua história uma pressão para que sua vida fosse de um jeito ou de outro. Por outro lado, parece que tudo foi acontecendo e ela foi se agarrando às oportunidades que foram surgindo.

Diferentemente de muitas mulheres que tiveram que viver sob o padrão do matrimônio e da maternidade, Carmem parece não ter sofrido com isso. Pode, ao longo da vida, fazer suas próprias escolhas e seguir seu próprio caminho. E, agora, aos 72 anos, ela reconhece isso e comenta:

Acho que ainda posso [ter minhas escolhas]. Ainda tenho espaço para alguma coisa. E se não quiser também, tudo bem! Se for me comparar com outras pessoas que conheço, todas felizes e contentes, acho que tive uma vida maior. Com mais gente, pude conhecer muito mais gente do que muita gente. Então...

Relação com a família

Carmem contou que gosta de sentir as pessoas perto, formando com os irmãos e as cunhadas um núcleo familiar. Sempre considerou sua família, os pais, ela e os irmãos, pois afastaram-se há muitos anos dos outros parentes. Mantiveram contato com parentes na Espanha, mas, para Carmem, isso nunca foi garantia de apoio.

Hoje, com seus sobrinhos-netos, que ela também considera como família, mesmo não tendo ligação de sangue, afirma que as raízes estão mais fixadas no Brasil do que em seu país de origem.

Às vezes eu falo “minhas sobrinhas-netas”. É parente sobrinhas-netas também, não tem nada de ligação, mas a gente viu os pais nascer. Então, não tem como desconsiderar, é família, não tem jeito. Em Espanha dizem que “*quien es tu hermano el vecino mas cercano*”, “quem é teu irmão, é teu vizinho mais próximo”.

Isso ela complementa com a fala:

A gente vai sentir mais amor pelo vizinho do lado que pelo parente que está lá. Tu não estás vivendo isso, você não sente a falta física. E do vizinho você sente. Mas acho que graças a Deus é assim, senão a gente ia sofrer por todos os lados [risos].

Quando nos conhecemos para a primeira entrevista, Carmem ainda se dedicava exclusivamente ao cuidado da mãe. Esta, apesar de não ser totalmente dependente em relação aos cuidados pessoais, precisava de alguém por perto sempre, por conta da perda de memória recente que ela tinha. Na ocasião, relatou:

Moro com a minha mãe, que tem 96 anos. Então, a partir daí... minha mãe está bem, está inteira... faz parte do grupo, está aí... mas tem as coisas da idade, e da memória... Então, passo o dia inteiro como quem anda atrás de uma criança. [Ela] Faz o café da manhã, só que às vezes bota a água pra ferver e esquece de coar o café, tudo bem. A maior parte das vezes, ela faz o café e chama “não vem tomar o café”?, digo “vou”. Tomo o café e o resto da casa, a casa fica toda por minha conta, porque ela esquece. Diz “vou fazer isso, vou passar roupa”. Chega lá e esqueceu o que vai e vai regar as plantinhas. Então meu dia passa assim, com minha mãe.

Carmem chegou a falar do receio de que algo lhe acontecesse e sua mãe ficasse sozinha sem poder pedir ajuda.

Sozinha com ela não vou mais [à casa da praia]. Já fui, mas agora não me sinto muito segura, porque não é que ela passe mal, se ela passa mal eu corro, mas e se eu passo mal? A casa lá na Praia Grande tem vizinhos antigos que a gente é amigo, mas como ela vai sair e pedir a alguém ajuda? Então não me sinto segura. Essa é que a verdade...

Ela diz que cuidar da mãe foi algo necessário e, ao mesmo tempo, uma escolha, na medida em que não atribuía (ou dividia) esse cuidado com os irmãos. Não pensava também em terceirizar essa função, tendo alguém para ajudá-la minimamente. Essa fala de Carmem vai ao encontro do que Bohm e Carlos (2010) dizem a respeito de como um indivíduo se torna um cuidador. De acordo com os autores, tornar-se cuidadora é algo que acontece sem preparo anterior e muitas vezes a notícia de que um idoso precisará de assistência integral chega de surpresa.

Carmem faz parte de um grupo cada vez mais comum: o de idosos cuidando de outros idosos. Seus irmãos são casados e moram em bairros diferentes da cidade de São Paulo. Sendo assim, em caso de emergência, ela pede ajuda a algum vizinho. Ainda conforme Bohm e Carlos (2010), é muito comum que apenas uma pessoa se torne a cuidadora, enquanto outros familiares são apenas coadjuvantes.

Por meio de seu trabalho, ela conseguia viajar para Espanha com certa frequência. Mesmo depois de aposentada, conseguiu visitar o país algumas vezes. Entretanto, nos últimos cinco anos, não conseguiu mais viajar, porque sua mãe se cansa muito e ela não vê sentido em ir sozinha. Acabava não vendo justificativa em ir e deixar a mãe com seus irmãos, pois eles têm uma vida muito corrida e São Paulo não é uma cidade fácil pelas distâncias. Sua vida, sua família e seus amigos estão aqui; então, ela não achava tão necessário ir à Espanha tantas vezes assim.

Ainda era bem recente o falecimento de sua mãe quando nos encontramos para a segunda entrevista. O cuidado com a mãe era sua função principal nos últimos anos. A sua rotina agora é outra e Carmem ainda parece estar se encontrando nesse novo momento.

A entrevistada gostaria que tivessem tido mais tempo juntas. Sente sua presença na casa e às vezes se pega indo falar algo com ela.

Às vezes, estou aqui fazendo uma coisa e me pego tentando contar uma coisa pra ela e não tem ninguém... Porque ela ficava aí fazendo crochê, vendo uma revista ou vendo televisão e eu aqui adiantando... Ela “vem aqui sentar um pouco”, e eu “pera aí mãe, senão a comida não sai”. Então é nessas coisas que se pegam, mas aquilo...

Só o tempo. Acho que nem com o tempo passa isso. Tem pessoas que perderam os pais, a mãe, há muitos anos e que de vez em quando ainda dão umas escorregadas. A minha, tive ela há muito mais tempo que a maioria, né? Ela faleceu com 97 anos.

Carmem conta que a mãe estava participante, à sua maneira. Seus problemas de saúde eram decorrentes da idade avançada, e sua hora chegou, assim como chegará a de todos, afirma. A entrevistada confessa que queria sua mãe por perto mais um pouco, mas sabe racionalmente que as coisas não funcionam dessa forma. Chega a relatar que poderia ter feito mais, ou, se tivesse feito diferente, o resultado poderia ser outro.

Chegou a hora dela, como chegará a de todos nós. Mas a gente sempre espera “Ah, vamos segurar mais um pouquinho”. Não tem jeito, é assim que funciona, né? Sempre é pouco. Fica “se eu tivesse feito aquilo outro”, não adianta. Friamente não é por aí.

A sua vida estava dedicada a ela quase cem por cento. Quando questionada se não deveria descansar um pouco, fala que não sentia necessidade. O cuidado não era tão desgastante. A mãe nunca ficou de cama, subia e descia as escadas sozinha – com a supervisão de Carmem – mas ainda conseguia se vestir, tomar banho e se alimentar sem ajuda. Isso fazia diferença.

Neri e Sommerhalder (2002), a partir do levantamento bibliográfico, apontam que as pesquisas indicam que o grau de estresse do cuidador também está ligado ao grau de dependência do idoso.

O grau em que podem causar sobrecarga ao cuidador depende do número e da qualidade das necessidades dos idosos no âmbito do manejo da vida prática e da própria sobrevivência. Os mais onerosos para o cuidador, do ponto de vista físico e emocional, são os que envolvem a sobrevivência física e os que envolvem o manejo de déficits comportamentais e de distúrbios cognitivos. (NERI; SOMMERHALDER, 2002, p. 21)

A respeito da falta de memória, Carmem conta que esse problema era difícil de encarar, principalmente no começo. Ao longo da convivência, foi aprendendo estratégias para lidar com a situação.

A gente começa a... Aquilo que nos surpreende, porque o médico avisou quando ela foi fazer a cirurgia. Disse “olha, a anestesia geral afeta a memória. Pessoas jovens recuperam, mas com essa idade, já tem a memória enfraquecida natural, provavelmente recuperará algo”. Foi engraçado porque realmente, não é que isso surpreendeu “pô, mãe, já te falei”, “você não me falou”... Não é que repetia as coisas. A gente falava pra ela, mas ela dizia que não sabia. Então, até você se acostumar com isso... Mas a gente acostuma! Depois de uns meses, a gente entra nessa também. Mas é o que mais te surpreende, aquela mudança de ritmo.

A habilidade e esse conhecimento relatados por Carmem, que, aos poucos, foi aprendendo a lidar com as condições de sua mãe, são construídos no dia a dia, na prática do contato. Nesse sentido, os familiares vão aprendendo com erros e acertos e aos poucos a

ansiedade e o medo vão dando segurança ao cuidador que, assim, vai se organizando (ALVAREZ, 2001 apud ROCHA; VIEIRA; SENA, 2008).

Suas responsabilidades são as mesmas, mas, agora, Carmem tem ido bastante à casa dos irmãos, dormindo lá alguns dias da semana. Tem também se dedicado a tirar o excesso de papéis guardados há muito tempo, que afirma ser muita papelada arquivada, notas fiscais, garantias e contas antigas.

Diante do papel de cuidadora, Carmem acabou deixando de lado algumas coisas que gostava de fazer. Ela fala de uma vontade de retomar isso, mas não quer compromissos, não pretende se dedicar a nada específico. A tecnologia também está dentro disso. O celular quase não usa, somente para emergências. Não deseja ter contato com computador. Está avessa a tecnologias. Ela acha que isso escraviza demais as pessoas.

Eu, neste momento, estou rebelde contra qualquer método de informática [risos]. Não quero mexer, às vezes me dizem que deixaram recados no meu celular. Não me deixem recado no celular, ainda mais recado urgente, se não é urgente, pode. Uma hora ou outra eu vou olhar. O celular não quero que me escravize, não trabalho, então não preciso ficar escrava da informática. Ela tem seu lado bom, gostoso.

Visitar pessoas é algo que gostaria de fazer mais, pois ultimamente estava se comunicando apenas por telefone. Conhece pessoas que quase não saem muito de casa e acredita que visitá-las pode trazer alguma alegria.

Ela não quer se comprometer, mas caso chegue o dia em que sinta-se sem muito o que fazer, o plano é engajar-se em um trabalho voluntário. Por diversas vezes cita a possibilidade de cuidar das crianças que estão em abrigos próximos a sua casa. Segundo Carmem, não há muitas justificativas para uma pessoa ficar em casa triste e lamentando. Ela não é esse tipo de pessoa.

Conversamos sobre sua relação com o corpo e atividades físicas. Ela afirmou desejar ocupar-se com algum exercício físico em breve, uma vez que, não consegue aproveitar as atividades corporais no encontro das quintas-feiras por causa de suas atribuições. Mas frisa que o “corpo pede movimento”. Carmem entende as limitações e sabe que já não consegue fazer os movimentos de quando era mais nova, mas sempre gostou de caminhar e sempre o faz quando pode ir a algum lugar a pé, deixando o carro em casa.

Na primeira entrevista, por não ter como pedir uma foto delas, acabei tirando eu mesma uma fotografia e levei no nosso segundo encontro para conversarmos e perguntei como ela se via ali naquela imagem.

A primeira reação foi em relação ao cabelo. É uma das coisas que mais muda nas fotos, e, na imagem, ela achou que o cabelo estava, nas palavras dela, uma “lástima”.

Costumo mantê-lo mais curto, mas não tinha vontade de ir cortar. Aí ficava essa ruína aí.

Esse espanto em relação ao cabelo, seguida por essa fala, revela que possivelmente Carmem estava cansada da rotina. Logo em seguida, comenta:

Que cara de desânimo [risos]. Pode até ser, um dia que nós, nem sempre tá animadinha.

Em suas palavras, “apesar dos pesares”, acredita estar melhor nas fotos do que diante do espelho. Não gosta de tirar fotos de perto, prefere as fotos em que está longe e em grupo. A aparência, para Carmem, relaciona-se ao modo como devemos nos apresentar aos outros. Devemos estar bem aparentados mais para as outras pessoas do que para nós mesmos.

Carmem não gosta de fotografia, diferentemente de sua cunhada, que faz registro de tudo, tirando várias fotos nos eventos da família. Evita tirar foto e sair nelas, mas tem que se aceitar, ela diz.

Não, não me traumatiza. Procuro melhorar um pouco, sabes? [risos]. Procuro melhorar um pouco que é bom pra todos, mas não me traumatiza.

Interessante o fato de usar a palavra “traumatiza”, pois indica que não parece ser algo com o qual ela tem lidado positivamente, mas se aceita. Brinca que, a essa altura, melhorar, só com programa de computador. No entanto, a imagem não remeteu sua fala à aparência em relação à idade. Houve uma mudança na aparência de Carmem desde que tiramos a foto. Talvez pra quem a vê sempre, a mudança não tenha sido muito intensa. Mas, agora, Carmem se vê bem menos preocupada com a mãe, e isso parece ter feito diferença em sua expressão. A pesquisa de Bohm e Carlos (2010) apontou que muitas cuidadoras sentem-se culpadas e que este é um sentimento muito presente e, assim, acreditam que, quanto mais perto da mãe idosa estiverem, menor o risco de que algo aconteça. A fala de Carmem não é diferente.

Eu não sei se pra quem me vê, se mudou [a aparência]. Eu realmente estou menos obcecada de que não aconteça nada com minha mãe. Sabe, uma coisa que me preocupava muito é que ela caísse. Ela caiu algumas vezes, não é que eu inventei, não. A última vez foi ano passado, ela resolveu lavar o quintal, não preciso te dizer o que aconteceu, né? Escorregou, levou um tombo. Eu levei ela ao médico, porque bateu e o nariz sangrou, bateu com o nariz assim um pouco. Mas não foi nada não. Mas na dúvida... então esse tipo de coisa que eu ficava realmente preocupada. De repente eu chego um dia, tá estatelada no chão.

Relações afetivas

Carmem mora nesta vila há quase 20 anos. Todos se conhecem, a maioria dos moradores é composta por idosos. Não é com todo mundo que tem proximidade, mas, em casos de urgência, parece que se ajudam mutuamente. Carmem comenta que São Paulo cresceu demais, não se via tantos prédios em seu bairro e hoje “se vê que eles crescem como cogumelos depois da chuva”.

Carmem se mostra bastante disponível para os vizinhos. Há uma senhora que ela leva para resolver algumas coisas importantes, porque os filhos quase nunca estão disponíveis. Há também outra vizinha que a chamou para irem juntas à cidade de Aparecida do Norte. Então, Carmem acaba tendo uma vida agitada também por conta disso e agora parece estar mais disponível para viver isso.

Durante a segunda entrevista, que ocorreu em sua casa, a sua campainha tocou duas ou três vezes. Eram vizinhas que vinham lhe falar algo, combinar uma coisa para depois. Ela, de certa forma, vivencia a ideia dessa comunidade em que todos se apoiam.

Há pessoas com quem temos mais afinidades e outras menos. Mas, se alguém precisar, ou se eu preciso, é só falar. O pessoal tá aí. Até aquele que menos vai com a sua cara, vem te ajudar e a gente vai na ajuda dele. Isso que eu me sinto bem porque eu não tô só, eu tô só aqui entre quatro paredes, mas não tô sozinha.

Assim, ela se mantém ativa, ajudando outras pessoas e interagindo. O grupo dos espanhóis também é um espaço de troca, em que ela está ali também para cuidar, organizar e manter tudo em funcionamento para o bem-estar de todos.

Velhice e futuro

A relação com a casa foi outro dado que surgiu nas entrevistas. Quando se mudaram, não gostou muito do fato de ser um sobrado por causa das escadas. Mas caso alguém ficasse debilitado, era só colocar uma cama na parte de baixo. Nesse período, então, foram acumulando coisas que agora Carmem está arrumando e tirando o excesso. A ausência da mãe ainda é sentida e, muitas vezes, a entrevistada sente como se ela ainda estivesse lá; se a casa já era grande para duas, agora está maior ainda. Carmem não pretende sair dali, gosta da vizinhança e, como ela comentou, está sozinha somente entre quatro paredes. Sua vida ativa parece não dar espaço para pensamentos negativos nesse sentido.

Carmem se apresenta de forma bem ativa, mas ressalta a idade que tem hoje. O tema do “cuidado” surge em diversos momentos na primeira entrevista, quando se refere à comunidade

dos espanhóis, desde sua participação na juventude, na convivência com os sobrinhos e, atualmente, em relação à sua mãe e à comunidade dos idosos.

Porque eu acho que já tenho 71 anos, então eu acho que deveria ter alguém mais jovem cuidando de tudo isso. “Ah, mas você tá bem, você não parece, tá ótima”. Não parece, mas tenho. Então eu brinco com eles... “não, mas você é mais nova que nós”... Claro! Aí uns 50% tem mais de 80 [anos]. Então a faixa etária é elevada, mas se conserva bem, porque tão aí...

Ela acredita que ficar parada em casa, assistindo televisão, é algo ruim, origem de uma depressão. Uma depressão pode ser evitada com uma mente ocupada, dedicando-se a algum plano ou atividade; afinal, coisas para fazer não faltam. Destaca que a depressão é algo que só acontece quando não se tem propósitos na vida e reforça que há oportunidades: basta olhar em volta.

Você não vai entrar em depressão se tiver algo pra fazer. Você vê tanta creche que precisa... Aqui perto de casa tem uma creche de crianças abandonadas até dois anos. Se eu me sinto deprimida eu vou lá ajudar a cuidar desses bebês. Acho que tem tanta coisa pra a gente gastar os neurônios que não são bons, né? Atividades pra cabeça, não podemos ficar parados. Não precisamos nos matar nesta vida também.

O trabalho voluntário, para Carmem, pode ser uma boa maneira de engajar-se socialmente. O estudo de Souza, Lautert e Hilleshein (2011, p. 669) sugere que idosos com maior qualidade de vida estariam mais engajados com o trabalho voluntário. Contudo, no domínio psicológico, os autores apontam para a hipótese de que “pessoas com baixa qualidade de vida psicológica poderiam não realizar trabalho voluntário justamente por sentirem-se deprimidas, limitadas e/ou incapazes para tal”.

Ao ser questionada sobre o que, para ela, é uma pessoa idosa, Carmem diz

Quando fala uma pessoa idosa eu não penso na idade. Penso no estado físico da pessoa. Antigamente uma pessoa de 60 anos era idosa, hoje pode ter idosos com 60 anos, pode ter, continua tendo. A qualidade de vida melhorou tudo isso. Mas se a pessoa com 60 anos está ligeiramente incapacitada, tem suas barreiras, suas dificuldades, é a mesma coisa que se tivesse 80 ou 90. A memória talvez esteja um pouco melhor. Mas de resto, acho que há idade é quando ela aparece, não questão de calendário.

Ser idoso, para Carmem, não tem relação com idade, mas com dependência e incapacidade. Cada um envelhece de forma diferente:

É claro, algumas pessoas ficam realmente velhas, ficam idosas, ficam velhas, e vão se acabando ainda inteirinhas. Vamos secando um pouquinho, mas estão inteiras, mas têm outros que não.

Carmem não se identifica com esse perfil de dependência e espera seguir o “modelito” da família, que falece ainda em atividade e sem alto grau de dependência.

Uma colega do grupo, conhecida por seu bom humor, tem andado muito chateada com problemas pessoais. Para Carmem, a amiga tornou-se idosa, pois, embora tente animar esta de diversas formas, conversando muito, não obtém muito sucesso.

O modelo de pessoa idosa que Carmem parece ter é ainda estereotipado e ligado a questões negativas. Ela não concebe uma pessoa de 60 anos como idosa, a menos que esteja debilitada ou em necessidade.

Em diferentes momentos nas nossas conversas, Carmem chama atenção para a necessidade de assistência a pessoas mais dependentes. Cita vários exemplos de idosos cuidando de outros idosos. Apesar da idade, ela conseguiu cuidar da mãe, mas afirma que existem outras pessoas com muitos problemas de saúde que precisam cuidar de seus maridos, esposas ou pais idosos, necessitando também de atenção do Estado, com serviços e políticas públicas mais específicas.

Como a sua família também é de pessoas longevas, Carmem contou que, quando era criança, tinha ainda todos os seus bisavós vivos e lembra dos seus avós velhinhos. Tinha uma tia que faleceu aos 101 anos.

Sei que a coisa vai por aí. O pessoal brinca comigo e fala “tens ainda muito que rolar” [risos]. Só espero ficar até bem pertinho do fim, só isso. Acho que não é pedir muito, né?

Perguntei se Carmem via alguma razão nessa vitalidade. Qual era a receita? Carmem diz que não é algo que se fabrica, pelo menos não para ela. É da pessoa, é de família. Cita o exemplo de uma senhora da vila de quase 70 anos de idade que parece ter 80, devido à maneira como ela fala de si mesma, considerando-se velha. Para Carmem, isso não tem a ver com idade cronológica, mas sim como se percebe a própria idade.

As amigas da mesma idade falam muito de remédios e doenças, e Carmem acaba evitando sair com elas por isso. Defende que, se for para sair, que seja pra falar de coisas diferentes, como moda, por exemplo, tema pelo qual Carmem se interessa.

Uma pessoa com mais de 60 anos também tem uma maneira de se vestir, de acordo com Carmem. Como se interessa por coisas de moda, Carmem reparou outro dia em uma mulher que aparentemente não estava vestida adequadamente para sua idade.

Era um dia de calor. E uma blusinha, não era um *top*, mas era até a cintura. Tudo bem, o modelito bonito ou feio não vem ao caso. Só que ela parou pra conversar com outra, quando vi a cara, ela tinha perto dos seus 60 anos [risos]. Realmente... mas a gente não pode pensar nada porque não sabemos porque ela saiu assim na rua, né? Às vezes foi uma aposta, sei lá. Mas realmente estava engraçada a criatura [risos]. Você imagina, minissaia, *top* e sandálias de tirinha até o joelho, né? Com um saltinho razoável. E com 60 anos.

Ao mesmo tempo que apresenta essa visão mais negativa da velhice, Carmem aponta que atualmente é necessário pensar nas pessoas idosas de outra forma.

Eu só gostaria que houvesse uma perspectiva um pouco melhor pra quando mais velhos... porque a tendência é ficar cada vez mais velhos, né? Conforme a gente lê, a expectativa de vida só cresce. Então, crescendo, seremos mais pessoas com carências, com necessidades físicas e aí temos que torcer pra que alguma coisa de bom aconteça.

Carmem sabe que na cidade de São Paulo existem já algumas formas de moradia que não têm o formato e o peso de uma casa de repouso, que muitas vezes o que leva a pessoa a um lugar desses é a dependência e a dificuldade da família em cuidar do idoso. Porém, Carmem insiste que isso ainda é pouco. Quando visitou a Espanha nas últimas vezes, esteve em lugares nos quais as pessoas não vão por estarem incapazes: são, na verdade, mulheres, homens e casais idosos cujos filhos não moram perto. São idosos que necessitam de alguma assistência, mas que conseguem manter sua privacidade, sendo que a pessoa, por exemplo, pode sair da casa e voltar à noite.

Fica claro como a comunidade e ter pessoas por perto são elementos importantes para Carmem, que acredita que as políticas públicas precisam estar atentas a isso.

Eu li uma reportagem, não sei se era sobre Santos ou Praia Grande, um projeto da prefeitura. Era uma casa grande, espaçosa e moravam acho que 15 pessoas. Uma das pessoas falava “a minha filha queria me colocar numa casa de repouso” – ela tinha seus 80 anos, mas está bem, “estou bem, disposta, e não quero ir pra uma casa de repouso ficar sentada”. Essa casa, que era da prefeitura, tinha ela e mais umas 14 ou 15 pessoas, tinham alguns homens também. Um casal, me parece, ou dois. Tinham as tarefas divididas, todo mundo participava na manutenção e limpeza da casa. Tinha uma assistente social e uma enfermeira. Ela falava “minha filha não se conforma que eu queira viver assim, mas aqui continuo sendo útil pra mim mesma”.

Isso parece ser reflexo de como são constituídas as relações com a vizinhança dela. Ao longo da vida, desde que veio da Espanha, sua família sempre foi próxima dos vizinhos. Na época em que moravam no Pari, sempre se ajudaram. Faziam festas na rua e todos se conheciam.

Quando perguntei sobre quais eram as principais mudanças que ela identificava ao longo da vida, Carmem coloca que é a tolerância. Se vê mais tolerante hoje em dia e também mais flexível em relação às opiniões. A experiência trazida com a idade ajuda a diminuir a importância das coisas com as quais antes eram grande fonte de preocupação.

Acho que é algo que só a idade dá. A experiência, aceitar melhor até os erros dos outros.

Para Carmem, o que mais conta talvez seja a capacidade de manter-se ativo, de cultivar suas relações, quaisquer que sejam estas. E ir construindo coisas ao longo da vida. Sem isso, fica difícil enfrentar essa fase da vida positivamente.

A entrevistada menciona diversas vezes nas entrevistas que essa visão de mundo também foi muito herdada dos pais. Apesar de ter contato com pessoas de fora, sempre mantiveram o grupo familiar, no caso os cinco, como núcleo de tudo.

Isso não mudou muito porque minha mãe tinha esse perfil. Ela falava “olha, as coisas acontecem, vamos procurar resolver, não vamos nem chorar porque não vai adiantar nada, nem esperar, vamos tentar resolver”. Ou seja, ficar estressado, ficar desesperado, não... então já vem um pouco de família isso aí, sabe? Eu, às vezes, estranho as minhas cunhadas que ficam “Pô, devia ter feito”. Falo “devia ter feito, não fez, e daí?”. Não podemos deixar as coisas encostadas, temos que ir atrás delas. E a maioria das coisas que nos afligem são coisas tão bobas.

O sofrimento parece nunca ter encontrado espaço para emergir. Quando criança, Carmem ouvia muito que não deveria chorar quando o pai saía para trabalhar, pois ele ficaria triste se ela chorasse. E foi assim por bastante tempo.

Eu devia ter uns oito anos, uns nove e estava me despedindo do meu pai que estava indo viajar, ia ficar um mês ou dois fora. Minha mãe falou “não chora que senão ele vai ficar triste”. Nunca mais esqueci disto aí e é verdade. Você vai se despedir, você vê alguém chorando você fica pior. Fica um sentimento mais de mágoa.

Isso reflete na atitude de estar sempre ativa, não se deixando abater pelas tristezas da vida. Carmem chegou a contar que algumas pessoas não sentiram que ela estava triste o suficiente com o falecimento da mãe. Mas ela afirma ser “o jeito dela” e que não é uma pessoa de demonstrar muito sofrimento.

Ela não pensa muito em planos longos. Disse que, na sua idade, não pretende pensar em coisas para daqui a dez ou 20 anos, mas pretende viver fazendo pequenas coisas. O sentido é viver o hoje com mais qualidade possível.

Ainda outro dia estava em casa, alguém falou “mas o nosso dia de amanhã já chegou. Nós já estamos no dia de amanhã. Você não, quem tem 40, 50 anos, não. Mas quem já está nos 70, já chegou o dia de amanhã. Você pode fazer muitas coisas, mas não vamos fazer planejamentos pra 20 anos. Vamos ser realistas. Vamos fazer planejamentos razoáveis para viver bem, participar com os outros.

Talvez seja este um momento para Carmem desacelerar em alguns aspectos e tirar o que não está mais servindo, estando com pessoas queridas e fazendo pequenos trabalhos manuais. Embora seja uma atividade mais solitária, tece sempre em prol de alguém. Isso mantém seu foco; são planos a curto prazo em que vai se engajando. Seu próximo plano é fazer uma blusa de crochê para a sobrinha que estará no Brasil de férias em breve, mas nada além disso. Viajar? Talvez no próximo ano volte à Suíça, onde tem alguns amigos.

A respeito do trabalho com fios, Bernardo (2008) comenta que a atividade de tecer faz parte de inúmeras culturas e está presente em diversos mitos. O ato de tecer, bordar e fazer crochê estão, de acordo com a autora, simbolicamente ligados aos “laços” enquanto formação de vínculos, aos “nós” enquanto bloqueios e ao “corte” enquanto desenvolvimento.

Carmem disse que aproveitou as oportunidades que foram se apresentando a ela. Contou que não tem um grande sonho no momento. Conseguiu realizar o de conhecer diversos países; por exemplo, foi à Suíça nas primeiras férias que tirou quando estava na aviação. Carmem pôde, assim, conhecer um pouquinho do mundo, sendo que essa é uma experiência só sua.

Hoje, pode-se dizer que menos é mais em sua vida. Carmem tem a convivência com a família dos irmãos e com os vizinhos que são a sua rede de suporte social, conforme descrito por Neri (2005). Ela ajuda, mas sabe que não está sozinha.

Eu diria que tive uma vida boa, trabalhei muito, porque, falando assim, parece que o trabalho era leve e não é. De leve não teve nada. Aprendi bastante com as pessoas com quem eu trabalhei. Tive sorte nisso aí. E tô ficando uma velha bastante legal, vai? [risos]

4.4 Dalva: a minha vida é um filme de rir e chorar

Dalva tem 75 anos, é aposentada e mora sozinha em uma pequena casa alugada de dois cômodos na cidade de São Paulo. Nasceu e cresceu no interior do Estado de São Paulo, na pequena cidade de Birigui. Seus pais vieram do Nordeste para trabalhar. Ela é a mais velha das sete irmãs e dos três irmãos.

Passou a infância e adolescência morando na roça e, aos 7 anos, ganhou de seu pai uma enxada para trabalhar com ele na plantação. Esse era um trabalho muito cansativo para Dalva, pois tinha que fazer muito esforço como se fosse uma pessoa adulta. Sentia que os irmãos não eram tão

cobrados quanto ela. Os irmãos homens costumavam ter vantagens, conta, pois eram eles que ganhavam roupas novas, e ela não ganhava nada.

Por isso que, aos oito anos de idade, foi trabalhar aos domingos na colheita de algodão para um vizinho da família. Esse vizinho tinha filhas mulheres e comprava bonitos vestidos, sombrinhas e sapatos para elas.

[...] então o que eu fiz? Eu fui vários domingos trabalhar na roça do vizinho pra ganhar o dinheiro porque eu queria sombrinha e minha mãe era aquela pessoa que não tava nem aí também, sabe? Eu não gosto de ficar falando, já foram, mas tô contando minha história. Aí foram na cidade, e eu toda feliz esperando a sombrinha e minha mãe “ah, seu pai gastou o dinheiro”. Chorei, chorei, deixei, né? Criança de oito anos. Aí depois foram e compraram minha sombrinha, mas depois de tanta tristeza, né?

Algum tempo depois, a família foi morar no Paraná. Dalva conta que foi um período de muito sofrimento e o trajeto até chegar lá foi de muito medo, pois atravessaram o Rio Ivaí de balsa à noite. No Paraná, a família também foi trabalhar na roça, o terreno era arrendado e tudo o que o pai ganhava dividia com o patrão.

Pouco tempo depois, seu pai sofreu um acidente vascular cerebral (AVC). Chegou a se recuperar depois de passar um período na cidade. Por um tempo ficou bem, contudo, teve outro AVC, que o deixou paralisado.

Após o ocorrido, voltaram para Birigui. Foram tempos difíceis; Dalva ainda cuidava da roça.

Não sei se você conhece, mas antigamente plantava arroz, feijão com uma máquina assim, do meu tamanho era a máquina e eu plantei. Eu bati feijão que junta dois pau pra bater. Sabe, então foi uma vida muito dura, mas eu aceitei tudo numa boa. Eu não reclamava, trabalhava, trabalhava e nós viemos pra cidade. Daí três anos meu pai teve infarto e morreu.

Dalva estava com 16 anos, a mãe dela estava grávida de três meses e a irmã caçula tinha apenas nove meses de idade. Na época, Dalva já trabalhava em casa de família, fazendo serviço doméstico.

Eu trabalhava e trabalhava e pensa que é como hoje, a mordomia que as empregadas têm? Não. Então, eu chegava em casa cinco horas da tarde no domingo, eu não tinha ânimo pra mais nada.

Sobre a casa em que ela foi trabalhar, conta:

Ah, mas eu fui trabalhar numa casa! Uma pessoa nojenta! Sabe uma pessoa nojenta? Um dia eu surtei na casa dela. Eu comecei gritar, eu falei “Eu vou embora!”. Minha mãe tava lá me esperando, era domingo, a gente ia visitar um pessoal que conhecia e ela inventando. Mas menina, me deu... porque já tava de saco cheio dela. Porque eu sou assim, eu sou muito boa, eu sou educada, mas não amola, não enche não que leva. Aí ela chamou o marido, e eu falei pra ele “minha

mãe tá aí me esperando, eu vou sair e ela tá aqui me enrolando”. Imagina, falar isso pra mulher! Aí eu fui embora. Ela veio e sabe aquela pessoa falsa? Depois ela vem, me abraçar, me beijar. Eu vim embora, não fiquei mais lá.

Dalva trabalhou como doméstica até os 26 anos e ela mesma pagava a previdência como autônoma. Contou que ganhava muito bem, dava praticamente metade do salário para sua mãe e ficava com o resto. Não poupou dinheiro, não investiu em uma casa própria, ou em linha telefônica⁹, mas ela atribui isso a uma falta de preocupação dela mesma.

Acho que eu ganhava uns cinco salários. O salário era... 40 cruzeiros e eu ganhava 280. Eu ajudava minha mãe tudo, nunca liguei, falam que a gente não deve se preocupar com o amanhã e eu fiz isso. Eu não guardei, sabe?

Já adulta, decidiu que não ia mais ficar no interior e veio para a cidade de São Paulo. Seu irmão, que já morava em São Paulo e também trabalhava em Santos como caminhoneiro, ajudou a fazer a mudança do restante da família pouco tempo depois.

Foi uma época boa, diz Dalva. As irmãs começaram a casar, os seus maridos ajudavam a cuidar da manutenção da casa. Eram todos bastante unidos. Sua fala sugere que, passados alguns anos, com a mudança da casa e o casamento de um dos filhos que foi morar em outro estado, a mãe de Dalva começou a ficar doente. O cunhado, na época, já ajudava a pagar as despesas com o aluguel. Uma das maiores preocupações da mãe de Dalva era morrer e deixar a sua filha solteira, desamparada.

A piora de saúde de sua mãe trouxe para Dalva uma fase de muito estresse. As irmãs ajudavam financeiramente, mas não colaboravam dividindo as tarefas. Dalva sentia-se sobrecarregada, estressada e cansada.

Um dia eu liguei que eu ia chegar tarde pra minha irmã ir lá levar o almoço, era pertinho a casa. Eu ia fazer unha e eu tinha que voltar correndo e naquele dia não dava, aí eu liguei pra ela. Quando eu cheguei em casa, vi um pratinho lá e perguntei “mãe, a Joana veio trazer almoço pra senhora?”. “Não, foi a vizinha”. A vizinha viu que eu não cheguei e fez um prato e deu. Quando é três horas da tarde, a minha irmã aparece com uma garrafa de café e um pacote de biscoito. Aí eu falei “ah é?! Você veio trazer o almoço da mãe agora?”. Elas não me ajudavam em nada! Eu fui ficando estressada, estressada, eu comecei a não ter paciência com a minha mãe.

Dalva contou que o médico, após conversar com sua mãe, virou e disse que ela – enquanto cuidadora – estava precisando de tratamento. Ela carrega uma culpa porque não tem certeza até

⁹ Até 1998, quando a Telebrás foi privatizada, a espera para comprar uma linha telefônica era de dois a cinco anos (FOLHA..., 2003).

hoje se estava administrando corretamente as medicações de sua mãe e se isso não teria acelerado seu falecimento. No entanto:

Eu tava tão cansada que se minha mãe demorasse pra morrer eu ia ficar descontrolada, tinha que ser internada, porque eu já não tava mais assim...

Segundo autores como Marques (2001 apud ROCHA; VIEIRA; SENA, 2008) e Debert (2013), é comum o relato de cuidadores informais de idosos a respeito desse cansaço devido ao quanto se sentem sobrecarregados. Trazem também o peso de cuidar, decorrendo em problemas para a saúde mental do cuidador, sendo as mais comuns a ansiedade e a depressão.

Quando a mãe faleceu, Dalva estava com 60 anos e havia se aposentado há três meses. Relata que chorou por três anos. Conseguindo se recuperar, mudou-se algumas vezes e começou a frequentar atividades voltadas para sua faixa etária.

Casamento e filhos

Os relacionamentos amorosos parecem ter sido muito importantes na sua história de vida. Dalva contou, ao longo das entrevistas, os romances que viveu. Teve vários namorados e até tinha o sonho de se casar e ter filhos. Todas os irmãos casaram, menos ela. Chegou a ter alguns pretendentes, mas não gostava deles o suficiente a ponto de assumir um compromisso com eles. Confessou também que tinha medo porque:

Eu sou assim... eu sou uma andorinha, sabe, às vezes eu não tenho hora pra dormir, pra levantar, pra sair, pra comer...eu não tenho hora pra nada então eu jamais ia mudar meu ritmo, eu não consigo. Então eu sonhava casar, ter filhos, eu sonhava.... mas muito medo, muito medo...porque eu me magoo fácil. Então, por exemplo, se me falar uma má palavra, me maltratar, jamais eu dormiria com ele, de jeito nenhum. [...] Eu jamais faria isso.

Disse que também tinha muito medo, não sabe muito bem do quê, mas acredita que esteja relacionado com o medo de perder a liberdade:

Porque meu espírito, sou muito livre. Muito livre, sabe? Por exemplo, eu sempre fiz tudo o que eu quis, eu fui onde eu quis. Aí se você casa, nem que o marido não exija, mas você tem que manear, né? Então, eu pensava tudo isso. Eu gostava de dançar.

Apaixonou-se muitas vezes, teve muitos namorados e conta tais memórias como boas lembranças:

Eu não ficava sem. Às vezes eu ia no baile, tinha uns paqueras. Eu ia no baile “será que ele tá lá?”, pensava. Quando chegava lá, ele não tava, mas tava um outro. Aí eu me divertia e eles eram assim, sempre vinham na minha casa me procurar.

Dalva gostava de ter namorados, dos rapazes a procurando e a elogiando.

Um dia foi tão engraçado. Foi um lá, né? Eu morava com a minha mãe, a gente ficou conversando lá na varanda. Ele foi embora e daqui a pouco chegou outro. Menina, eu acho que eu não casei porque eu fui muito namoradeira, eu não parava e pensar pra casar.

Adorava dançar, era sua vida. Dançava samba, valsa, bolero e tango. Era muito boêmia e se apaixonava pelos homens que frequentavam os bailes; a dança era uma forma de sedução. Foi em um desses bailes que dançou a noite toda com um rapaz pelo qual se apaixonou perdidamente. Ele dizia ser solteiro, mas tempo depois confessou a verdade: era casado.

O fato de homens casados se aproximarem de Dalva era muito comum. Apesar de tudo, ela ainda teve um relacionamento de 11 anos com esse rapaz. Para ela, foi muito mais que paixão: foi amor. Era um sentimento que transcendia o corpo, era uma ligação espiritual, segunda Dalva. Talvez tivesse casado com ele, caso fosse possível.

Ele é um homem muito assim fino, educado, e respeitava. Ele só me elogiava. Eu percebi... olha como a pessoa é...eu não sei se todo mundo percebe, toda vez que eu aparecia de vestido, que eu usava muito mais calça, aí ele falava “ah você tá tão linda hoje”. Aí eu percebi que era por causa do vestido. Mas ele nunca falou pra mim “ah, usa vestido”. E ele só me elogiava...

Desses 11, ficaram juntos mesmo cerca de 5 anos entre idas e vindas. Mas chegou o tempo em que ela foi se cansando; não acreditava mais nele. O rapaz dizia que ia se separar da esposa, mas esse dia nunca chegou, fazendo Dalva concluir, assim, que ele gostava da esposa. Dalva e ele ficaram um bom tempo sem se ver; depois, ela descobriu que o rapaz estava morando com a mãe porque a esposa havia o expulsado de casa. Ele ficou tão triste com a situação que não quis encontrar-se com Dalva, e essa atitude dele a deixou muito sentida.

Fez assim no meu coração: “Plof!” Na hora. E aí foi perdendo a graça, foi perdendo a graça...

Faz cerca de 20 anos que tudo acabou, mas até há pouco tempo ainda tinha sonhos com ele, que ele estava vestido com uniforme da companhia elétrica e estava do lado da casa dela. Confessa também que, mesmo com tudo isso, se ele voltasse, ficaria com ele de novo. Ao longo da entrevista, ela cita músicas do Roberto Carlos que marcaram e ao mesmo tempo expressam o que foram esses relacionamentos para ela.

Certa vez, Dalva se encantou por um homem com quem teve um breve relacionamento, mas um dia ele manifestou o desejo de ter uma esposa:

Aí falei pra ele: “ah, então, meu amor, então não sou eu” [risos]. Ele não voltou mais [risos]. Ah ele só queria comer pizza e assistir série. Ah, Altas Horas eu assisto sozinha!

Há 15 anos, quando sua mãe faleceu, Dalva estava com 60 anos e, desde então, não teve mais nenhum relacionamento. O que se aproximou de um relacionamento, desde a morte de sua mãe, foi um caso que ela ainda mantém no qual existiram poucos encontros, mas muitas conversas por telefone. No início do relacionamento, falavam-se muito mais, mas como o relacionamento não evoluía, as ligações ficaram cada vez mais espaçadas e Dalva tem desistido dele, desistindo também de si mesma. Isso a deixa muito mal, uma vez que não consegue se desconectar emocionalmente dele.

Eu tentei ver se eu trazia ele pra mim, seis anos, mas ele é sem noção. Ele não respeita ninguém. Então, o que aconteceu? Eu resolvi desistir. Só que eu desisti dele e desisti de mim também. Eu não tô conseguindo superar, eu não tô conseguindo me desligar dele. De primeiro, a gente falava quase todo dia. Depois eu resolvi não ligar mais, só ele que ligava. Só que ele foi diminuindo, agora ele tá ligando uma vez por mês. Então, eu parei de ligar, e ele também. Às vezes eu penso, demora um mês, 20 dias, ele liga. Mas é aquela dúvida, eu atendo ou não atendo mais? Porque se você soubesse como ele me faz bem, ouvir a voz dele, parece que ilumina tudo. Mas aí eu acho que ele fica se achando. Então eu não sei se eu atendo ou não atendo, essa é uma dúvida cruel.

Dalva quer muito ainda ter um namorado, alguém para sair e compartilhar coisas, mas não quer ninguém morando com ela; não quer se comprometer dessa forma.

Eu falo que na minha idade não tem nem condição de casar, nem de morar junto. Tem que ser assim, uma pessoa na casa dele e eu na minha, porque se eu não casei de jovem, não dá. Não dá porque eu me conheço. Eu vou me sentir presa, incomodada.

Diante dessa visão de relacionamentos e de experiências amorosas, Dalva comenta que o casamento não é fundamental para se ter essas vivências. Segundo seu relato, havia uma esperança de que ela se casasse, mas não uma cobrança, algo que tivesse que cumprir, sendo que ainda tem esperança de encontrar alguém para se relacionar.

Laurentino et al (2006) apontam em sua pesquisa que namorar pode representar uma maior vontade de viver. As pesquisadoras encontraram uma melhora no estado de saúde física e emocional associada ao sentimento de bem-estar e felicidade.

Dalva foi a única dos irmãos que não teve filhos. Pelos dizeres, Dalva pensava em ter filhos, mas isso não foi central em seus planos. Ela era adolescente quando seu pai faleceu e, em poucos momentos da entrevista, menciona por alto o fato de ter ajudado a cuidar dos irmãos menores.

[...] porque eu tinha 16 anos e meu pai morreu com 50 anos. Essa minha irmã tinha nove meses e minha mãe tava grávida de três. Menina, eu esqueci de mim, eu passei a viver a vida da minha mãe.

Por essa fala, pode-se inferir que ela assumiu muitas das responsabilidades da mãe. Após o nascimento do irmão mais novo, a entrevistada conta que sua mãe passou por um momento de depressão, sendo que Dalva relaciona tal situação a toda a situação vivida pela mãe, que incluía a viuvez, a maternidade e questões financeiras.

Minha mãe ficou com depressão e acho que minha mãe já tinha depressão pós-parto. Porque o neném nasceu, ela sem marido, sem nada. Quantas vezes, a gente tava trabalhando, ela mandava chamar todos os filhos em casa, porque ela ia morrer.

Diante de tudo isso, Dalva trabalhava e vivia a vida dela como podia. As irmãs foram se casando, saindo de casa e, aos poucos, tendo seus filhos. Dalva foi se aproximando muito deles, sendo que, até hoje, adora trocar carinhos com os sobrinhos. Troca mensagens com eles nas redes sociais. Adora mimar e ser mimada por eles. Algumas pessoas acham exagerada a forma como ela age, e, inclusive, uma de suas irmãs (já falecida) não gostava disso. Ela repreendia Dalva, falando que era mimo demais.

Sempre houve muitas crianças na família; agora, Dalva tem também os sobrinhos-netos. Durante as entrevistas, ela me mostrou diversas fotos e vídeos deles. Encontros, casamentos e festas de aniversário sempre foram eventos sociais que uniam a família, nos quais todos se encontram.

Dalva se considera muito carinhosa com eles, sendo que isso se expressa na forma como conversam, sempre com um “lindo da tia”, “oi, amor”, “dá um beijinho”, etc. A proximidade com os sobrinhos lhe permite dar conselhos e orientar.

O que diz respeito a gente conversa, às vezes eu falo as coisas pra eles... eles ficam batendo maior papo assim comigo, né. Então é muito gostoso. E eu amo eles como se eles fossem meus filhos.

Dalva acha que não daria certo para ela ser mãe, pois acredita que seria uma mãe muito pegajosa e cuidadosa demais, cobrando e perguntando a todo o momento pelos filhos. Ter um filho, a partir desse raciocínio, também poderia implicar em sofrimento.

Imaginava, assim, um marido bom, dois filhos... imaginava isso, né. Aí depois eu fiquei “ah se eu tivesse um filho será que seria bom?” Porque às vezes tem mãe que tem um filho só pra sofrer. Eu também não sei...

Assim, percebe-se que a proximidade com os sobrinhos é grande. Dalva também se preocupa com eles, mas acredita que nem deveria se preocupar tanto; afinal, ela mesma não teve filhos. Afirma que não era para ela não se importar dessa forma, mas não consegue ser de outro jeito.

Relação com a família

Dalva diz que gosta muito de estar com as irmãs. Elas se autointitulam “as irmãs poderosas” nas redes sociais e no grupo da família, aparentando ser bem unidas. Em diversos momentos, fala com todo amor das irmãs e do quanto a família sempre manteve essa união de ajudar um ao outro.

Como a família é grande, sempre há festas e reuniões. Dalva contou da festa de sua irmã, que completara 60 anos recentemente. Foi uma festa e tanto, na qual a entrevistada afirmou ter se divertido muito.

Olha, se você visse como eles me tratam. Uma delícia. E vem. No Face eu tenho meu sobrinho veio me tirar uma foto me beijando aqui e o amigo dele veio correndo dizendo “eu também quero”, eu tô espremidinha no meio dos dois. Então eu tenho tudo isso. Eu não quero me exaltar, mas eu sou, como é que fala? Da festa!

Eu sou assim, todo mundo me dá atenção. Sobrinhas do meu cunhado, todo mundo me chama de tia. É uma coisa assim muito gostosa. Então, meu Deus, eu falo, converso com ele. Falo “Senhor, eu tô sendo egoísta”.

Parece que todo o apoio material e de convivência oferecido a Dalva não é suficiente. Seu desejo é receber mais atenção e carinho das irmãs e cunhados. Quase não recebe visitas, sente que não se esforçam para estar com ela.

Por outro lado, Dalva acha esse pensamento dela bem egoísta, mas não consegue evitar. Sente o tempo todo que não se importam nem um pouco com ela, como se ninguém fizesse questão de sua presença. Na última entrevista, inclusive, ela estava bastante chateada com a família depois de participar de um almoço na casa de uma das irmãs. Recebeu o convite no mesmo dia e, como mora longe, acabou chegando tarde por causa do transporte que aos domingos costuma ser mais lento. Ninguém passou em sua casa para dar uma carona. Quando chegou, todos já tinham almoçado, e ela achou isso grande falta de consideração.

No retorno, o mesmo se repetiu: não deram uma carona nem até a estação de trem. Já estava escuro e chovendo, e Dalva precisou esperar o ônibus na avenida.

[...] eu não significo nada pra eles. Assim eu me sinto, não significo nada. Magina, eu, né, que nem eu me sinto com 40 anos, mas uma pessoa de 75 anos largar num ponto de ônibus numa avenida escura...

Dalva chega a dar exemplos de outras atividades que ela poderia fazer, como frequentar mais o Sesc¹⁰, parques ou outras atividades voltadas para a pessoa idosa. Está se forçando a ver outras coisas pra não depender tanto deles, da companhia deles. Conta que deseja estar

¹⁰ O Sesc-SP tem um longo percurso no atendimento e desenvolvimento de inúmeras atividades voltadas à pessoa idosa, incentivando seu protagonismo político e social (SESC..., [2017?]).

sempre com eles, viajando, almoçando na casa de uma ou de outra, ou em um jantar quando saem para algum restaurante, indo às festas, etc. Em outras palavras, em todo lugar, ela quer estar junto deles e afirma que isso talvez se deva ao fato de não ter filhos.

Costumava passar muitos finais de semana na casa de uma das irmãs. Mas, diante dessa sensação de que ninguém faz questão de sua presença, Dalva decidiu encurtar o tempo que passa com eles.

O cunhado parece que entra muito em conflito com ela. Brigam desde sempre, porque Dalva tem muito ciúmes da irmã. Até hoje, o cunhado a recrimina quando ela tenta falar alguma coisa relacionada ao fato de ela não estar aguentando a situação, soando como uma reclamação para o cunhado.

Aí outro dia cheguei lá, às vezes eu comento, né, que eu não tô aguentando, aí meu cunhado fica: “é, se for pra vim aqui pra reclamar, é bom que não venha.”

Esse cunhado é o mesmo que sempre cuidou dela e da mãe, ajudando financeiramente. Dalva relata ambivalência em relação a ele:

Diz que ele falou assim “ah, nós vamos ajudar a Dalva porque ela ajudou muito você, né, ela ajudou a criar. Então, apesar de tudo, a gente briga muito até hoje. Até o dia que eu vim embora. E ele percebeu... porque é a mínima coisa, olha, ele tem um coração de ouro, mas uma coisa assim ele faz um escândalo que ele magoa todo mundo. Então tinha a menininha pequenininha e uma mesa quadrada na sala de jantar que tem aquelas pontas, então a gente sempre deixa aquela cadeira grande tampada, e um dia, eu sabia disso, mas eu esqueci e puxei a cadeira. A menininha veio correndo e caiu embaixo, não bateu na mesa. Mas esse homem fez um escândalo, e eu não falei nada. Mas aí ele percebeu que eu fiquei diferente. E ele não chega em você e pede desculpas, ele faz um gesto que eu entendo. Aí ele veio com um *pen drive* bonito e “toma, Dalva, esse aqui pra você.” Então eu senti que nisso aí ele tava pedindo desculpas. Então é assim, a gente briga, briga, briga, mas...

Essas falas parecem revelar uma necessidade de atenção e de ser cuidada, em que Dalva deposita muito nas irmãs e cunhados o papel de cuidarem dela enquanto a irmã mais velha. Isso se daria por meio do carinho, do afeto e da troca de favores. Trata-se de uma troca não material, mas de escuta. Conforme afirmado, ela vê os sobrinhos quase como filhos, e essas relações são muito importantes para ela. Assim como afirmam Rubinstein et al (1991), 18 das 31 idosas solteiras e sem filhos que os autores entrevistaram relataram ter muita proximidade com os irmãos e sobrinhos, mas, assim como Dalva, questionaram-se se esses familiares estarão disponíveis para cuidar delas.

Essa é a necessidade que ela demonstra ter em relação a eles e, por vezes, parece reconhecer que não é assim que as coisas funcionam. Por isso, a necessidade de mudar seu

pensamento. A queixa de Dalva remete a uma queixa comum que muitas idosas têm dos filhos. Goldenberg (2015) afirma que muitas das mulheres que entrevistou disseram que os filhos e os netos sempre estão muito voltados a si mesmos e pouco dão atenção às suas histórias e vivências.

Relações afetivas

Dalva falou bastante dos namoros, dos relacionamentos amorosos que teve ao longo da vida e ainda do desejo de encontrar um companheiro, que foi priorizado no item “Casamento e filhos”. Pouco trouxe nas entrevistas sobre o relacionamento com outras pessoas, amigas ou vizinhas.

Porém, por morar no mesmo bairro há muitos anos e conhecer muitas pessoas, não falou muito dos vizinhos que compartilham o mesmo quintal. Trouxe mais sobre comerciantes que a conhecem há bastante tempo:

A minha irmã fica boba, porque eu desço essa rua aqui e sempre “oi, Dalva!”, eu conheço todo mundo. Outro dia no farol, alguém falou “oi, Dalva”, eu não consegui ver quem era. Eu sou assim, dessa rua até lá embaixo, eu converso, eu tenho amizade com todo mundo. Compro fiado na rua inteira. Eu vou aqui no bar e falo “posso levar comida, tô sem dinheiro”, na casa de frango também e eles não marcam, sabe? Deixa por minha conta. Eu pergunto quanto eu tô devendo e dizem “não sei”, mas eu sei [risos].

Velhice e futuro

Quando perguntei sobre o que é ser idosa, Dalva respondeu que é só o passar dos anos, que isso não representa algo efetivamente. Existem diversas vantagens em ter mais de 60 anos, como a possibilidade de frequentar espaços específicos e ter a gratuidade e descontos no transporte público e em eventos culturais. Além disso, é muito positiva a integração com os jovens, pois deles recebe muito carinho. Por último, mas não menos importante, a entrevistada destaca a experiência adquirida com a idade.

Ah, como eu queria saber o que eu sei hoje [risos]. Nos meus 30, queria mesmo.

Dalva se considera uma pessoa apaixonada pela vida, pelas plantas, pela família, pelas suas coisas. A idade não quer dizer muita coisa, afirma. Ela diz várias vezes que ainda se sente com 40 anos de idade, com muita vontade de amar ainda. Aos 75 anos, Dalva diz que só se lembra da idade quando se olha no espelho; no fundo, sente-se como naquela época de ouro, de namorar, de noivar.

Esse sentimento relatado é diferente do observado por Goldenberg (2015), que, nas narrativas de mulheres entre 50 e 60 anos, percebeu um discurso voltado para a decadência do corpo. O sentimento de inadequação leva muitas dessas mulheres a se eximirem das relações amorosas por não pertencerem mais ao modelo de corpo jovem.

Pedi no primeiro encontro uma foto sua recente, e Dalva se empolgou, pois gosta muito de ser retratada e me mostrou várias imagens dos passeios e festas que faz com as irmãs. Ela mesma adora tirar fotos e me mostrou bonitas imagens que tirou. No entanto, ela queria mostrar uma fotografia específica.

Eu tô me sentindo ótima, acho que eu tô ótima. Aqui, eu tô refletindo o que eu sou, o que eu sinto. Que aquela outra não, aquela eu tô assim... caída. Então aqui eu tô refletindo, porque eu gosto de ser chique.

Na fotografia, tirada pela irmã, Dalva está em um restaurante, com roupa de inverno, usando uma echarpe prateada. Está maquiada e sorri de leve. A foto retrata, segundo relato, aquilo que identifica sua personalidade. Fez questão de mostrar essa imagem por acreditar que ali está bem representada a sua personalidade e a forma como ela gosta de ser. Mas interessante que, enquanto ela procurava essa foto, acabou encontrando outras; planejava me mandar uma da festa, mas não queria usar a foto porque estava com uma expressão muito triste e abatida. Dalva gosta de sair em fotografias, gosta também de tirar muitas fotos por onde passa e de compartilhá-las nas redes sociais. Ainda sob a temática da aparência, além da foto que traz elementos interessantes, outra fala de Dalva aborda elementos de como ela se vê:

Uma vez perguntaram, fizeram três perguntas pra mim: o que eu achava do mar, dessas xicrinhas de café, que eu gosto, sou toda chique, e do mar, o que eu achava do cavalo, que a gente fala e depois tem a resposta no papel do que tava escrito. Então eu falei que eu achava o mar lindo, maravilhoso, mas eu tenho medo do mar. Nossa, eu só vou da água aqui abaixo, assim, geralmente eu tomo banho no primeiro dia ou no último, né, que eu jogo tudo. Então a resposta era assim que eu sou muito amorosa, mas que eu tenho medo do amor. E o cavalo, “que que você acha do cavalo?” “Acho o cavalo lindo, elegante, charmoso. “Então, é assim que você se acha, você se acha charmoso, elegante...” Olha que engraçado... e a xicrinha de café? A xicrinha de café, a xicrinha de porcelana, a gente não usa todo o dia, só usa pra servir café pra uma pessoa especial. Não é qualquer hora que a gente usa essa xicrinha. A xicrinha representava o sexo [risos]. Gente, é incrível as respostas!

Dalva se identificou muito com as respostas, trouxe as associações para o tema da entrevista e a identificação com o animal corrobora com a descrição dela na fotografia. O mar e a xícara de porcelana tratam do tema do amor, que ela deseja ainda encontrar, mas que não seja qualquer pessoa.

O corpo também é uma preocupação para Dalva, que vem tentando perder medidas, uma vez que, segundo ela, está acima do peso. Porém, ela afirma gostar muito de comer, principalmente coisas que fazem mal para seu estômago e para o fígado.

Apesar dessa autoimagem mais positiva, Dalva conta que não está bem de saúde. Tem sido acometida por dores, tonturas e quedas, sendo que seu emocional também está abalado. Ela não tem muitas explicações, mas acha que a relação com a família, a falta de um parceiro e a falta de trabalho contribuiu, nos últimos cinco anos, para essa tristeza que ela vem sentindo.

Dalva conta que até os 70 anos estava bem, dançava, frequentava os chamados espaços para a terceira idade, mas há cinco anos tem percebido uma queda em seu humor. Sente-se no “fundo do poço” e deprimida, relatando que nada parece lhe chamar a atenção. Não frequenta mais tantas atividades da terceira idade, mas ainda gosta da ginástica e por vezes ainda vai às aulas de *yoga*.

No que se refere aos cuidados de saúde, ela tem convênio médico e faz todos os acompanhamentos necessários com especialistas. Na semana da primeira entrevista, ela teria consulta com médico. Reclamou bastante de dores nos ombros e nas pernas, mas afirmou que, segundo seus médicos, não há uma causa específica.

Então, mas eu marquei ginecologista e o geriatra, eu não aguento de dor nas pernas. Eu vou no geriatra primeiro, porque você sabe que o geriatra resolve tudo, né? Ele manda fazer ultrassom. Esse meu geriatra é cardiologista, no consultório dele, ele trabalha como cardiologista e lá é geriatria. Ele vê tudo, manda fazer eletro, todas essas coisas.

Dalva também é assistida pelo Programa Acompanhante de Idosos (PAI)¹¹ e recebe semanalmente visita da agente comunitária para saber como ela está e levar medicamentos distribuídos pelo SUS que Dalva tem direito. Na igreja perto de sua casa, conseguiu também sessões de acupuntura, nas quais vários pontos do corpo são trabalhados, inclusive para ansiedade e depressão.

[...] eu tô fazendo [acupuntura], mas só não sei é porque eu tava muito mal que não tá resolvendo. Porque, olha minha filha, eu tô com o baço, fígado, tudo inflamado, pelos pontinhos elas veem, né? Tá tudo inflamando!

A fala de Dalva corrobora com Boechat (2002). Para o autor, a depressão-somatização e a depressão-dor são apresentações atípicas da doença que merecem atenção. Por ser estigmatizada, a depressão passa despercebida, pois muitos idosos relutam em abordar sintomas psicológicos.

¹¹ Serviço da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de São Paulo voltado ao cuidado domiciliar a pessoas idosas em situação de fragilidade ou vulnerabilidade social (SÃO PAULO, 2012).

Dores, insônia, sono excessivo, desconforto e outros sintomas somáticos são avaliados geralmente por clínicos gerais, que muitas vezes priorizam possíveis doenças orgânicas.

Ela percebe as limitações do corpo: sofreu uma queda no banheiro em decorrência de uma tontura muito frequente, que também resultou em queda na rua. Subir escadas para regar e podar as plantas já não é uma tarefa simples. Ela tem muito medo de cair.

Há aproximadamente cinco anos, mesmo aposentada, ela ainda trabalhava como manicure e pedicure na região onde mora. Tinha suas clientes e atendia em domicílio, mas as freguesas começaram a falecer; outras já não a chamaram mais e, aos poucos, Dalva foi perdendo serviços. Atualmente não trabalha mais como manicure e vive somente da aposentadoria.

Dalva disse que gostaria de viver bastante, mas agora tem medo. Contou que está com medo porque se magoou muito. Tem esse pensamento constante de que ninguém se importa com ela e se questiona o que está faltando, de onde vem esse sentimento de vazio. Sente muito a falta de alguém para sair, ir aos bailes, passear, sair pra jantar, enfim, um namorado.

Conversando mais um pouco com Dalva, ela conta que, de nove anos pra cá, desde que mudou para essa nova casa, ela não é mais tão caprichosa quanto antes. Precisa, por exemplo, fazer uma faxina na casa, porque quando abre a porta do armário, as coisas caem todas no chão. As portas, segundo ela, estão muito sujas; faz muito tempo que não as limpa. Porém, relata que não está em condições de fazer essas coisas. Sua irmã chegou a intervir, falando que vai chamar uma caçamba pra tirar tudo que ela não usa. Chegaram a pagar uma faxineira para ela, mas, que pelo que diz, não limpou nada direito e ela não quis que a moça voltasse.

Eu lavo as peças e quando eu vou tomar banho, eu já esfrego o box. Mas eu tô precisando pegar uma faxina. Eu não posso pagar, mas mesmo se eu pagar eu sou enjoada, eu prefiro fazer devagarinho. Por que, né? Uma vez minha irmã me emprestou uma diarista e ah menina! Que horror! Ela não limpou nada! Como a casa da minha irmã é grande, eu achei que ela limpou com pouco caso.

A casa não é mais o brinco de limpeza que ela deixava antes. Ela sente-se indisposta, com dores no corpo, e parece preferir dormir no tempo em que colocaria a casa em ordem. Mas é difícil. Ela não sabe explicar o que aconteceu.

Era tudo limpinho, tudo arrumado, [agora] isso aí tudo amontoado, sei lá o que eu fiz, sabe... agora já passou, mas eu tava me sentindo um lixinho no meio do lixo. Isso faz mal porque isso não é meu, eu não faço, não deixo, isso não é meu, não sei o que aconteceu. Então eu tô lutando, lutando, eu tirei bem mais coisa, eu já tirei, mandei embora.

Esse capricho em arrumar a casa é algo que ela carrega desde criança.

Quando eu tinha uns nove ou dez anos, eu morava no Paraná e olha o que eu fazia com dez anos: eu fiz um jardinzinho assim, uma parte do quintal, plantei e tinha de todas as cores. Minha casa era de chão batido e conforme você vai pisando faz buraco, aí com uma enxada eu acertei tudo. Joguei água e fiz aquele barro e deixei secar, parecia cimento. Olha como que eu era! Tinha banco, banco era de aroeira, aquela rústica que tem aqueles pelinhos. É uma madeira rústica e eu tinha prateleira também e o que que eu fiz, passei cinza de fogão na prateleira e no banco, deixei branquinho, bordei umas toalhinhas... uma pena que naquela época a gente não tinha como guardar... aí eu pus três toalhinhas uma em cada, mas olha! A minha casa era linda.

Assim que cheguei em sua casa, Dalva me contou que caíra no banheiro no fim de semana anterior. Comentou que teve ajuda para não bater a cabeça na pia e poder se levantar. Quando perguntei quem tinha ajudado, ela me respondeu que foram seus anjos da guarda.

Quando mais nova, até seus 30 anos, a preocupação de Dalva era só namorar e ir para o baile. Nada mais. Só falava com Deus na hora de dormir. Falava isso, mas não pensava em Deus em mais nenhum outro momento.

A partir de 1996, ela conheceu e começou a frequentar o Perseverança¹² e até hoje tem em seu quarto tem uma foto do Dr. Bezerra de Menezes¹³. Frequentou por muitos anos, mas estava há quase 5 sem conseguir ir. Mas, cansada de sempre ver a mesma coisa, procurou uma outra filosofia para seguir.

Encontrou a Seicho-No-Ie¹⁴. Frequentou um ano, gostava do que era ensinado, mas não conseguia seguir. É um costume a cobrança de valores e isso desanimou Dalva, uma vez que ela é aposentada e ganha um salário mínimo. Não achou justo ter que doar tanto dinheiro.

Hoje, ela diria que não segue uma religião específica. Assiste muitos programas dos canais católicos disponíveis na TV.

Eu ia no Perseverança, depois na Seicho-No-Ie. Eu gosto de assistir tudo, porque é tudo igual. Os católicos não aceitam muito, mas eu vou, né, na igreja, porque Deus é um só. Cada um tem seu jeito de se expressar e eu gosto de assistir todos. Assisto esse padre. Sabe que o Papa mandou Whatsapp pra ele falando assim “fala pros seus filhos, seus irmãos, não se sacrificarem porque Deus não quer sacrifício”, gente que anda de joelhos carregando cruz, Deus não quer isso de nós. Sabe o que Deus quer? Que a gente respeite a lei Dele. Sabe? Deus quer isso. Se a gente respeitar, Deus conhece seu coração, então tem um dia que você tá bravo, que você xinga, você faz miséria, mas ele perdoa porque ele conhece teu coração. Assisto muitas palestras, eu gosto. Na Seicho-No-Ie, eles dizem a mesma coisa. Lá é assim, você tem que aceitar, perdoar seu inimigo.

¹² Centro Espírita Perseverança, criado em 1964 por D. Guiomar de Oliveira Albanesi (CENTRO..., 2015a).

¹³ Médico expoente da doutrina espírita no Brasil. Patrono espiritual do Centro Espírita Perseverança (CENTRO..., 2015b).

¹⁴ Religião ou filosofia de origem japonesa (SEICHO-NO-IE, [2017?]).

De acordo com os dados do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE) (DUARTE et al, 2008), a religião é importante para as mulheres que se mostram mais ativas nessas práticas religiosas. A fala de Dalva vai ao encontro do que dizem Py et al (2004 apud DUARTE et al, 2008): as mulheres estariam mais abertas a mudar e a reinventar a religião, encontrando, assim, outros espaços que não os da religião tradicional. Nesse sentido, vemos que Dalva se considera uma pessoa de fé, que procura conversar diretamente com Deus.

Então, menina, eu sou assim, muita fé, Deus, acredito, eu sei que Ele tudo pode, só Ele pode, né... então como eu sou filha Dele, posso. A gente pode. É porque se ele é poderoso, eu vivo sob a proteção dele, né, então eu também posso.

[...]

Aí eu falei assim pra Ele “Eu agradeço a Deus tudo o que eu tenho, mas eu falo assim pra Ele: “Senhor, obrigada por tudo, mas falta ele”.

Dalva diz que procura ser agradecida, pede que lhe encontre um companheiro. Gosta muito das histórias e relatou algumas fábulas que ela ouviu em algum encontro religioso.

Então é assim, né...e eu sei, eu gosto, têm umas frasesinhas que, é a frase que diz assim: “nascer é uma dádiva, viver é um risco e envelhecer é um privilégio”. Porque não é fácil viver, não é fácil também nascer. Menina, você não acredita, antes eu achava assim “ai, eu sou tão insignificante, eu sou fraca”. Aí um dia eu assisti um filme de como o espermatozoide entra no útero, né. Menina, aí é o que eu falo, foi uma dádiva, porque no meio daquele monte, eu consegui entrar, eu consegui nascer, então se eu consegui nascer, porque eu não consigo viver? Você entendeu? Então eu presto muita atenção nas coisas, porque é muito importante você prestar, que nem tem a frase que diz “olhai e percebei”. Então você tem que perceber.

5. DISCUSSÃO

Cada idosa entrevistada relatou sua trajetória de vida. Vindas de outros lugares, plenas de alegrias e tristezas. As imagens que surgiram desses relatos dariam um filme. Na análise que segue, buscou-se costurar as tramas entre diferenças e semelhanças nas experiências das entrevistadas. O que une essas mulheres tão diferentes e com histórias tão distintas? Seus relatos nos levam a refletir sobre como tem se dado a experiência da velhice para mulheres que, de alguma forma, optaram por não seguir os padrões de comportamento ainda impostos pela sociedade.

A história das transformações do casamento nos revela como a mulher foi colocada em uma posição de subalterna ao homem. Zaidman (1990 apud Parisi, 2009) revela que, na Grécia antiga, a mulher saía da casa do pai para a casa do marido, sendo a maternidade também a sua função mais importante.

O caráter intrinsecamente subversivo da ideia de amor romântico foi durante muito tempo mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela ideia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre [...]. Mas um casamento eficaz, ainda que não particularmente compensador, podia ser sustentado por uma divisão de trabalho entre os sexos, com o marido dominando o trabalho remunerado e a mulher o trabalho doméstico. Podemos ver neste aspecto como o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher “respeitável”. Isto ao mesmo tempo permitia aos homens conservar distância do reino florescente da intimidade e mantinha a situação do casamento como um objetivo primário das mulheres. (GIDDENS, 1992, apud PARISI, 2009, p. 39)

As mulheres presentes neste trabalho escapam assim desse molde. As entrevistas com elas ocorreram individualmente, a fim de se obter o máximo possível das narrativas de vida. Seus relatos suscitaram não somente o tema da velhice, mas também temas e imagens que se mostraram de grande importância para compreensão da experiência de envelhecer como um fenômeno arquetípico. O conteúdo abordado foi dividido em subtemas que serão discutidos a partir da Psicologia Analítica.

5.1 Casamento e filhos: Hera e Deméter

As diferentes maneiras como cada uma dessas mulheres vem lidando com a questão do casamento e da maternidade ao longo da vida encontram eco no trabalho de Bolen (1990), que, por meio das deusas da mitologia grega, suscitou a discussão acerca das diversas imagens arquetípicas do tema da mulher. A autora aponta que cada deusa, com seus aspectos, pode atuar de diferentes maneiras na psique. Sendo assim, a forma de se relacionar com a vida é guiada conforme a “deusa” mais atuante para cada mulher. Ao trabalhar com histórias de vida de pessoas tão distintas, não foi difícil encontrar correlações com os escritos de Bolen (1990). Da mesma forma que o casamento e filhos podem parecer essenciais a uma pessoa, o trabalho, a amizade e a casa, por exemplo, podem ser mais relevantes na vida de outra. Nas palavras da autora:

Quando as deusas são vistas como padrões de comportamento feminino normais, a mulher que é naturalmente mais parecida com a sábia Atenas ou com a competitiva Ártemis do que com a esposa Hera ou com a mãe Deméter é avaliada como sendo ela mesma quando é ativa, objetiva em suas determinações, e orientada para a realização externa. Ela está sendo verdadeira para com a forma, como a deusa determinada com a qual ela mais se assemelha. (BOLEN, 1990, p. 73)

Os relatos das entrevistadas mostram que nenhuma delas apresentou grande desejo pelo casamento. As irmãs Justina e Nina parecem ter vivido bem sozinhas ao longo dos anos, dedicando-se ao trabalho, aos parentes próximos e à casa. Viveram sempre juntas. Esses dados corroboram diretamente as descobertas de Allen e Wiles (2013) citadas no capítulo 1.

Justina retratou pessoas como a amiga que não casou de última hora, mesmo já tendo vestido e outros elementos necessários para o evento, como alguém que se salvou de “cair num precipício”. Outras sofreram muito na vida conjugal, o que faz com que a entrevistada, que ao olhar para tudo isso, agradeça por ter ficado solteira.

Nina comenta que não sabe ao certo o motivo de não ter se casado, o que faz com que o motivo pareça não ter importância. Junto com a irmã, levaram uma vida de cumplicidade. Além disso, o fato de não terem se casado não implicou em menos compromissos. Pôde, ainda, estar disponível para a família, ajudando a prima nos momentos difíceis, no nascimento dos filhos, em situações adversas e agora na idade mais avançada. Esse senso de estar próximas a outras mulheres remete ao que Bolen (1990) descreve do arquétipo da “grande irmã” associado à deusa Ártemis, para a qual a relação fraternal com outras mulheres é melhor estabelecida e a amizade é muito mais importante do que casamento e filhos.

Carmem também não se encantou pela ideia do casamento, assim como as irmãs Justina e Nina, dedicou grande parte da sua vida ao trabalho. Não considera que seja contra o casamento, mas não se sentiu na obrigação de ter um marido. Em muitos aspectos, Carmem incorpora atitudes de uma Atena. Ambas “não brincam de Cinderela e não esperam ser salvas pelo casamento. Fantasiar que ‘algum dia meu príncipe virá’ é estranho para o estilo da mulher tipo Atenas” (BOLEN, 1990, p. 134). Assim como a deusa grega, Carmem se mostrou estrategista e prática, orientada mais pela razão do que pelo coração. Queria ter estudado mais, cursado Medicina ou Artes, mas outras oportunidades foram surgindo e ela aproveitou. Assim, pôde conhecer outros lugares e a Suíça, tão sonhada, foi o primeiro lugar que visitou. Procurou ter seu caminho livre para conhecer e estar em contato com diferentes pessoas e tem claro para ela mesma que casamento não é sinônimo de felicidade.

A questão da liberdade também foi trazida por Dalva, que se descreveu como uma “andorinha”, que não gostaria de se submeter a regras, horários e imposições de um marido. Ela gosta de fazer tudo em seu próprio tempo, ir para onde desejar, fazer o que desejar. Ela gosta mesmo é de dançar. Disse que até pensou um dia em se casar e ter filhos, mas o tempo foi passando e ela também comenta ter sentido medo de tamanho compromisso.

Assim como Justina, comentou experiências de outras pessoas que se casaram, inclusive de uma irmã, que sofreu muito com o marido. Dalva não quer um casamento, mas a ideia do romance faz seu coração bater mais forte, ideia que envolve a sedução, a troca de elogios, o laço – e não o compromisso em si. Parece guiada pela imagem de Afrodite: para ela, não é difícil se apaixonar. Essa deusa está ligada ao prazer do amor, da sexualidade, da sensualidade e da beleza (BOLEN, 1990). Exemplo disso é que ainda deseja um namorado, mas não para viver junto, na mesma casa. Se até hoje não se adaptou, agora não vai querer esse tipo de compromisso, afirma.

Os romances parecem ter sido mais importantes para ela. Apaixonar-se, envolver-se, ser desejada era o que esperava dos homens de quem se aproximava. Gostava da noite, de sair e, principalmente, de dançar. Dessa época, tem ótimas lembranças. Alguns rapazes eram casados; muitos homens comprometidos se aproximavam dela.

Teve um relacionamento de 11 anos, entre idas e vindas, talvez tivesse se casado com ele. A decepção completa veio quando Dalva soube que ele realmente gostava da esposa e a deixou de lado. A respeito do padrão de relacionamento vivido por mulheres Afrodite, Bolen (1990) comenta:

[...] a mulher ama um homem que a trata mal ou que a menospreza. Ela subordina tudo o mais em sua vida pelas “migalhas” de atenção que

ocasionalmente obtém. Seu envolvimento pode ser de curta duração ou pode se estender por décadas. Caracteristicamente, ela é atormentada pelo relacionamento e por seus esforços de se convencer de que ele realmente a ama, apesar das provas contrárias. Fica deprimida e infeliz, contudo altamente ambivalente quanto a mudar sua situação. Mas para sentir-se melhor ela teria que abandonar o relacionamento destrutivo, que tem uma influência viciosa nela. (BOLEN, 1990, p. 352-353)

Os romances são motores de bem-estar para Dalva e podem ser expressos pelas músicas do Roberto Carlos¹⁵, como ela mesma coloca. A idade nem de perto é um impeditivo para sonhar, principalmente com uma pessoa que possa retribuir seu amor. Hoje, aos 75 anos, ainda é encantada com a possibilidade de encontrar alguém, ainda sofre por um relacionamento que não evoluiu e que dura já quase seis anos, mas do qual ela não consegue se desligar.

A família em volta crescia e crianças sempre estiveram presentes na vida dessas idosas. Nina relatou que esteve muito próxima dos filhos da prima aqui no Brasil. Os primos de segundo e terceiro grau são como verdadeiros sobrinhos, tamanha é a proximidade. Justina conta que o fato de ser solteira também contribuiu para que pudesse ajudar a cuidar dessas crianças. Desfrutar da convivência dessas pessoas agregou muito para essas mulheres, que disseram não sentir falta de filhos.

Verifica-se, assim, uma outra configuração de cuidado, em que é possível unir a liberdade, o foco no trabalho e a proximidade com crianças e família.

Carmem prefere ficar com “o lado bom” em relação à convivência com os sobrinhos. Disse não ter sentido falta de filhos, é “cuca fresca” em relação a isso, porque sempre achou que filhos não são garantia de nada, muito menos de cuidado na velhice, e cita a experiência dos próprios pais, que passaram a vida longe da família. Caso Carmem desejasse um dia ter filhos, apostaria na adoção, porém, mesmo depois de muito tempo, preferiu se dedicar a outras atividades. Como Atena, a postura e solução de Carmem para questões como essa é muito prática, bem contrária a de uma Deméter – mãe da terra –, estando muito associada à maternidade e ao desejo de carregar e ter seus bebês e não permitir que cresçam.

É importante notar que Dalva, após o falecimento do seu pai, passou a viver a vida da mãe. Essa mudança de papéis não foi sua escolha: como irmã mais velha, viu-se na obrigação de cuidar dos mais novos, assim como da casa e depois da própria mãe.

Dalva comentou que pensou em algum momento se casar com um bom marido e ter dois filhos. Mas o tempo foi passando e o casamento foi tornando-se algo distante. Ela, que teve muitos irmãos, foi a única que não teve filhos; porém, vieram muitos sobrinhos. Dalva

¹⁵ Ver letra em Anexos.

contou com verdadeira paixão sobre a relação com eles. Preocupa-se, telefona para saber como estão, conversam via internet e se veem com frequência.

Assim como Carmem, ela acompanhou o crescimento de quase todos e pode desfrutar até hoje da companhia deles. A ligação com os sobrinhos é grande, acha que se preocupa até mais do que deveria. Por isso também acha que não seria uma boa mãe; por se preocupar demais, acredita que seria muito pegajosa e não deixaria os filhos tranquilos. Contudo, com os sobrinhos e sobrinhos-netos, ela resgata esse carinho e fala deles com muito orgulho, mostrando fotos e vídeos com muito amor.

A respeito do arquétipo da mãe, representado pela imagem de Deméter, Monteiro (2002, p. 10) comenta: “Deméter é a deusa-mãe, não só como mãe biológica, mas como atitude de vida. Ela é maternal, tem uma maneira instintiva de cuidar, expressa amor, nutrimento e carinho, que se manifestam no anseio que todos nós trazemos por um colo terno e aconchegante”.

Assim, as narrativas também mostram outras possibilidades de exercer o cuidado ou aspectos da maternidade que não sejam gerar ou adotar uma criança sua. Para todas as entrevistadas, ter filhos não é uma garantia de cuidados ou de felicidade. Os sobrinhos e primos menores tiveram e ainda têm papel importante na vida delas. Por outro lado, os relatos não revelaram que eles sejam futuros provedores de cuidado, nem que elas esperem por isso.

5.2 Redes e laços¹⁶

Como imigrante, Nina mantém contato com a família na Espanha até hoje. A última visita foi em 2011. Todos os irmãos já faleceram e só restaram ela e Justina. Dos muitos sobrinhos que estão lá na Espanha, poucos dariam o suporte que os primos que estão aqui no Brasil oferecem. Segundo Nina, os primos dão todo o apoio que precisam e ela entende isso como grande demonstração de carinho, porque não acha que eles tenham essa obrigação. Por isso, se algo lhes acontecer e elas não puderem mais morar sozinhas, elas mesmas decidirão o que fazer e para onde ir, pois não querem dar trabalho para eles e não se sentem nesse direito.

¹⁶ Nesta categoria, foram elencadas as diversas formas de relacionamento que as idosas abordaram ao longo da entrevista. Relacionamento com família, amigas e amigos, grupos, vizinhos, etc. Por redes, entende-se os laços que proporcionam segurança e apoio a essas idosas, conforme citado por Neri (2005) no capítulo 1.

Justina traz uma fala parecida e, da mesma forma que os primos se preocupam com ela, também se preocupa como se fosse uma irmã mais próxima. Independentemente do grau de parentesco, a proximidade tornou-se mais importante.

A família na Espanha ficou longe para Carmem. Ela era muito criança quando seus pais migraram para a Guiné Equatorial. Ainda mantiveram contato e viajaram sempre para Espanha a fim de rever as pessoas. No entanto, Carmem conta que considera família o núcleo pai, mãe, ela e os irmãos. A relação com os irmãos é boa, ela sempre saiu em defesa deles e, apesar de terem suas desavenças, nunca brigaram. Junto com eles e as cunhadas, hoje formam um novo núcleo familiar.

Crucial tanto para Carmem quanto para Dalva é a relação com a mãe. Como tratado por Neri (2005), as mulheres são geralmente as responsáveis por esse cuidado e ambas as entrevistadas têm em comum o fato de terem sido cuidadoras da própria mãe até seu falecimento. Foram anos de convivência com a mãe idosa, que necessitava de apoio e atenção.

Poucos anos depois de se aposentar, Carmem passou a cuidar da mãe, que começou a apresentar problemas de saúde e ficou com dificuldade de memória depois de uma cirurgia. Foram anos de cuidado, atenção e dedicação exclusiva. A mãe foi assunto de grande parte das entrevistas, bem como anseios, dificuldades e aprendizagens de Carmem em relação a ela.

O impacto desse papel de cuidadora fez toda a diferença, principalmente na primeira entrevista, em que demonstrou muita preocupação com a mãe, que não podia ficar sozinha e tinha uma rotina de consultas médicas intensas.

Rubinstein et al (1991) descrevem que o papel das relações centrais de muitas mulheres solteiras e sem filhos é o da filha cuidadora dos pais. São aquelas que moram com eles mesmo depois de adultas. Isso inclui, em grande parte das vezes, o cuidado com eles na idade avançada até o falecimento. Esse padrão é marcado, segundo os autores, por uma mútua dependência. As mulheres que encontram-se nesse papel sentem-se obrigadas moralmente a assumir tais funções como cuidadoras, pois, em grande parte das vezes, os irmãos casados e com filhos já tinham muito trabalho com suas próprias famílias. Apesar da boa convivência com os irmãos, Carmem assumiu todo o cuidado, também por ter mais disponibilidade do que seus irmãos, que moram mais longe e têm suas próprias famílias.

Seus esforços exigiam um sacrifício pessoal, uma vez que muitas escolheram não se casar por causa dos pais (RUBINSTEIN et al, 1991). A relação de mútua dependência entre irmãs ou irmãos não é descrita pelos autores, mas o mesmo pode-se inferir em relação às irmãs Justina e Nina, que sempre moraram juntas e cuidaram uma da outra.

Dalva se recordou de como se sentia cansada, sobrecarregada e culpada. Culpada por ter deixado o cansaço tomar conta e não ter cuidado de sua mãe como deveria. Na época, o médico que cuidava de sua mãe alertou que ela também deveria se cuidar porque estava ficando doente.

A falta de apoio descrita por Dalva foi desgastante demais. Enquanto cuidadora principal, disse não ter escolhido esse papel sozinha. Alegou que não havia ninguém da família à disposição para ajudar a cuidar no dia a dia. Mesmo aposentado, seu cunhado não se disponibilizava para levar a própria sogra ao médico. A família ajudava financeiramente, mas tinha pouca presença nesse cuidar diretamente. Dalva pedia ajuda: pediu à irmã, por exemplo, que levasse almoço para a mãe quando não voltasse para a casa por causa do trabalho e ajuda para levá-la ao médico, mas sempre sem sucesso.

Era uma preocupação da sua mãe que Dalva ficasse desamparada após seu falecimento. Nisso, o cunhado comprometeu-se a ajudar financeiramente, o que ocorre até hoje. Ele paga parte do seu aluguel, uma das irmãs paga o convênio, e outra irmã cuida dos seus cabelos, cortando-os e tingindo-os; ou seja, Dalva está amparada do ponto de vista financeiro. Porém, o sentimento que permanece é o de que as pessoas não a assumem, assim como não assumiram o cuidado com a mãe.

Há um discurso ambivalente em relação à família no relato de Dalva. Por um lado, contou que a família era muito boa e unida, que ela participava das reuniões aos fins de semana, quando uma das irmãs fazia almoço para os filhos e sempre a convidava. Por outro, ela não se sente incluída: sente-se sem valor e sem importância para estes parentes. A própria entrevistada diz não saber de onde vem esse sentimento. Revela grande descontentamento em relação ao modo como é tratada pela família, mas, ao mesmo tempo, se vê como uma pessoa egoísta e é tida como reclamona pelos cunhados.

Ao ampliarmos o olhar a respeito destas relações, o relato de Dalva revela que no fundo nada é dela. O marido, os filhos, a casa, o dinheiro, os netos, pertencem às irmãs. Tais constatações parecem levá-la ao sentimento de solidão, em que deseja não estar mais com a família por não se ver parte integrante e por receio de não ser bem recebida.

Dalva sempre teve muitas responsabilidades desde muito cedo, quando começou a trabalhar na roça com seu pai. Após o falecimento deste, período no qual sua mãe ficou desamparada e entrou em um processo depressivo, Dalva precisou assumir muitas responsabilidades, fazendo-a afirmar que viveu a vida da mãe.

Além da família, relações de amizade e com a comunidade surgiram nos relatos. Imagina-se que uma velhice sem filhos e sem cônjuge seja uma velhice triste, de abandono e solitária (PUDROVSKA; SCHIEMAN; CARR, 2006; ALLEN; WILES, 2013; LIMA, 2013). No entanto, os relatos mostram o contrário. Estas idosas têm autonomia e uma rede de contatos, de cuidado e de amparo.

A velhice pode ser sim muito solitária, mas a capacidade de manter vínculos e amizades pode ser uma rica experiência psíquica e emocional. Na velhice, assim como na metanoia, “não é necessário se limitar para poder conviver, e o encontro é satisfatório e fortalecedor de uma identidade própria, mas também compartilhada, de experiências semelhantes com as pessoas na mesma faixa etária” (PANDINI, 2014, p. 107).

5.3 Velhice

Segundo Jung (2006a):

A vida é um processo energético, como qualquer outro, mas em princípio, todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo. E este objetivo é o estado de repouso. No fundo, todo processo é nada mais do que, por assim dizer, a perturbação inicial de um estado de repouso perpétuo que procura restabelecer-se sempre. A vida é teleológica *par excellence*, é a própria persecução de um determinado fim, nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar. (JUNG, 2006a, p. 356, § 798)

De acordo com Hillman (1999), “durar” está associado ao instinto de autopreservação, a um sentimento ao qual nos apegamos e perante o qual a “partida” ou a morte surgem como derrota. No entanto, ao envelhecermos, não estamos morrendo mais do que estávamos desde o momento em que nascemos.

O que está morrendo, no entanto, é o compromisso de se agarrar a atitudes que pertencem ao “durar” e que nos preservaram até então. À medida que a base arquetípica dessas atitudes parte, sentimo-nos sem suporte, suscetível a todo tipo de incursões não familiares e em declínio. (HILLMAN, 1999, p. 53, tradução livre)

Nesta etapa de análise dos resultados, serão abordados os aspectos do envelhecimento e da velhice para as idosas entrevistadas. As quatro encontram-se em diferentes momentos de vida dessa fase denominada velhice. Quatro mulheres, quatro momentos diferentes e, conseqüentemente, quatro diferentes formas de ver e vivenciar a velhice.

A tomada de consciência da morte, segundo Kovács (1992 apud MAGALHÃES et al, 2012), representa uma marca intensa, que é a marca da morte como ausência, perda, separação e desamparo. Magalhães et al (2012) comentam que se tenta evitar a ideia da morte sempre afastando-a, reprimindo-a ou assumindo uma crença inabalável na própria imortalidade.

Das entrevistadas, Nina, a mais longeva, é a que demonstra preocupação com o futuro e com a finitude. Foi a única que cogitou procurar um lugar para passar seus últimos dias. Não deseja ser um fardo para os primos e não acredita que eles tenham a obrigação de cuidar dela.

Nesse sentido, envelhecer na Espanha teria sido melhor, com melhores condições de vida e também com uma oportunidade de voltar de vez àquela vivência inicial da juventude, como um retorno às origens.

O tema do retorno às origens, ou seja, à terra natal, é tema de diversas histórias. O próprio Urashima Tarô¹⁷ é exemplo de alguém que, passado algum tempo, sente falta de sua terra, consegue voltar e, nesse retorno, percebe que passou muito tempo e que já não é mais o mesmo lugar que havia deixado quando partiu. A saudade da terra natal é grande, mas de qual terra natal se está falando? Segundo Kawai (2007), o personagem literalmente se esquece do tempo e fica com saudades de casa, sendo que esta característica é comum a quase todas as versões da lenda. Diante do resultado do retorno de Urashima Tarô, em que o estranhamento e não reconhecimento da terra natal é presente, Kawai (2007) aponta o quanto é difícil para alguém que viveu em “outro mundo” ter a mesma experiência e voltar a viver como antes. Dessa forma, o retorno à terra natal estaria mais associado à saudade e a um lugar idealizado.

Justina também sente falta de sua terra natal e diz certamente que teria uma velhice muito melhor estando lá. Comenta que não imaginava viver tanto. Ela traz à tona a forma como muitos aposentados são tratados no Brasil, denuncia as dificuldades financeiras enfrentadas e aponta que o discurso da “melhor idade” não se aplica a ela. Apesar da boa saúde, ficar velha é ter muitos problemas e limitações, defende.

Como afirma Hillman (1999), suportando ou sucumbindo à velhice, a natureza de um indivíduo é solitária, desagradável e longa. Enquanto cada tremor, cada mancha e cada nome que se esquece for ligado apenas a sinais de declínio, atinge-se a velhice no pensamento, assim como o pensamento é atingido pela velhice.

Porém, para Justina, a velhice é um período da vida sossegado no sentido de não ter grandes preocupações: o trabalho doméstico é dividido com a irmã, dedica-se a cuidar das plantas em casa, vai aos passeios organizados pelos grupos e, como grande parte dos idosos,

¹⁷ Descrito na apresentação.

tem uma agenda de consultas médicas frequentes. Mesmo diante das restrições colocadas pela idade, Justina e a irmã são bastante ativas e participativas. Não ficam em casa paradas assistindo televisão. É presente na fala da Justina a necessidade de se ocupar: em suas palavras, não dá para ficar em casa só assistindo televisão. O mesmo é dito por Carmem: o modelo de uma velhice ativa é o ideal, capaz de evitar tristeza e depressão.

Tanto o relato de Justina quanto o de Carmem corroboram a ideia de envelhecimento ativo, tão presente nos discursos atuais e que, para os idosos, é sinônimo de uma velhice positiva (FERREIRA et al, 2010). As autoras verificaram que, entre os idosos pesquisados, o estímulo “idoso ativo” remete a aspectos positivos da velhice, entre os quais estão associados termos como “independência”, “lazer”, “alegre” e “atividade física”.

No entanto, como apontado por Monteiro (2002), é preciso que o indivíduo encontre seu próprio caminho de individuação. Nesse sentido, ocupar-se de inúmeras atividades ou viver somente para o projeto de outros não se torna suficiente para evitar uma depressão e viver de forma criativa.

Carmem também mostra-se bastante ativa, tendo que dar conta de tudo sozinha. Em alguns momentos, principalmente na primeira entrevista, ela mencionou o peso da idade e comentou que deveria estar sendo atendida no grupo dos espanhóis como os demais. Ao mesmo tempo, não deixa o papel de ser coordenadora, nem tem planos para tal.

Nesse momento, não deseja planejar muito. As realizações para ela agora são a curto e médio prazos. Quer ocupar a cabeça com coisas leves, por meio do trabalho manual, do crochê e do tricô. Os trabalhos manuais, ligados aos fios, também eram associados à Atena, que envolvia-se em fazer atividades ao mesmo tempo úteis e esteticamente agradáveis (BOLEN, 1990, p. 124). Mãos e mente trabalhando juntas, em um trabalho que necessita planejamento e esquematização, fileira após fileira. Carmem deseja, ainda retomar laços de amizade que não se desfizeram, mas estão soltos.

O corpo também pede atenção. O gosto pela caminhada mantém o corpo ativo e não restrito ao espaço da casa. Está conseguindo se dedicar mais à aparência, é vaidosa e gosta de se cuidar. Percebeu que estava abatida e cabisbaixa antes, consequência da preocupação e do cansaço. Não pelo cuidado em si com a mãe, mas pela atenção que deveria prestar nas 24 horas do dia para que nada lhe acontecesse.

A aparência é também muito importante para Dalva, que é bastante vaidosa e gostava muito de se vestir bem. Hoje, tenta perder medidas, não está bem com o corpo e queixa-se muito de que algo não está bem emocionalmente. Ao mesmo tempo, é bastante positiva quanto à sua

imagem. Gosta de estar nas fotos, faz questão de ser fotografada e de transmitir na imagem a *persona* com a qual se identifica.

A forma como ela se vê vai ao encontro de alguns pontos descritos por Bolen (1990) sobre Afrodite, a deusa do amor e da beleza já citada anteriormente. O arquétipo de Afrodite envolve a sensualidade e a sexualidade da mulher e tem um carisma e magnetismo especial. As mulheres sob os aspectos dessa deusa são capazes de ver beleza, de estarem sempre apaixonadas, em uma atitude jovial e extrovertida, atraindo as pessoas e tendo muitos amigos de todas as idades.

A presença de Afrodite fica mais clara na afirmação a seguir:

[...] porque eu falo pra você, tenho de mim, eu tenho 40 anos. Não tenho mais que isso. Então eu tô aqui, eu tô vivendo a minha fisionomia jovem, sabe, eu tenho vontade de amar, você não acredita que eu tenho vontade de fazer amor, mas eu não faço com qualquer um. Se fosse pra fazer, tem um monte que quer, né. Mas não, tem que sentir, tem que ter química...

Para Dalva, a idade em si não importa. A paixão e o sentimento são mais relevantes que isso. Do ponto de vista da Psicologia Analítica, de acordo com Monteiro (2002, p. 22), “é no eixo vertical *puer-senex* que o jovem revitaliza o velho e vice-versa”.

Segundo Hillman (1998), as atitudes pueris não são exclusivas da infância e juventude, nem as do *senex*, somente reservadas à velhice. Estamos o tempo todo evocando esses aspectos, pois a psique tem o seu próprio tempo, que nem sempre coincidirá com o tempo do desenvolvimento cronológico. Assim, *puer* e *senex* podem aparecer em muitos estágios do ciclo vital.

Dalva adora fábulas e outras histórias de lição de vida. Concorde com a frase “nascer é uma dádiva, viver é um risco e envelhecer é um privilégio”. Com isso se sente vitoriosa de ter nascido e agora poder envelhecer. Dalva descreve uma autoimagem positiva, alegre e apaixonada pela vida, pela natureza e pela família.

Contudo, mesmo não trazendo para sua fala um peso da idade, mostra uma ambivalência entre essa percepção, apresentando também uma experiência de dores, má digestão e um corpo que dói, ou seja, um corpo que se queixa. Associado a isso, afirma também que uma forte tristeza toma conta dela.

A ideia de uma pessoa idosa, para Carmem, está associada à dependência e à decrepitude, funcionando como sinônimo de doença. Carmem parece compreender a idade que tem, sente as limitações e afirma que agora não é uma fase de muito planejar, mas isso não

significa que esteja idosa. Nas palavras dela, só se fica idosa quando se está dependente. É preciso se manter ativa, buscar propósitos. Caso comece a se sentir sem propósitos ou triste, vai buscar algo em que se sinta realizada, ajudar o próximo ou comprometer-se ao trabalho voluntário, que, para ela, é algo que enriquece a alma.

Dalva se sente com 40 anos e o espelho é o único que a lembra da sua verdadeira idade. Quando perguntada o que significa ser uma pessoa idosa, responde que é conseguir vários benefícios, isenção da passagem de ônibus, cinema, teatro, etc.

Ferreira et al (2010) observaram que, em sua pesquisa de associação de palavras com idosos, a palavra “limitação” foi muito associada à palavra “idoso”. A representação da velhice foi baseada em elementos negativos, representados pelas palavras “velho”, “limitação”, “doença” e “inútil”.

Avila, Guerra e Meneses (2007) pontuaram os dois lados da moeda presentes na representação do que é ser idoso, pois, se por um lado são privilegiados por sua condição, por outro, são excluídos. Hillman (1999) aponta que tanto a visão otimista quanto a pessimista chegam a um denominador único: a velhice é uma aflição, especialmente se está associada a ideia de um mal. Tornamo-nos reféns dessa ideia negativa de velhice, e essa ideia precisa ser alterada. Para o autor, muitas noções sobre a velhice precisam ser mudadas e, ao superá-las, talvez possamos reconhecer que muitas delas são hoje formas de esconder a real força do caráter, que para Hillman é muito importante nessa fase da vida.

Stevens (1993) nas palavras de Magalhães et al (2012) coloca que, na velhice, as figuras internas são tão importantes quanto em qualquer outro momento da vida. Assim, é comum que, nesta fase, as pessoas sofram mais com o isolamento; sendo assim, o bom relacionamento com o mundo interno torna-se imprescindível.

A idade também traz benefícios. Carmem conta que tornou-se mais flexível ao longo dos anos. Sempre foi muito séria no trabalho e hoje diz que seria mais tolerante com as pessoas à sua volta, agindo de forma diferente e menos dura. A cobrança para que tudo fosse resolvido corretamente, o senso ético e a exigência marcaram a fase de trabalho. Bolen (1990) exemplifica esse aspecto que se aproxima do arquétipo de Atena com a professora exigente, do tipo que não aceita desculpas, nem histórias tristes e que sempre espera o melhor desempenho de seus alunos.

Aspectos da *persona* podem sofrer mudanças ao longo da vida e isso fica marcante em todas as grandes transições, sendo que a entrada na velhice não é diferente (STEIN, 2006). Alguns papéis deixam de ser executados e novos são atribuídos nesse percurso. A inflexibilidade relatada por Carmem na altura de grandes responsabilidades no trabalho e um

cargo de chefia era necessária para ela; a idade mostrou que a rigidez hoje não faz mais tanto sentido.

A questão da casa surge em algum momento para todas as entrevistadas. Para Nina, significa raízes, junto com a família de sua prima, e aquilo que a segura de retornar a Espanha. É seu único bem, e, na ausência de ter para quem deixar, vai permanecendo. Para Justina, é espaço de cuidado e responsabilidades. Nela estão suas plantas, que tanto precisam de sua atenção.

A casa também é o espaço das tarefas domésticas, do cuidado com as plantinhas, tão apreciadas por parte das pessoas idosas. Dalva também menciona seu jardim, mostrou cada flor que tem no seu pequeno espaço e como cuida delas criativamente.

Para Gaeta e Mendes (2016), quando se perde um familiar ou pessoa querida, entra-se em um período de transição, que possibilita a abertura para um novo ciclo. O sofrimento decorrente das perdas que ocorrem na velhice mobiliza a energia psíquica, que permite criar condições favoráveis para a reorganização da personalidade (FREITAS 1992 apud MAGALHÃES et al, 2012).

Após o falecimento da mãe, Carmem está abrindo espaços aos poucos. Tirando aquilo que não tem mais uso, quase como uma limpeza mental. Há 20 anos, o pai falecera, ficou ela e a mãe. A casa já era grande, agora ficou maior. É seu espaço de proteção, onde está agora sozinha, mas não se sente só. Em sua volta, a comunidade a habita.

Esses movimentos nos remetem à figura de Héstia, conhecida como a deusa da lareira, representada pela chama no centro do lar, do templo e da cidade. De acordo com Freitas (2005), Héstia:

Cria um clima de sossego e confiança, permitindo uma atitude aberta para o novo, que poderá apresentar-se; caso contrário, será ocasião de rememorar o antigo, o realizado, o contemplar, compartilhar, alojar e alocar ideias e sensações, tecendo a própria história e memória, retomando inúmeras vezes as mesmas imagens, num exercício de focalização dinâmica. (FREITAS, 2005, p. 58)

Sob o aspecto de Héstia, a mulher é capaz de ser absorvida pelas tarefas de casa de maneira harmoniosa. Como no caso de Carmem, ela tem se beneficiado desse arquétipo de Héstia ao aproveitar para limpar e dedicar-se a jogar fora aquilo que não lhe serve mais, organizando papéis e armários.

Para Dalva, esses aspectos hestianos parecem estar em falta. Dalva que sempre foi caprichosa, está estranhando o relapso com a casa, sinal de que as coisas para ela não estão bem. O acúmulo de itens e a falta de vontade de arrumar e limpar a casa denunciam seu estado

emocional. Há nove anos mora nessa pequena casa e tem-se percebido assim desde então. Ao mesmo tempo, não deixa ninguém arrumar para ela; a irmã até pagou uma pessoa pra limpar, mas Dalva acredita que esta não fez corretamente a tarefa.

Segundo Bolen (1990), para Héstia estar presente, a tarefa doméstica não pode estar associada ao cronômetro ou a cobranças, mas sim ser cada tarefa realizada independentemente, com tempo, a fim de que a mulher possa ser absorvida pela tarefa. Talvez trazendo à tona uma atitude mais contemplativa e meditativa, típica de Héstia, Dalva consiga se religar à casa e ao capricho pelo qual era tão apegada.

5.4 Tornar-se única

A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai sua vitalidade do rizoma; a vida propriamente dita não é visível, pois jaz no rizoma. O que se torna visível sobre a terra dura um só verão, depois fenece... Aparição efêmera. Quando se pensa no futuro e no desaparecimento infinito da vida e das culturas, não podemos nos furtar a uma impressão de total futilidade; mas nunca perdi o sentimento de perenidade da vida sob a eterna mudança. O que vemos é a floração – e ela desaparece. Mas o rizoma persiste. (JUNG, 2006b, p. 32)

Jung (2006b) começou a contar sua história aos 83 anos de idade em **Memórias, sonhos e reflexões**. Disse ele: “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade.” (JUNG, 2006b, p. 31). Ao mesmo tempo que a idade se torna um estreitamento, para Jung, também possibilitou inúmeras coisas. A incerteza em relação a si mesmo abriu caminho para o sentimento de proximidade com todas as outras coisas, revelando uma outra dimensão agregada a ele mesmo.

Na perspectiva da Psicologia Analítica, o desenvolvimento físico e o desenvolvimento psicológico andam lado a lado até um determinado ponto. A divisão do desenvolvimento psicológico ocorre na primeira e segunda metade da vida (STEIN, 2006). Hillman (1998) questiona essa divisão, uma vez que os problemas associados à segunda metade da vida podem estar presentes ainda na juventude.

As entrevistadas tiveram grandes responsabilidades desde jovens, principalmente Dalva, que desde pequena teve obrigações de adultos, tendo que assumir o trabalho na roça para ajudar a família e com a ausência do pai, precisando viver como sua mãe.

Stein (2006) defende que a forma como acontecem a primeira e a segunda metade da vida vai depender de diferentes fatores, como família, estrato social, cultura e período histórico em que o sujeito se encontra. Contudo, “o que é universal, porém, e portanto arquetípico, é que toda e qualquer cultura espera e exige da pessoa jovem a realização do desenvolvimento e adaptação do ego à cultura a que ela pertence.” (STEIN, 2006, p. 156). A individuação, portanto, é um desenvolvimento psicológico, a fim de tornar-se uma personalidade única, integrada. É um processo que vai além do projeto da primeira metade da vida, que envolve o desenvolvimento do ego e da *persona* (STEIN, 2006).

A primeira entrevista com Nina e Justina talvez tenha suscitado reflexões sobre a individualidade de cada uma, sendo uma possibilidade em muito tempo de pensar individualmente. Como já mencionado, as duas viveram uma vida inteira juntas, e agora na velhice faz menos sentido ainda a separação, sendo que uma cuida da outra em tempo integral. Se um dos papéis na individuação é tornar-se único, questiona-se como aspectos da unidade estariam presentes em ambas, se uma, ao contar sua própria história, não se desvincula da outra, o que é enfatizado com o uso do pronome “nós”. Todavia, a consciência de ser única parece surgir para a irmã mais velha, que reconhece a necessidade de um lugar para ficar em breve, pois as irmãs logo não poderão mais cuidar uma da outra. Diante da consciência da morte vem a consciência de ser único.

Para Nina, o tema da finitude parece uma questão maior. Junto com Drummond de Andrade (1934), parece gritar “Sim! Ao eterno”.

Soneto da perda esperança

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo
ou se é alguém que se diverte
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.
Entretanto há muito tempo
nós gritamos: sim! ao eterno.

A origem da vida no Brasil parece algo nebuloso. Como vive uma pessoa que está há tanto tempo em um país diferente sem mesmo ter clareza das razões? Ambas vieram de um estado de inconsciência desses motivos. Isto suscita uma reflexão que, de acordo com Stein (2006), uma pessoa pode chegar à velhice e permanecer não integrada, múltipla e ainda assim estar adaptada à coletividade.

Diferentes marcadores podem estar presentes nessa passagem para a segunda metade da vida. A aposentadoria é em grande parte das vezes um desses marcadores e início de uma nova jornada, a caminho da velhice. Carmem, ao se referir à aposentadoria, contou que esta não foi um fato negativo em sua vida. Pelo contrário, estava cansada de tanto viajar e o trabalho se tornara algo muito exaustivo.

Então parece que não, mas chega uma hora, que como eu digo entrei feliz na aviação e na hora que eu parei realmente de trabalhar, também gostei, sabe?

Carmem pôde ir ao encontro de novos objetivos, experimentar novas atividades, como o projeto da *rotisserie* com a cunhada. Foi se permitindo fazer o que surgiu. Logo depois, o cuidar da mãe também foi necessário, e ela assumiu o desafio e pôde estar inteira nessa dedicação. É nesse sentido que Stein (2006) comenta que, na meia-idade, quando o desenvolvimento egoico atinge seu ápice, deixa de fazer sentido buscar os mesmos bons e velhos objetivos. Esses objetivos passam a ser questionados, levando à uma reavaliação e busca de novos e diversos significados.

O amanhã é hoje, como afirmou Carmem. Hoje, ela não quer compromissos, pois não há pressa. Já realizou grande parte das coisas que desejava. Como coloca Monteiro (2002), na velhice se diminui o ritmo, pois há muito o que preparar; principalmente, preparar a psique para a nossa retirada deste mundo. “Vamos encontrando a verdadeira fonte da vida, esta interioridade que nos permite desfrutar a velhice e a morte como passagens reais do processo de viver” (MONTEIRO, 2002, p. 25).

Dalva parece entrar cada vez mais em um poço de tristeza, no qual as coisas parecem sem sentido. Costumava gostar de se arrumar e ser vaidosa, mas mostrou-se descuidada com suas coisas; não tem se animado muito.

Deméter, ao perder a filha, perdeu-se de sua criatividade e mergulhou em um mar de tristeza. Como Deméter, Dalva parece ter perdido algo importante ao longo da vida e hoje tenta se achar na busca de atenção por parte dos familiares e de um par amoroso.

Reencontrar a vida após as catástrofes é uma tarefa heroica para todos nós. O mito de Deméter revela o processo de ressignificar o vivido, a metanoia

vivenciada por ela. Renovar-se após as perdas e decepções é a mensagem desse mito, revelando o mistério e a sacralidade dos alimentos, da vida sexual e da morte. (MONTEIRO, 2002, p. 10)

Enquanto Carmem e as irmãs fazem uso de pouca medicação, o corpo é abordado por Dalva no relato dos sintomas de fraqueza, alteração do sono, tonturas, dores e problemas gastrointestinais. Essas dores merecem atenção, pois muitas vezes são símbolos que expressam uma dissociação da psique por estarem em uma atitude unilateral. Essas mensagens do corpo não podem ser desprezadas, pois querem dizer algo e chamar atenção para que o sujeito olhe mais para si. Dalva se mostra muito desapontada com a família, investe neles e sente-se sem valor diante das irmãs. Esses aspectos remetem a traços negativos do arquétipo de Deméter. Para sair desse padrão, é necessário reconhecer e admitir esses traços negativos e, assim, encontrar o caminho para o crescimento (BOLEN, 1990). Os aspectos de Deméter podem ser aplicados a ela mesma quando presta a si mesma esse cuidado. É o caminho para seu crescimento emocional.

Como dito anteriormente, tudo que cerca Dalva é do outro (os maridos, os filhos, os netos). Ela, que sempre viveu no presente, também não se importou em adquirir bens materiais. Conhecer esse padrão, que pode ser associado ao arquétipo de Afrodite (BOLEN, 1990), possibilitaria um caminho a mais para seu crescimento, a fim de se tornar mais consciente e cuidar de seus próprios interesses.

Dalva trouxe o tema da religiosidade, assim como Nina e Justina também comentaram da igreja; porém, mais pela tradição das missas e comemorações espanholas do que por uma ligação com Deus.

Já Dalva não tem uma religião específica, frequentou diferentes igrejas e hoje gosta de assistir aos canais de televisão de programação católica. Acredita que Deus é na verdade um só e que isso é o que importa. A fé a liga a algo superior, a uma dimensão também de proteção, vivida pela fala dos anjos da guarda que a “salvaram” quando caiu no banheiro de sua casa, depois de sentir-se mal. Os anjos simbolicamente são mensageiros de Deus, seres protetores que aparecem para os heróis que estão em perigo de morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986). A Deus se pode pedir, pedir ajuda, pedir que coloque pessoas boas em seu caminho, que são explicadas por meio da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A costura do tema da velhice com a Psicologia Analítica tem sido realizada por diferentes autores, tal como citado neste trabalho. A partir desse referencial teórico e das histórias de vida coletadas, a presente pesquisa espera contribuir com a quebra de estereótipos ao dar ênfase à uma velhice plural, heterogênea, principalmente em relação às mulheres que historicamente estão diretamente sob cobranças de padrões culturais ligadas à maternidade e ao matrimônio como sinônimos de felicidade.

Os relatos apresentados representam uma pequena parcela da população idosa e, apesar de uma clara diferença entre elas, suas histórias suscitaram temas semelhantes do âmbito do coletivo. Sendo assim, esta pesquisa procurou entender como as mulheres que já se encontram nessa fase da vida percebem o próprio processo de envelhecer e as diferentes circunstâncias pelas quais estas não se casaram e não tiveram filhos.

A psicologia contida nas imagens arquetípicas das deusas gregas, conforme descritas por Bolen (1990), pôde contribuir para o entendimento deste trabalho. Foi possível verificar que, nos relatos, surgiram particularidades relacionadas a Atena enquanto aquela conectada ao trabalho, à estratégia e ao trabalho com fios; a Héstia, enquanto aquela ligada ao cuidado da casa, na atitude meditativa e contemplativa; a Ártemis por meio do arquétipo da “grande irmã”, por estar sempre presente para ajudar uma mulher próxima; e a Afrodite, com sua beleza e encantamento pelo romance, deusa dos amantes.

A pesquisa verificou que envelhecer sem ter se casado ou sem ter tido filhos, para estas mulheres, não corresponde ao imaginário de uma velhice sem suporte, regada a isolamento e solidão. Muito pelo contrário: verificou-se que outros marcadores como a comunidade, a vizinhança e a família estendida (irmãos, cunhados, sobrinhos, primos, etc.) oferecem uma rede de apoio informal que compensa diversas necessidades de ordem coletiva. Na ausência de filhos e cônjuges, outros membros da família se fazem presentes, em uma via de mão dupla, oferecendo e recebendo cuidados. O contrário também procede, conforme relatos da pesquisa: não é porque uma mulher se casou e teve filhos que ela não corre o risco de envelhecer sozinha.

O casamento é um contrato social que não necessariamente está associado ao amor romântico. Tal contrato não foi reportado como algo positivo, muitas vezes, sendo descrito como aprisionamento ou precipício. Para que o encontro amoroso aconteça, não é necessário ter como consequência o casamento; os relacionamentos podem acontecer e casar não precisa ser uma obrigação, podendo ser vivido em qualquer idade. Em nenhum dos relatos surgiu a

maternidade como desejo não realizado. A vida foi acontecendo e a convivência com as crianças foi trazida pelo nascimento e crescimento dos sobrinhos, por exemplo. Infere-se que a função materna simbolicamente pôde ser experienciada por meio de projetos, no cuidado com esses sobrinhos, irmãos menores e primos.

A relação com a família obteve destaque nos relatos; com isso, observa-se a importância desse contato para o desenvolvimento psíquico na vida adulta e na velhice. As idosas entrevistadas são autônomas e independentes, mas ainda se observa que, na falta de rendimentos suficientes para se manter, outros membros da família se tornam provedores. Irmãs, que encontram-se em melhor condição financeira, por exemplo, promovem esse cuidado.

Percebeu-se que a relação com o trabalho e o compromisso com as atividades laborais tiveram um papel importante na vida dessas idosas. O trabalho está na vida delas desde muito cedo, por obrigação dos pais para ajudar a família ou na busca por independência. O ganho que se consegue por meio deste vai muito além do financeiro: é estabelecida uma rede de amizades, de contatos, com a sensação de pertencimento e de estar sendo útil. Trabalhar fora e ter seu próprio dinheiro tornaram possível que essas mulheres seguissem uma vida com mais autonomia, podendo contribuir com as despesas e até mesmo sustentar a casa.

Se antes a aposentadoria era um marcador da velhice e logo associada à morte iminente, as entrevistas mostraram que há muita vida ainda após a saída do mercado de trabalho. A aposentadoria surgiu, então, como possibilidade de realizar novos projetos, até mesmo continuar trabalhando para complementar a renda e no cuidado com a casa. Mas também apresentou seu lado negativo, muito comum no discurso dos idosos, que é a diminuição da renda mensal, o que deixa o orçamento apertado.

A percepção de velhice e de pessoa idosa variou entre as entrevistadas. A idade cronológica é um fato, mas não é associada à velhice necessariamente. Uma pessoa idosa tem as vantagens adquiridas por meio dos direitos como isenção de passagens e descontos por conta da idade, mas, ao mesmo tempo, para outra entrevistadas, uma pessoa idosa é triste, deprimida e dependente. As mais longevas das participantes demonstraram associar a idade real e a percebida, sendo que a preocupação com a morte e as consequências do declínio do corpo estão proeminentes.

Os resultados também levantam a discussão para a dependência do idoso em relação aos familiares. Buscou-se, na pesquisa, entrevistar idosas independentes para as atividades da vida diária. Contudo, uma outra dependência se revelou: a dependência financeira. Com a queda dos rendimentos financeiros após a aposentadoria, fica difícil para quem ganha um salário mínimo

manter todas suas necessidades. Outros familiares se disponibilizam para complementar a renda da idosa. Nesse contexto, levanta-se a questão: na ausência destes, quem ficaria responsável? Aqui, reforça-se a necessidade para a criação de medidas de proteção ao idoso, já que a aposentadoria acaba não sendo suficiente, o que indica que muitas pessoas idosas ainda vivem e viverão em situação de vulnerabilidade social, tal como apontado pelos documentos das Nações Unidas, conforme discutido no capítulo 1 (UNITED NATIONS, 2002).

A imagem de uma pessoa idosa solitária, sem amigos e sem esperança aqui não se revelou verdadeira. Em algum grau, as entrevistadas mantêm-se ativas e participantes das atividades da comunidade e da família, nas quais podem se sentir acolhidas, queridas e úteis para outras pessoas. No trabalho, na comunidade e na vizinhança, essas idosas estabeleceram redes de apoio, pessoas com quem se relacionam e constituem laços de troca afetiva. Esse quadro se mantém enquanto não são dependentes diretamente de cuidados, mas a preocupação com a velhice avançada surge na ideia de procurar um local especializado para morar e não depender diretamente de familiares.

Depois da aposentadoria, a casa é local das atividades que demanda organização e cuidado. A casa demonstra afetividade. O lar precisa ser cuidado, arrumado e limpo. A dedicação ou não com este espaço pode indicar diferentes aspectos emocionais. Arrumar a casa após uma perda pode significar uma necessária reorganização interna, tirar o que já não tem mais necessidade e abrir-se para o novo. O contrário também: a desmotivação em relação ao lar pode indicar que o emocional não está bem. A casa também surge como raiz, como conexão com sua própria história, sendo o único bem e a preocupação para quem deixá-lo, ligando-se também ao tema da finitude.

A morte real e simbólica pode estar presente em todas as etapas da vida; é o objetivo final de todo ser vivo. A consciência da finitude é causa de muita angústia e preocupação e, na medida em que se envelhece, aumenta-se a certeza de sua proximidade. Existe um espanto ao se perceber que se chegou aos 80 anos de idade, quando na juventude não se imagina viver tanto. Como apontou Hillman (1999), a curva da expectativa de vida tem sua própria força: quando se é jovem, a idade média é de 70 anos, mas, ao atingir os 60 anos de idade, esse primeiro número cresceu e aumentou mais uns oito ou dez anos.

Os idosos mais longevos vão necessitando de cuidados de outras pessoas, normalmente familiares – principalmente filhas solteiras ou viúvas, que também se encontram em uma idade avançada. É cada vez mais comum ver idosos cuidando de outros idosos. Essa é a realidade das entrevistadas: Dalva, por exemplo, cuidou da mãe até a sua entrada na terceira idade. Carmem

passou pelo luto recente da mãe e isso veio à tona nas entrevistas: no primeiro contato, relatou o cansaço e a dedicação que desprendia a ela e, na segunda entrevista, o luto, a vontade de ter feito mais pela mãe e o desejo de tê-la perto por mais tempo. Justina e Nina sempre estiveram juntas e agora, aos 90 anos de idade, uma está presente para a outra.

A individuação é um chamado para o crescimento psíquico durante toda a vida e, na segunda metade desta, o impulso não cessa e nem cai em declínio como o corpo biológico. Porém, trata-se de um processo difícil de descrever, demanda uma vida toda para acontecer, está em constante movimento e não é meramente um objetivo a ser alcançado.

No caso das duas irmãs, elas parecem ter vindo de um estado de inconsciência. Os motivos da imigração parecem nebulosos; não surge uma necessidade ou desejo delas para virem ao Brasil, lembrando que, na época, já eram jovens adultas com seus 22, 23 anos. A Espanha permaneceu no imaginário, sendo que elas puderam voltar algumas vezes, mas somente de passagem. Cada uma do seu próprio jeito pôde viver a vida com autenticidade. Na medida do realizável, elas sempre tiveram muita autonomia. Talvez esses motivos tenham contribuído para o fato de aqui estarem sempre juntas, morando, trabalhando e frequentando os mesmos lugares.

Contudo, é possível inferir que essas idosas, ao longo da vida, puderam fazer suas escolhas de acordo com seus próprios movimentos internos. Claro que, em alguns momentos, a vida exige um chamamento para outras demandas; faz parte da vida adaptativa. Todavia, é nesse dia a dia que a individuação acontece. É no enfrentar as dificuldades – mesmo tendo que abrir mão de si mesma para cuidar de uma mãe doente, – que existe também a chance para o crescimento psíquico pela união dos opostos.

Quem cuida de uma pessoa doente muitas vezes fica tão doente quanto quem é cuidado. Daí a importância de não perder os próprios objetivos. É muito comum o relato de cuidadores que se veem sem motivações depois que a pessoa doente vem porventura a falecer.

O exercício da mente e o cuidado emocional precisam de atenção, mas o relato das idosas também chama a atenção para a necessidade que o corpo tem de movimento e de circunspeção. As perdas relacionadas à idade avançada já não permitem o deslocamento como antes, como expresso pelas irmãs Nina e Justina. O corpo se queixa de dores e de insatisfações. Aqui, corpo e mente se unem para um benefício comum que é o bem-estar. A idade avançada também é limitante, e nas falas surgem as dificuldades encontradas na cidade, que é muito hostil com quem tem mobilidade reduzida, seja na rua ou no transporte público.

Um tema que não foi aprofundado no trabalho, mas que suscita discussões, é o plano para uma velhice amparada socialmente, principalmente no que se refere à moradia e à disponibilidade de uma rede de cuidados formal, ou seja, composta por profissionais e custeadas pelo poder público, de modo que esteja disponível a todos. Tal política poderia então minimizar também os anseios, incertezas e inseguranças diante da velhice.

Alguns temas surgiram ao longo da pesquisa, mas não foram investigados por fugirem da temática central. A questão da imigração, por exemplo, pode ser aprofundada em estudos futuros, a fim de se investigar como esse quesito influencia a percepção de um envelhecer solteira e sem filhos longe de seu país de origem. A temática de gênero pode ser pesquisada mais profundamente, uma vez que mulheres e homens tendem a assumir diferentes papéis, inclusive na velhice.

Por fim, considera-se que este tema não se esgota, mas, na realidade, gera diferentes ramificações. Por meio das vivências das novas gerações e das mudanças observadas nas sociedades, os padrões vêm sendo cada vez mais discutidos e há uma força grande para rompê-los. Este estudo é uma pequena contribuição para refletir acerca das outras formas de se viver, principalmente para mulheres, a fim de mostrar que outros arranjos sociais são possíveis, nos quais tais mulheres possam ser protagonistas da própria história e donas da própria velhice. Que as mulheres possam viver de acordo com sua natureza, seja ela uma Atena, Afrodite ou qualquer outra deusa, e que ela possa viver todo seu potencial ao longo da vida, inclusive na velhice.

REFERÊNCIAS

A BALADA de Narayama. Direção: Shohei Imamura. Produção: Jiro Tomoda, Goro Kusakabe. Japão: Toei Company, 1983. 1 DVD. 128 min., color. Título original: Narayama Bushi-ko.

ALLEN, R. E. S.; WILES, J. L. How Older People Position Their Late-Life Childlessness: A Qualitative Study. **Journal of Marriage and Family**, [S. l], v. 75, p. 206-220, 2013.

ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, A. L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. p. 125-139.

ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. Campinas: Papirus, 2001.

ARTE DE viver. Direção: Ang Lee. Produção: Hsu Li-kong. EUA/Taiwan: Ang Lee Productions, 1992. 1 DVD. 105 min., color. Título original: Tui-shou.

AVILA, A. H., GUERRA, M., MENESES, M. P. R. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. **Pensamento Psicológico**, Cali, v. 3, n. 8, p. 7-18, 2007.

BALDIN, C. B., FORTES, V. L. F. Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. **Revista Brasileira Ciência e Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 5, n.1, p. 43-54, 2008. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/257>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

BALDIN, C. B.; FORTES, V. L. F. Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/257/192>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

BAND-WINTERSTEIN, T.; MANCHIK-RIMON, C. The Experience of Being an Old Never-Married Single: A Life Course Perspective. **International Journal of Aging and Human Development**, Thousand Oaks, v. 78, n. 4, p. 379-401, 2014.

BARROSO, A. E. S. **A estranha arte de envelhecer longe da pátria: o cotidiano de imigrantes espanhóis atendidos pela sociedade Beneficente Rosalia de Castro**. 2001. 119 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, S. **Velhice**. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDI, C. Visão geral. In: MONTEIRO, Dulcinea da Mara Ribeiro (org). **Puer-senex: dinâmicas relacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-53.

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos**. V. 1. São Paulo: [s. n.], 2008.

BEZINELLI, J. Um pouco de História... In: ALBERTINI, Paulo; FREITAS, Laura Villares de (orgs.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 1-15.

BOECHAT, N. Depressão no idoso: aspectos clínicos. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.). **Depressão e envelhecimento: saídas criativas**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2002. p. 37-40.

BOHM, V.; CARLOS, S. A. Ser cuidador de idosos: sentimentos desencadeados por esta relação. **Revista Kairós de Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 211-220, jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4870/3454>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. **Estatuto do Idoso**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf>. Acesso em: 21 out. 2017.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/publicacoes/violencia-contra-a-pessoa-idosa>>. Acesso em: 9 out. 2017.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA. **História**. São Paulo, 2015a. Disponível em: <<http://perseveranca.org.br/2015/historia/>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA. **Patrono espiritual**. São Paulo, 2015b. Disponível em: <<http://perseveranca.org.br/2015/patrono-espiritual/>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COWAN, L. Dismantling the *Animus*. **The Jung Page: Reflections on Psychology, Culture and Life**, Houston, 2013. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/105-dismantling-the-animus>>. Acesso em: 9 out. 2017.

CRUZ NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DANELY, J. Aging and Abandonment: Obasute Narratives in Contemporary Japan. In: ASSOCIATION FOR ASIAN STUDIES, 2012, Toronto. **Anais...**, Toronto: 2012. Sessão 266: Loss and Recovery in Modern Japanese Literature. Disponível em: <http://www.academia.edu/2594558/Aging_and_Abandonment_Obasute_Narratives_in_Contemporary_Japan> Acesso em: 9 out. 2017.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp, 1999.

DEBERT, G. G. Feminismo e envelhecimento. **Sinais sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 15-38, 2013. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3/Revista+-+Sinais_Sociais_22_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3>. Acesso em: 9 out. 2017.

DEBERT, G. G. Gênero e envelhecimento. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 2, n. 34, p. 34-51, 2º semestre 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16288/14829>>. Acesso em: 9 out. 2017.

DEBUS, D. O *Self* é um alvo móvel: o arquétipo da individuação. In: DOWNING, Christine. **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 64-72.

DIÁLOGOS IMPERTINENTES. **A avó**. São Paulo: Sesc TV, 2008, 1 vídeo. 84 min. Disponível em <<https://youtu.be/kU2pevOu6Uk>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Brejo das almas**. Rio de Janeiro: Record, 1934.

DUARTE, Y. A. O. et al. Religiosidade e envelhecimento: uma análise do perfil de idosos do município de São Paulo. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 5, n. 24, 2008, p. 173-177, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84252404>>. Acesso em: 6 nov. 2017

EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo**: individuação e função religiosa da psique. São Paulo: Cultrix, 1989.

ERA UMA vez em Tóquio. Direção: Yasujiro Ozu. Produção: Takeshi Yamamoto. Japão: Shochiku, 1953. 1 DVD. 136 min. pb. Distribuição: Versátil Home Video. Título original: Tokyo Monogatari.

ESTÉS, C. P. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, O. G. L. et al. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-USF**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000300009> Acesso em: 9 nov. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Privatização das teles foi seguida por escândalos**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u70988.shtml>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 1994.

FREITAS, L. V. Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 45-69, 2005.

FREITAS, L. V. Panorama dos conceitos junguianos. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (orgs.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 16-31.

GAETA, I., MENDES, D. C. Velhice e metanoia: uma análise do filme Hanami: cerejeiras em flor. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-63, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/29984>>. Acesso: em: 9 nov. 2017

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GRINBERG, L. P. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

HILLMAN, J. **O livro do puer**: ensaios sobre o arquétipo do *puer aeternus*. São Paulo: Paulus, 1998.

HILLMAN, J. **The Force of Character**: and the lasting Life. New York: Ballantine Books, 1999.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2006a.

JUNG, C. G. **Aion**: estudos sobre o Si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006b.

JUNG, C. G. O arquétipo da criança. In: DOWNING, Christine. **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 29-56.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KAWAI, H. **A psique japonesa**: grandes temas dos contos de fadas japoneses. São Paulo: Paulus, 2007.

KAWAI, H. **Dreams, Myths & Fairy Tales in Japan**. Einsiedeln: Daimon Verlag, 1995.

LAURENTINO, N. R. S. et al. Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres. **Revista Brasileira Ciência e Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 3, n. 1, p. 51-63, 2006. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/57>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

LIMA, R. Ser feliz sozinho? Uma reflexão sobre a solidão e a solidude em nossa época. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 143, p. 78-83, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/20331/10684>>. Acesso em: 10 out. 2017.

LOPES, R. G. C. Diversidade na velhice. **Velhices**: reflexões contemporâneas, São Paulo, p. 87-100, nov. 2006.

MAGALHÃES, G. P. et al. Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 133-160, ago. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17045/12668>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

MARINHO, M. S; REIS, L. A. Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 145-160, 2016.

MELLO, L. T. de. **O envelhecer**: uma análise junguiana na mitologia africana. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/12469/1/Leonardo%20Tondato%20de%20Mello.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1993.

MINAYO, M. C. S. Visão antropológica do envelhecimento humano. **Velhices**: reflexões contemporâneas, São Paulo, p. 47-60, nov. 2006.

MONTEIRO, D. M. R. No envelhecer. In: _____ (org). **Puer-senex**: dinâmicas relacionais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 54-79.

MONTEIRO, D. M. R. O mito de Deméter e os mistérios de Elêusis: depressão e Criatividade. In: MONTEIRO, D. M. R. **Depressão e envelhecimento**: saídas criativas. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p. 9-27.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009>. Acesso em: 9 out. 2017

MOTTA-MAUÉS, M. A. Lugar de mulher: representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá/Pará). In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Saúde e doença**: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 113-125.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.

NERI, A. L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: _____ (org.) **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-38.

NERI, A. L.; SOMMERHALDER, C. As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In: NERI, A. L. (org.) et al. **Cuidador de idosos no contexto da família**: questões psicológicas e sociais. Campinas: Alínea, 2002. p. 9-63.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

O'BRIEN, M. Never-married Older Women: The Life Experience. **Social Indicators Research**, [S. l.], v. 24, p. 301-315, 1991.

OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G.; CÁRDENAS, C. J. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, 2010, p. 461-474. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838794012>> Acesso em: 7 nov. 2017.

PANDINI, A. L. R. **Metanoia**: caminho para o desenvolvimento no meio da vida. 2014. 314 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PARISI, S. **Menopausa e iniciação**: vivências de morte e renascimento no desenvolvimento da mulher. 2002. 326 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PARISI, S. **Separação amorosa e individuação feminina**: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da Psicologia Analítica. 2009. 272 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em Psicologia Analítica. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PERRONE, M. P. **Existências fascinadas**: história de vida e individuação. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

PRETAT, J. R. **Envelhecer**: os anos de declínio e a transformação da última fase da vida. São Paulo: Paulus, 1997.

PUDROVKSA, T., SCHIEMAN, S., CARR, D. Strains of Singlehood in Later Life: Do Race and Gender Matter? **Journal of Gerontology: Social Sciences**, Washington, DC, v. 61B, n. 6, p. 315-322, 2006.

ROCHA, M. P. F.; VIEIRA, M. A.; SENA, R. R. Desvelando o cotidiano dos cuidadores informais de idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 61, n. 6, p. 801-808, nov.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a02v61n6.pdf>>. Acesso em: 6. nov. 2017.

RUBINSTEIN, R. L. et al. Relationships of Never Married, Childless Older Women: A Cultural Analysis. **Journal of Gerontology**, Washington, DC, v. 46, n. 5, p. S270–S277, 1991. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3199223/>> Acesso em: 14 out. 2017.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>>. Acesso em: 9 out. 2017.

SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
SÃO PAULO (Cidade). Secretaria da Saúde. **Serviços**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/atencao_basica/pessoa_idosa/index.php?p=5498>. Acesso em: 8 nov. 2017.

SEICHO-NO-IE. **Seicho-No-Ie do Brasil**. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<http://www.sni.org.br/>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

SESC SÃO PAULO. **Sobre o Sesc**. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/o-que-fazemos/586_IDOSOS>. Acesso em: 8 nov. 2017.

SILVA, N; CACHIONI, M; LOPES, A. Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI EACH-USP. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15251/11377>>. Acesso em: 14 out. 2017.

SOCORRO, T. C.; DIAS, C. M. S. B. O ciclo vital da família: percepções e vivências de mulheres idosas. In: FALCÃO, D. V. S. (org.). **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas: Papirus, 2010. p. 91-109.

SOUZA, L. M.; LAUTERT, L.; HILLESHEIN, E. F. Qualidade de vida e trabalho voluntário em idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, 2011; v. 45, n. 3, p. 665-71, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000300017>. Acesso em: 6 nov. 2017.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SUZUKI, M. Y.; FALCÃO, D. V. S. O significado da viuvez e as relações familiares de viúvas idosas. In: FALCÃO, D. V. S. (org.). **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas: Papirus, 2010. p. 211-232.

TANABA, M. Internalization of aging in adulthood. **Tohoku Psychological Folia**, [S. l], Sendai, v. 55, p. 52-58, 1996. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwimlNq7967XAhXHF5AKHUTIAd4QFgg-MAI&url=https%3A%2F%2Ftohoku.repo.nii.ac.jp%2F%3Faction%3Drepository_action_common_download%26item_id%3D1561%26item_no%3D1%26attribute_id%3D18%26file_no%3D1&usq=AOvVaw31E6KPu120cIKyARyDrKGx>. Acesso em: 4 nov. 2017.

TRINDADE, Nancy Rabello de Barros. **A bruxa nos contos de fada**. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

UNITED NATIONS. Division of the Advancement of Women. Department of Economic and Social Affairs. **Gender Dimensions of Ageing**. [S. l.], 2002. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/public/ageing-final.pdf>>. Acesso em 9 out. 2017.

VERGUEIRO, P. V. Jung, entrelinhas: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individuação em Cartas. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100010>. Acesso em: 2 nov. 2017.

VILHENA, M. A. F. O desenvolvimento da personalidade e o processo de individuação: a visão de Jung e de pós-junguianos: considerações sobre a infância. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (orgs.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 32-48.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 207-308.

WEISER, J. **PhotoTherapy Techniques**: Exploring the Secrets of Personal Snapshots and Family Albuns. B. C. Psychologist (Special issue on Media & Psychology), 2008. Disponível em: <http://www.bc-psychologist.com/downloads/other/Weiser_BCPA_08.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2017.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Ageing and Health**. Genebra, 2015. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs404/en/>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Proposed working definition of an older person in Africa for the MDS Project**. Genebra, [2016?]. Disponível em: <<http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>>. Acesso em: 9 out. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Women, Ageing And Health**: A Framework for Action: Focus on Gender. Genebra, 2007. Disponível em: <<http://www.who.int/ageing/publications/Women-ageing-health-lowres.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2017.

ZANONI, A. P. **Imagens da solidão na contemporaneidade**: a contribuição do filme Her em uma perspectiva junguiana. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “O Envelhecer na Percepção de Mulheres Idosas Solteiras e sem Filhos: um estudo na perspectiva da Psicologia Analítica”, que será realizado através do Instituto de Psicologia IP da USP – Universidade de São Paulo, como parte da pesquisa de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano.

Estas informações estão sendo fornecidas para a sua participação voluntária no estudo que tem por objetivo compreender a percepção de mulheres idosas solteiras e sem filhos a respeito do seu próprio processo de envelhecimento. A justificativa do trabalho é a necessidade de se estudar as mulheres que não seguiram pelo padrão da sociedade relacionado ao matrimônio e à maternidade, tendo em vista que pouco se sabe a respeito do assunto.

A presente pesquisa não prevê nenhum tipo de benefício e também nenhum gasto financeiro à participante, sendo sua participação totalmente voluntária. Entretanto, a sua participação estará contribuindo para crescimento do estudo sobre sua faixa etária, pelo fato da presente pesquisa abordar um tema ainda pouco pesquisado no país: a vida de mulheres idosas solteiras e sem filhos. Ajudando, assim, a identificar novas formas de experienciar a velhice enquanto etapa da vida.

A participação ocorrerá por meio de duas entrevistas a serem realizadas pela mestrandia Adriana Mara Leopold, no local escolhido pela participante. Na primeira entrevista a participante deverá apresentar um retrato seu atual, conforme solicitado no primeiro contato, para a partir deste responder a perguntas semiabertas que servirão como roteiro. A segunda entrevista também contará com algumas questões semiabertas para abordar o objetivo da pesquisa. Cada encontro deverá ter duração de uma hora e meia e será gravada em áudio. A participante tem a opção de autorizar ou não a publicação de seu retrato, preservando o anonimato.

A presente pesquisa foi enviada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP. De acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CONEP) e zelando por evitar ou minimizar qualquer situação de

desconforto ou constrangimento, como cautela, será garantida a interrupção das entrevistas e da participação na pesquisa assim que solicitado pela participante. A pesquisadora, enquanto psicóloga, estará disponível para ajudar em caso de algum desconforto durante a entrevista. E, em caso de sofrimento causado pelo conteúdo da pesquisa, prevê-se encaminhamento para atendimento médico ou psicológico, conforme a situação.

Será garantido o anonimato, salvo por vontade e solicitação da própria participante, assim como a garantia do sigilo quando da divulgação dos dados em todas as fases da pesquisa que assim desejarem. As gravações serão guardadas por um período de dois anos e estarão em posse da pesquisadora, com livre acesso por parte da participante.

Garantia de Acesso

Os contatos para as entrevistas, como serão pontuais, podem não esclarecer todas as questões e dúvidas da participante. Portanto, é assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que a participante queira saber antes, durante e depois da sua participação. O contato com a pesquisadora, bem como de seu professor orientador, pode ser feito a qualquer momento pelos dados abaixo:

Pesquisadora: Adriana Mara Leopold
adrianamleopold@usp.br
Tel: (11) 96950-5258

Prof. Orientador Lineu Norio Kohatsu
lineu@usp.br
Tel: (11) 3091-4356

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP
Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 – Bloco G, 2º andar, sala 27
CEP 05508-030 – Cidade Universitária – São Paulo/SP
E-mail: ceph.ip@usp.br Tel. (11) 3091-4182
Agendamento preferencialmente por e-mail, com introdução ao assunto.
Atendimento: das 8h30 às 12h e das 14h às 16h.

É garantida a plena liberdade de não querer participar do projeto de pesquisa ou de retirar o consentimento a qualquer momento, no caso da aceitação, sem qualquer prejuízo a participante. Fica assegurado que somente o pesquisador responsável e colaboradores da pesquisa terão acesso aos dados da participante e da entrevista. Estando garantidas, assim, a privacidade e a confidencialidade daquelas que optarem por não ter seu material divulgado de forma identificada em qualquer tempo.

Consentimento

Acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações sobre o estudo acima citado, que li ou que leram para mim. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos. Eu receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e a pesquisadora responsável deveremos rubricar todas as folhas do TCLE e assinar a última folha. Assim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa.

DATA: ____/____/____

Nome da voluntária da pesquisa: _____

Assinatura da voluntária da pesquisa: _____

DATA: ____/____/____

Nome da pesquisadora responsável: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

ANEXOS

ANEXO A

Parecer da Plataforma Brasil – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENVELHECER NA PERCEPÇÃO DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS E SEM FILHOS: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Pesquisador: Adriana Mara Leopold

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58239516.0.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.747.761

Apresentação do Projeto:

O processo de envelhecimento vem ganhando destaque em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento e procuram levar em consideração aspectos biopsicossociais. A cronologização da vida é uma realidade em todas as sociedades, mas não necessariamente representam a ideia subjetiva que o indivíduo tem sobre o próprio envelhecimento. O aumento da expectativa de vida tem resultado em fenômenos como maior número de mulheres que vivem a fase da velhice e que têm resignificado a experiência desta. As mulheres, que hoje são idosas, vivenciaram uma época em que o padrão era o matrimônio e maternidade. Pesquisas tem sido realizadas no sentido de verificar o impacto da saída dos filhos de casa, a avosidade e a viuvez para estas mulheres. Entretanto, pouco se fala a respeito de mulheres que não seguiram tais padrões. Esta pesquisa tem por objetivo entrevistar três mulheres com mais de 70 anos, solteiras e sem filhos, a fim de verificar qual a percepção de envelhecimento para elas. Será utilizada uma fotografia recente, escolhida pela participante como disparador para a primeira entrevista e na segunda entrevista serão feitas perguntas semi-abertas. O presente estudo tem como referência a pela Psicologia Analítica de Carl G. Jung que enfatiza a segunda metade da vida.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar como as mulheres idosas solteiras e sem filhos entendem o próprio processo de

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 1.747.761

envelhecimento.

A partir do relato de vida, rastrear e compreender as trajetórias de mulheres e o que as levaram a ter uma vida de solteira e sem filhos. Considerando-se o fato de terem escolhido ou não essas condições.

Buscar o entendimento que as participantes têm a respeito de envelhecimento e como se percebem enquanto idosas.

Elaborar reflexões sob a perspectiva da Psicologia Analítica a respeito do processo de individuação e envelhecimento para estas idosas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como riscos, a participação na pesquisa prevê: ter que se ausentar de atividades cotidianas durante o período da entrevista; por evocar histórias de vida, a pesquisa pode causar emoções com as quais a participante não se sente confortável em lidar; o conteúdo da entrevista poderá causar desconforto fisiológico.

Descrição dos benefícios: "A presente pesquisa não prevê nenhum tipo de benefício e também nenhum gasto financeiro à participante, sendo sua participação totalmente voluntária. Entretanto, a sua participação estará contribuindo para crescimento do estudo sobre sua faixa etária, pelo fato da presente pesquisa abordar um tema ainda pouco pesquisado no país: a vida de mulheres idosas solteiras e sem filhos.

Continuação do Parecer: 1.747.761

envelhecimento.

A partir do relato de vida, rastrear e compreender as trajetórias de mulheres e o que as levaram a ter uma vida de solteira e sem filhos. Considerando-se o fato de terem escolhido ou não essas condições.

Buscar o entendimento que as participantes têm a respeito de envelhecimento e como se percebem enquanto idosas.

Elaborar reflexões sob a perspectiva da Psicologia Analítica a respeito do processo de individuação e envelhecimento para estas idosas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como riscos, a participação na pesquisa prevê: ter que se ausentar de atividades cotidianas durante o período da entrevista; por evocar histórias de vida, a pesquisa pode causar emoções com as quais a participante não se sente confortável em lidar; o conteúdo da entrevista poderá causar desconforto fisiológico.

Descrição dos benefícios: "A presente pesquisa não prevê nenhum tipo de benefício e também nenhum gasto financeiro à participante, sendo sua participação totalmente voluntária. Entretanto, a sua participação estará contribuindo para crescimento do estudo sobre sua faixa etária, pelo fato da presente pesquisa abordar um tema ainda pouco pesquisado no país: a vida de mulheres idosas solteiras e sem filhos.

Ajudando, assim, a identificar novas formas de experienciar a velhice enquanto etapa da vida."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa claro quanto ao seu tema, objetivos e metodologia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As alterações indicadas pelo colegiado foram realizadas. O TCLE descreve os riscos e benefícios adequadamente.

Recomendações:

Sem novas recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 1.747.761

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_742499.pdf	07/09/2016 13:15:23		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta__CEP.docx	07/09/2016 13:15:00	Adriana Mara Leopold	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Adriana_M_Leopold_Projeto2_2016.doc	07/09/2016 13:09:44	Adriana Mara Leopold	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Adriana_M_Leopold_TCLE_2_2016.docx	07/09/2016 12:55:39	Adriana Mara Leopold	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura_AdrianaLeopold.docx	27/06/2016 11:17:01	Adriana Mara Leopold	Aceito
Folha de Rosto	AdrianaLeopold_FolhadeRosto_CEP.pdf	23/06/2016 21:17:59	Adriana Mara Leopold	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declar_CEP_AdrianaLeopold.jpg	23/06/2016 21:15:11	Adriana Mara Leopold	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

Página 03 de 04

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 1.747.761

SAO PAULO, 27 de Setembro de 2016

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

ANEXO B

Outra Vez

Intérprete: Roberto Carlos **Álbum:** Outra vez (1977)

Compositor: Isolda

Você foi!
O maior dos meus casos
De todos os abraços
O que eu nunca esqueci

Você foi!
Dos amores que eu tive
O mais complicado
E o mais simples prá mim...

Você foi!
O melhor dos meus erros
A mais estranha história
Que alguém já escreveu
E é por essas e outras
Que a minha saudade
Faz lembrar
De tudo outra vez...

Você foi!
A mentira sincera

Brincadeira mais séria
Que me aconteceu
Você foi!
O caso mais antigo
O amor mais amigo
Que me apareceu...

Das lembranças
Que eu trago na vida
Você é a saudade
Que eu gosto de ter
Só assim!
Sinto você bem perto de mim
Outra vez...

Me esqueci!
De tentar te esquecer
Resolvi!
Te querer, por querer
Decidi te lembrar
Quantas vezes
Eu tenha vontade
Sem nada perder...

Ah!
Você foi!
Toda a felicidade
Você foi a maldade
Que só me fez bem

Você foi!
O melhor dos meus planos
E o maior dos enganos
Que eu pude fazer...

Das lembranças
Que eu trago na vida
Você é a saudade
Que eu gosto de ter
Só assim!
Sinto você bem perto de mim
Outra vez...